

MEMORIAL DA JUSTIÇA DO TRABALHO NO RS



MEMÓRIAS DE TRABALHO E NÃO TRABALHO

QUILOMBOLA

**Memórias de trabalho
e não trabalho quilombola**



MEMORIAL DA JUSTIÇA DO TRABALHO NO RIO GRANDE DO SUL

Quem somos

Administração do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região

Gestão 2017/2019

Presidente Desa. Vania Cunha Mattos

Vice-Presidente Des. Ricardo Carvalho Fraga

Corregedor Regional Des. Marçal Henri dos Santos Figueiredo

Vice-Corregedor Regional Des. Marcelo Gonçalves de Oliveira

Comissão Coordenadora do Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul

Titulares

Desembargadora Aposentada Belatrix Costa Prado

Desembargador João Paulo Lucena

Juíza Anita Job Lübbe

Suplentes

Desembargadora Aposentada Maria Guilhermina Miranda

Desembargador Alexandre Corrêa da Cruz

Juiz Artur Peixoto San Martin

Equipe de Servidores

Diego Airoso da Motta

Fernando Estanislau Bressani Allgayer

Kátia Teixeira Kneipp

Marcio Meireles Martins

Maurício Oliveira Agliardi (Coordenador)

Paulo Roberto Rodrigues Guadagnin

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Marcio Meireles Martins
Organizador

Memórias de trabalho e não trabalho quilombola



São Leopoldo
2019

© Dos autores – 2019

Editoração: Oikos

Capa: Kátia Teixeira Kneipp

Ilustração da capa:

“Tronco-ventre: texturas que gestam”, por Raíssa Tonial

Revisão: Rui Bender

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Rotermond

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinos)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luís H. Dreher (UFJF)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Aachen / Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

M533 Memórias de trabalho e não trabalho quilombola. / Organizador:
Marcio Meireles Martins. – São Leopoldo: Oikos, 2019.

271 p.; il.; color.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-7843-916-3

1. Trabalho – Quilombola. 2. Quilombos – Porto Alegre – História.
I. Martins, Marcio Meireles.

CDU 331:326

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Agradecimentos

Aos sete quilombos urbanos de Porto Alegre que abraçaram o projeto e abriram as suas comunidades às pesquisas dos alunos autores. Em ordem de certificação pela Fundação Cultural Palmares:

Quilombo dos Silva, Portaria 35/2004 – DOU 10/12/2004

Quilombo do Areal, Portaria 35/2004 – DOU 10/12/2004

Quilombo dos Alpes, Portaria 26/2005 – DOU 08/06/2005

Quilombo Fidelix, Portaria 23/2007 – DOU 02/03/2007

Quilombo dos Machado, Portaria 61/2014 – DOU 21/05/2014

Quilombo dos Flores, Portaria 221/2017 – DOU 16/08/2017

Quilombo Lemos, Portaria 301/2018 – DOU 12/11/2018

À Frente Quilombola – RS, na pessoa do advogado Onir de Araujo, por suas contribuições para a concretização deste trabalho e por aceitar o convite e apresentar a introdução da obra.

Às administrações escolares e aos alunos e professores das sete escolas públicas, entre estaduais e municipais, dos ensinos fundamental ou médio, que durante três meses se dedicaram à tarefa de pesquisa e produção de textos e ilustrações sobre os povos negros territorializados ou quilombolas de Porto Alegre. São elas:

Escola Estadual de Ensino Fundamental Bahia

Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot

Escola Estadual de Ensino Médio Professor Oscar Pereira

Colégio Estadual Protásio Alves

Escola Municipal de Ensino Básico Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha

Escola Municipal de Ensino Fundamental Gabriel Obino

Colégio Estadual Paraná

A Roberta Liana Vieira, que acreditou no projeto quando esse era apenas uma ideia e cujo apoio e participação, em todo o processo, foram fundamentais para a sua realização.

À professora Neiva Inês Lazzarotto, do Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot.

A Raíssa Tonial pela ilustração da capa; ao fotógrafo Luís Pedro da Rosa Fraga e à Secretaria de Comunicação Social do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, na pessoa do servidor Inácio do Canto Rocha Filho. Todos produziram imagens, além daquelas apresentadas pelas escolas, plenas de beleza e de significado.

Agradecimento especial ao Professor José Carlos Gomes dos Anjos por gentilmente aceitar o nosso convite para, com a colaboração do Professor Paulo Sérgio da Silva, prefaciar o livro. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e pós-doutor pela Ecole Normale Supérieure de Paris (2007), o Professor José Carlos Gomes dos Anjos é, atualmente, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul atuando na Pós-Graduação em Sociologia e Desenvolvimento Rural.

A todas e todos o nosso reconhecimento e gratidão.

Nós enxergamos a cidade, mas a cidade não nos enxerga.

Rosangela da Silva Ellias – Janja
Quilombo dos Alpes

Sumário

Apresentação	11
Prefácio	15
Introdução	21
QUILOMBO DOS SILVA	
Escola Estadual de Ensino Fundamental Bahia	25
QUILOMBO DO AREAL	
Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot	59
QUILOMBO DOS ALPES	
Escola Estadual de Ensino Médio Professor Oscar Pereira	87
QUILOMBO FIDELIX	
Colégio Estadual Protásio Alves	103
QUILOMBO DOS MACHADO	
Escola Municipal de Ensino Básico Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha	119
QUILOMBO DOS FLORES	
Escola Municipal de Ensino Fundamental Gabriel Obino	149
QUILOMBO LEMOS	
Colégio Estadual Paraná	187
Imagens.....	225

Apresentação

As relações de produção da vida estabelecidas em determinados momentos da história da humanidade podem apresentar contornos violentos. Com efeito, o trabalho de negras e negros, escravizados, que desembarcaram no Brasil, foi responsável por boa parte das riquezas aqui produzidas e esteve marcado pelo emprego sistemático de diversas formas de violência. Alternativamente e contra a estrutura escravocrata então vigente, homens e mulheres organizaram-se em quilombos; alguns sobrevivem até os nossos dias.

Os processos de ressignificação pelos quais passaram os quilombos para atender os desafios das transformações históricas e sociais não impediram a permanência de um aspecto significativo de sua organização a solidariedade. Não é difícil reconhecer que, ainda hoje, os quilombos são lugares de resistência, luta, trabalho, dignidade e vida.

A par disso, e desafiado pelo tema da 17ª Semana Nacional dos Museus¹, o Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul decidiu abrir um espaço para essa história e, em consonância com os seus objetivos de desenvolver atividades e promover pesquisas que abordem aspectos da história das relações de trabalho e emprego no Brasil, convidou escolas públicas de Porto Alegre para ajudar nessa tarefa.

Mas quais escolas convidar? Aqui, o diálogo com os quilombolas foi determinante. As escolas selecionadas foram aquelas localizadas

¹ A 17ª edição da Semana Nacional de Museus, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus – Ibram em maio deste ano de 2019, teve como tema os “Museus como Núcleos Culturais: o Futuro das Tradições”. A ideia foi apresentar os museus como centros emanadores e receptores de práticas, costumes e pensamentos de nossa cultura.

nas vizinhanças dos quilombos e que, por essa razão, acolhem muitas das suas crianças e adolescentes. As escolas aceitaram o desafio e embarcaram incondicionalmente no projeto.

Foi então que o Memorial incluiu em sua programação, voltada para a 17ª Semana Nacional dos Museus, uma mesa-redonda intitulada “Memórias de Trabalho e Não Trabalho Quilombola”. O debate, dirigido a servidores, magistrados, quilombolas e alunos das redes estadual e municipal de ensino, buscou sensibilizar os envolvidos e foi o ponto de partida para o desenvolvimento, por parte dos alunos, de atividades de pesquisa e produção de material sobre os quilombos urbanos da capital dos gaúchos.

O Memorial realizou diversas reuniões entre sua equipe e representantes das escolas e dos quilombos. Ao todo foram sete escolas e sete comunidades quilombolas envolvidas. Os vinte e oito professores de diversas disciplinas orientaram os mais de 140 alunos de diferentes faixas etárias e anos escolares em entrevistas e na elaboração de materiais. Muitas mãos e múltiplos olhares. As escolas foram até os quilombos e receberam os quilombolas para conversar nas salas de aula ou bibliotecas escolares. Resultado desse intenso trabalho, o material produzido é agora apresentado neste livro.

O Memorial não interferiu no processo ou metodologia de pesquisa, a critério das escolas, a não ser para reforçar a necessidade de se atentar para o objetivo originário de evidenciar o universo do trabalho nas fotografias, desenhos, poemas ou textos produzidos pelos alunos. Compreendeu-se, porém, que as abordagens do aluno/pesquisador/autor e as urgências dos quilombos urbanos porto-alegrenses podem ter resultado num relativo distanciamento dos objetivos iniciais. Esse fato, contudo, não invalida o esforço coletivo e a qualidade e importância do material produzido, como se verá nas ilustrações e nos textos trazidos ao leitor. Dessa maneira, o conteúdo aqui apresentado, dis-

posto em sete capítulos, um para cada quilombo, é de inteira responsabilidade das instituições de ensino participantes, não expressando necessariamente a opinião do Memorial ou do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região.

Um capítulo é dedicado às fotos dos muitos encontros e reuniões entre alunos, professores e quilombolas. Tiradas pelos próprios alunos ou por fotógrafos que acompanharam o desenvolvimento do projeto, elas revelam o engajamento de todas e todos e são um registro incontornável da presença dos quilombos no cenário porto-alegrense.

O projeto possibilitou a aproximação entre o Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul e as comunidades escolar e quilombola e favoreceu a discussão, dentro e fora das escolas, acerca das experiências de trabalho dos povos negros territorializados e suas contribuições para a formação social rio-grandense. Finalmente, talvez tenha ainda propiciado o gosto pela produção textual com perspectiva histórica entre os alunos/pesquisadores/autores dos ensinos fundamental e médio.

Boa leitura!

Marcio Meireles Martins

Prefácio

Na geo-história de Porto Alegre constam o Areal da Baronesa, a Ilhota, a Colônia Africana, como antigo cinturão negro, lugares de alteridade, externos à reduzida centralidade da cidade branca do século XIX. O processo pelo qual a Colônia, o Areal e a Ilhota foram removidos e o centro branco da cidade alargado não retirou o negro do centro da cidade completamente. Os relatórios socioantropológicos de reconhecimento das comunidades urbanas remanescentes de quilombos de Porto Alegre dão a conhecer a um público não apenas acadêmico uma cidade ainda agora intensamente negra. Ao expor o vínculo entre as comunidades quilombolas urbanas de Porto Alegre e a história da Colônia Africana, da Ilhota e da Colônia Africana, os relatórios apresentados pelo INCRA ao longo dos anos 90 e 2000 reescrevem a história da cidade. As Comunidades Remanescentes Quilombo da Família Silva, Quilombo da Família Lemos, Quilombo da Família Flores, Quilombo dos Alpes, Quilombo do Areal da Baronesa, Quilombo da Família Fidelix e Quilombo dos Machado revelam uma história “do negro sempre aí” na cidade de Porto Alegre. Mas, para que essa visibilidade se concretize de forma ampla, é necessário que as novas gerações sejam educadas para apreender bem essa outra face da cidade. É isso que a pedagogia do projeto Memórias de Trabalho e Não Trabalho Quilombola mais expõe. O texto abaixo reflete essa exposição de múltiplas formas, como na fala de um aluno que poetiza: “existe um povo que luta há anos para manter a história dos Quilombos viva”.

A destruição da Colônia Africana não é o início do ciclo de expulsão dos bairros negros de uma cidade cuja área nobre cresce destruindo as formas sociais subalternas, principalmente as formas da “pe-

rigosa” pulsão das intensidades negras. São provavelmente os negros expulsos das ruas Fernando Machado, Demétrio Ribeiro e outros becos a partir da década de 1890 os primeiros largos contingentes a sofrer o processo. Desse contingente e de refugiados do mundo rural se formou a Colônia Africana como lugar de trabalhadores braçais. A Colônia abasteceu a cidade de carroceiros, cargueiros, pedreiros, mas configurou um lugar de perigo até a sua vez de ser substituída pelo “higienizado” Rio Branco. Na memória repassada de geração em geração, os lugares de presença negra no atual centro da cidade eram verdadeiros quilombos. O processo de remoção de bairros negros deixa rastros na memória coletiva dos afro-brasileiros, desenhando o sentido de um ser em processo diaspórico.

Da década de 90 ao início do século XXI, os negros, que nunca deixaram de povoar o imaginário da cidade de intensidades negras, explodem na forma de sete comunidades remanescentes de quilombos urbanos e emolduram em negro o sentido da história da cidade de Porto Alegre. É essa outra face da cidade que se expõe neste livro, escrito por uma multidão de pequenas mãos. Elas testemunham toda uma outra política do corpo, dos prazeres, de uma incontida afirmação da vida, que reescreve a geografia da cidade. Porto Alegre passa a se assegurar como uma cidade carregada de pontos negros de territórios que não foram suprimidos pela assepsia racial hegemônica.

No caso de Porto Alegre, como no das grandes metrópoles brasileiras em geral, o zoneamento da cidade em bairros pobres de concentração da população negra, etnicamente distinta dos bairros de classe média alta acentuadamente eurodescendente, tem sido fortemente influenciado pela operação dos mercados imobiliários. A tendência do planejamento urbano ao longo dos últimos cem anos tem sido a de encarar essas áreas de concentração de pobres, em sua maioria negros, como desagradáveis à vista, como regiões de trás a serem escondidas em enclaves fechados ou transferidas para os arredores das cidades. A

esse movimento de encobrimento, os alunos em processo de aprendizado nos territórios quilombolas respondem de forma contundente. Ao enunciado “tem que tirar essa negrada daí” respondem com uma contrassentença: “Queríamos até morar no Quilombo para fazer parte ainda mais da resistência”.

O livro “Memórias do Trabalho e do Não Trabalho Quilombola” é o registro de uma potente ação que, durante 2019, movimentou as sete Comunidades Remanescentes de Quilombos, oficialmente reconhecidas na cidade de Porto Alegre, e a vida escolar das instituições de ensino que atendem essas comunidades. Entre entrevistas, poesias, fotografias e desenhos, alunos, professores e quilombolas teceram um processo de construção coletiva de conhecimentos. As escolas, ao serem indicadas pelas comunidades, tiveram reconhecida junto ao público a sua importância nos processos de formação pedagógica e de construção de uma perspectiva de cidadania crítica. As comunidades, ao serem reconhecidas pelas escolas como sujeitos sociais de direitos e sendo vistas como atores inseridos de modo ativo nas comunidades escolares, têm o reconhecimento tácito dos seus pleitos políticos. Assim as escolas contribuem para o fortalecimento da permanente luta quilombola por reparação, dignidade e justiça. Cada uma das sete comunidades quilombolas urbanas, reconhecidas no município de Porto Alegre e apresentadas pelos estudantes das sete escolas públicas, trazem para o centro das discussões pedagógicas a importância de reflexões sobre educação das relações étnico-raciais, a educação antirracista e uma perspectiva de educação escolar quilombola. Se acreditamos que a educação é a chave para o desenvolvimento do país, temos a certeza de que uma educação que valorize a diversidade étnico-racial e as lutas antirracistas é um dos pilares mais sólidos para garantir a dimensão da equidade nesse desenvolvimento.

Os textos aqui apresentados são resultados de intensos movimentos de articulação política promovidos pelo Memorial do Tribunal Re-

gional do Trabalho da 4ª Região, pela Frente Quilombola do Rio Grande do Sul e pelas comunidades remanescentes de quilombos. Segue a essa articulação inicial um intenso diálogo entre o Memorial do TRT, os movimentos sociais negros, as comunidades em volta dos quilombos e as escolas que por meses trilharam as rotas dos quilombos urbanos de Porto Alegre.

A perspectiva de uma educação escolar quilombola tem por meio desta produção que aqui apresentamos mais um importante contorno pedagógico que contempla a possibilidade que valoriza a diversidade e reafirma a luta por dignidade e direitos das comunidades negras. De sete pontos geográficos distintos da cidade de Porto Alegre sete encontros carregados de significados compõem histórias da justa e necessária resistência do povo negro quilombola.

No todo, são os corpos negros que se tentava evacuar da geografia do centro da cidade. Na cidade de Porto Alegre, bustos e estátuas negras são raros. À invisibilidade do negro nas representações como estátuas, bustos e chafarizes o corpo afro-brasileiro do desejo responde com percursos, retornos, alaridos e festas. Se monumentos, estátuas e bustos têm a pretensão de representar a moral, o direito, a cultura e a ideologia das instituições públicas, a cultura subalterna responde com uma lógica das multiplicidades fluidas, das historicidades trilhadas de novo e territórios africanos que se reinventam. No encontro dos estudantes como o território negro explode a alegria na forma de poesia. Dizem eles coisas como: “O Quilombo é um território lindo! Tem muitas coisas lá e é um lugar sagrado para os quilombolas, que muitas vezes não são respeitados”. Direito e respeito são os termos-chaves do livro. Por meio da oposição entre o sagrado do território e o desrespeito com que os quilombolas normalmente são tratados, alunos do quinto ano introduzem uma fenda no senso comum. Com o enunciado: o quilombo é um território lindo desfaz-se a sentença que associa o negro e o quilombo à feia precariedade.

Ressaltam os alunos que “a maioria das mulheres trabalha como empregadas domésticas e os homens na construção civil, além de outras atividades informais sem carteira assinada, e muitos não usufruem dos mínimos direitos legais de um cidadão trabalho. Dentro do quilombo realizam atividades de mutirão e autoajuda sem remuneração”. Nesse ponto entra o projeto: A desconstrução da categoria trabalho se dá pelo alargamento do sentido em direção ao esforço e às atividades que constroem a infraestrutura material e imaterial do que somos, mas que se apresenta como não trabalho, o trabalho que não é nem remunerado tampouco reconhecido. Que seria de nós humanos sem o trabalho de cuidado, tão mal reconhecido, que da infância à velhice nos assegura a dignidade. É nesse trabalho infraestrutural invisível que a maioria das mulheres quilombolas se insere dentro e fora da comunidade.

O livro e o projeto, ao tratarem com cuidado, carinho e respeito as trajetórias das escolas e das comunidades, expressam de modo singular a mediação de dedicados professores que orientam os seus alunos das mais diversas faixas etárias, séries e anos-ciclos num processo de ensino e aprendizagem para a diversidade. De toda sorte, é importante destacar a presença e a participação do Memorial do TRT nesse processo que por meio dos seus técnicos estabeleceu uma relação de muito zelo ético no trato sensível entre os distintos públicos que encararam esse importante desafio.

Por certo, o leitor fisgado por esse projeto irá se encantar com a expressão da aluna no estilo: “nada mais me satisfaz do que uma boa entrevista longa com uma mulher fantástica de oitenta e oito anos e sua alegria em viver”. Quando o aprendizado que satisfaz não se dá mais apenas com a erudição professoral, mas se maximiza na conversação com pessoas que se encontram em situação de subalternidade e inseridas em contextos culturais diferentes daqueles dos alunos, podemos ter a certeza de que uma revolução eclode silenciosamente.

Por fim, agora faz sentido aquela frase ouvida por alguns professores ao longo das diversas trilhas nos caminhos dos quilombos...

– Professor, agora entendi o que é quilombo.

Professor José Carlos Gomes dos Anjos

Professor Paulo Sérgio da Silva

Introdução

A introdução à presente obra, diga-se de passagem inédita no que se refere ao conteúdo, ao método e aos protagonistas e autores, revelou-se não somente um desafio, considerando a carga afetiva, emocional, pelo fato de muitos dos mesmos, além de amigos e amigas, serem parceiros e parceiras herdeiros e herdeiras de tradições imemoriais da luta do povo negro, em especial no município de Porto Alegre.

A obra, com o auspicioso apoio do Tribunal Regional do Trabalho da Quarta Região, através do esforço de servidoras e servidores do Memorial da Justiça do Trabalho, permite um vislumbre para o leitor de uma Porto Alegre pulsante, contida e pouco visível, resiliente e potente.

Escrita por várias mãos, em especial dos jovens e adolescentes das várias escolas e equipamentos públicos próximos e no entorno dos sete territórios quilombolas autorreconhecidos e em processos administrativos diferenciados em sua regularização fundiária, a saber, Quilombo da Família Silva, Quilombo do Areal da Baronesa, Quilombo Fidelix, Quilombo dos Machado, Quilombo dos Flores e Quilombo dos Lemos, com a diligente orientação dos educadores e educadoras, bem como das lideranças quilombolas e mediação do TRT da Quarta Região, permitiu uma experiência única para os envolvidos de troca e partilha.

O instigante tema da obra nos provoca, Trabalho e (Não) Trabalho Quilombola, e fatalmente nos remete à memória.

O mito fundador do trabalho, como moderna e predominantemente aponta, é indissociável de referenciais europeus e judaico-cristãos; vejamos GÊNESIS 3.17-19:

“Javé Deus disse para o homem: Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você a erva dos campos. Você comerá seu pão com o suor do seu rosto até que volte para a terra, pois de lá foi tirado, você é pó e ao pó voltará”.

Nessa ótica, interpretando o texto bíblico, pelo Deus dos cristãos, o trabalho (castigo) foi criado para castigar o pecado, dissociando-o de qualquer benefício para o seu executor, que como pecador deve ser submetido, controlado em benefício de quem o controla e em detrimento do seu produtor.

Essa lógica vai evoluir para que, como nos ensina o Mestre Antônio Bispo dos Santos em sua obra “Colonização e Quilombos Modos e Significações”, editado e publicado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa à p. 31 que “talvez por isso o produto concreto do trabalho (castigo) tenha evoluído facilmente para a condição fetichista de mercadoria sob o regime do Deus dinheiro”.

Ainda na esteira do Mestre Antônio Bispo dos Santos, na mesma obra referida, entramos na seara do (não) trabalho: “Nas religiões de matriz afro-pindorâmicas, a terra, ao invés de ser amaldiçoada, é uma deusa e as ervas não são daninhas. Como não existe o pecado, o que há é uma força vital que integra todas as coisas. As pessoas, ao invés de trabalhar, interagem com a natureza, e o resultado dessa interação, por advir de relações com deusas e deuses materializados em elementos do universo, se concretiza em condições de vida”.

Portanto o tema da obra em epígrafe nos remete a um choque ou a um confronto de modelos civilizatórios, que, considerando o quadro atual, está longe de uma síntese justa.

São os ecos dessa contradição que estarão reverberando na presente obra. Inafastável desconsiderar os impactos de 350 anos de escravização, bem como, na pós-abolição de 1888, a substituição da mão de obra escravizada pela imigração europeia, a impossibilidade de acesso à terra, de acesso à educação e aos bens, ditos universais, a criminalização das expressões culturais e religiosas negras, fatores que seguiram, digamos, repaginando o processo de violência colonial/escravista sucessivamente.

Mesmo com o advento da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), quando com a reserva de vaga para nacionais e com os sucessivos adventos de industrialização, que para alguns autores seria um fator essencial para integração dos descendentes de escravizados no mundo formal do trabalho, não só não se efetivou, como quando o fez, ao desconsiderar esses fatores históricos, fê-lo precariamente. Como exemplo podemos citar as trabalhadoras e trabalhadores domésticos, que só tiveram plenamente equiparados seus direitos aos trabalhadores em geral em 2014.

Sem medo de errar, além do cuidado do território, um dos aspectos do (não) trabalho reconhecido, cabe frisar que boa parte dos quilombolas se localizam na franja de trabalhadores e trabalhadoras já precarizados, em empresas terceirizadas ou quarteirizadas e tendo pouco valorizados os seus conhecimentos e saberes e, somando-se a isso, com o seu chão e seu território, indissociáveis de seus corpos permanentemente ameaçados face à demora e letargia em se concretizar o comando constitucional previsto no Artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias (Art. 68: Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos).

Esta obra que se apresenta aos leitores, desafiadora e seminal, transitou e transita em dois mundos, entre educadores e educadoras

heróis e heroínas tão desrespeitados com 43 meses de salários mitigados, a Justiça do Trabalho com os seus contrapesos legais e conquistas sociais ameaçados, os servidores e servidoras com seus direitos ameaçados. Esse contato, esse trânsito com os estudantes em geral e estudantes quilombolas, com os territórios e com os próprios quilombolas e suas lideranças, abre uma perspectiva de reflexão e ação para a superação do racismo estrutural vigente e na construção do respeito necessário para a construção do bem viver de todos e todas.

Onir de Araujo

Advogado e membro da Frente Quilombola do RS

QUILOMBO DOS SILVA

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL BAHIA



Jhonatan Muniz Pacheco / Quarto Ano.

DIREÇÃO:

Cimara Regina Grohs

VICE-DIREÇÃO:

Gabriela Borsato

SUPERVISÃO:

Márcia Duarte Ramos Calazans

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA:

Luciane Zambonato Sartori

PROFESSORES ORIENTADORES:

Caroline Felipe, Professora de Arte

Greicy Roberta dos Santos Araujo, Professora de Português

Juliane da Silva Silveira, Professora de Tempo Integral

Lissandra Cardoso Rodrigues dos Santos, Professora de Tempo Integral

ALUNOS AUTORES:

Altamir Almeida Matteo, 5º ano

Ana Clara Hoffmann Ramos, 4º ano

Ana Laura Martins Auler, 6º ano

Ana Maria Pasqual Demetrio, 6º ano

Ashley Limberg Lopes Maesserchmedt Ferreira, 5º ano

Bernardo Alves Carvalho, 6º ano

Camile Falet dos Santos, 5º ano

Cauê Arthur Dinarte Guedes, 6º ano

Dyuli Gabrieli Franca Ribeiro, 5º ano

Eduarda Peixoto Kubiaki Correa, 4º ano

Esheley Gabrieli de Castro Maciel, 6º ano

Ethielle Almeida da Luz, 5º ano

Evelyn Padilha de Moura, 5º ano

Gabriel Peixoto Kubiaki Corrêa, 5º ano

Igor da Luz Sales, 6º ano

Isabelli Dias Gomes, 4º ano

Isabelly Beatriz Fernandes da costa, 6º ano
Isadora da Silveira Freitas, 4º ano
Isadora Lucas Rodrigues, 4º ano
Jhonatan Muniz Pacheco, 4º ano
João Felipe da Prato de Lima, 4º ano
Julia de Oliveira Duarte, 4º ano
Kauanny Dornelles Falcao, 4º ano
Kayala Camargo de Oliveira, 5º ano
Larissa Eloa Franca dos Santos, 4º ano
Lathifa Thalita Almeida Metcke, 6º ano
Lavínia Tailane de Jesus de Paula, 5º ano
Litielli Vitoria Morrudo Cardoso, 4º ano
Lucas da Silva de Oliveira, 5º ano
Lucas Eduardo Muniz Mendonça, 7º ano
Luyza Ribeiro Lemos, 4º ano
Manuela Herrera Calliari, 6º ano
Mariana da Silva Correa, 4º ano
Mariana Schmengler Guedes, 6º ano
Marina Nunes da Silva, 5º ano
Natalie Rebeca da Prato de Lima, 5º ano
Nathan Casa Nova, 5º ano
Pedro Henrique Rodrigues dos Santos Mendes da Costa, 4º ano
Richard Macedo de Lima, 6º ano
Sophia Gabrielly Pereira Ramos, 4º ano
Stefany Gallo, 5º ano
Suyan Alessandra Neder Fonseca dos Santos, 5º ano
Taiane Pires da Cruz, 4º ano
Thales Campos Silva, 5º ano
Yasmin da Silveira Ayala, 4º ano

QUILOMBOLA ENTREVISTADO:

Lígia Maria da Silva

A RESISTÊNCIA DO QUILOMBO

A luta dos Silva

No meio de um bairro nobre da capital existe um povo que luta há anos para manter a história dos quilombos viva.

Com muita resistência e batalha, eles conquistaram o direito de permanecer no local.

Mas a luta continua, pois ainda tentam tirá-los de lá.

O Quilombo dos Silva é uma comunidade carregada de histórias, lutas, perseverança e também um lugar acolhedor. Quando nós, quinto ano da Escola Bahia, chegamos lá, sentimos a liberdade que os livros e as pesquisas que fizemos nos contam.

É um orgulho imenso ter um lugar como esse em nossa cidade e esse principalmente, pois é considerado o primeiro quilombo urbano no Brasil.

Hoje em dia, o Quilombo não é como antes, mas carrega as marcas da escravidão: grande parte dos moradores trabalha em empregos não muito valorizados, não tem incentivo para estudos, porque desde pequenos já precisam trabalhar. Isso acontece em muitos lugares do Brasil; por isso é importante a união, usufruir dos direitos adquiridos e continuar lutando por igualdade.

Quilombo dos Silva

A vida no Quilombo

Em uma escola do estado foi organizado um projeto social para valorizar a história dos quilombolas. Nós da turma 52, dessa escola, fazemos parte desse projeto.

Ficamos muito interessados em conhecer mais sobre a cultura que faz parte da nossa história.

Foi sugerida uma visitação a esse local que luta até hoje para obter seu espaço contra a elite social que tenta tirá-los de lá.

Antes da visitação, estudamos sobre o Quilombo para saber mais sobre a história deles.

Estamos nos sentindo honrados por conhecer a história, que nos fortalece. Queríamos até morar no Quilombo para fazer parte ainda mais da resistência. Mas a luta continua, pois ainda é necessário conquistar o seu espaço na sociedade. As marcas da escravidão ainda estão muito vivas, quando ouvem dizer “tem que tirar essa negrada daí” ou quando percebemos que grande parte dos moradores não tem faculdade, precisa trabalhar e não tem tempo para estudar.

Precisamos mudar isso e temos como, pois o estudo e o uso de cotas é o que pode mudar essa situação.

Autores: Altamir de Almeida Matteo; Ashley Limberger Lopes Maesserchmedt Ferreira; Camille Faiet dos Santos; Dyuli Gabrieli Franca Ribeiro; Ethielle Almeida da Luz; Evellyn Padilha de Moura; Lucas da Silva de Oliveira; Nathan Casa Nova; Thales Campos Silva; Gabriel Peixoto Kubiaki Corrêa; Kayla Camargo de Oliveira; Lavínia Tailane de Jesus de Paula; Marina Nunes da Silva; Natalie Rebeca da Prato de Lima; Stefany Gallo; Suyan Alessandra Neder Fonseca dos Santos / Quinto Ano.



Ilustração: Altamir de Almeida Matteo; Ashley Limberger Lopes Maesserchmedt Ferreira; Camille Faiet dos Santos; Dyuli Gabrieli Franca Ribeiro; Ethielle Almeida da Luz; Evellyn Padilha de Moura; Lucas da Silva de Oliveira; Nathan Casa Nova; Thales Campos Silva; Gabriel Peixoto Kubiaki Corrêa; Kayla Camargo de Oliveira; Lavínia Tailane de Jesus de Paula; Marina Nunes da Silva; Natalie Rebeca da Prato de Lima; Stefany Gallo; Suyan Alessandra Neder Fonseca dos Santos / Quinto Ano.

A Seringueira Nova

Eu tenho uma seringueira
Ela é nova
E ela brilha ao nascer do sol.
Olha só uma pessoa quilombola!
Linda e maravilhosa
Poética e charmosa
Brilhante e cantante
Chama a atenção do sol
Deslumbrante.

Autora: Litielli Vitória Morrudo Cardoso / Quarto Ano



Registro de Caroline Felipe/ Detalhe da árvore falsa seringueira ou figueira, Quilombo dos Silva.

O Direito

Menina negra
Menina guerreira
Menina branca estanca.
Os negros sofrem
Gritam por ajuda
Vamos lutar
Para isso acabar.
Eles têm seus territórios
Que fazem parte do repertório.
Eles querem o respeito
Eles têm o direito.
Vários já morreram
Outros sobreviveram.
E aqui fica o poema
Que tem o dilema.

Autoras: Isabelli Dias Gomes / Taiane Pires da Cruz / Sophia Gabrielly
Pereira Ramos / Quarto Ano

A Menininha

Sou uma menininha
Que gosta de estudar
E de fazer amizades.
Quando estudo matemática
Tenho felicidade
Depois, quando na vida eu crescer
Trabalharei em um espaço bom
Onde haja consideração
Esse espaço de respeito
Ganhará minha responsabilidade e dedicação
Como uma árvore no chão
A raiz, caule e copa
Eu procuro a perfeição.

Autora: Kauany Dornelles Falcão / Quarto Ano

Negros e Quilombos

A Lígia é negra. A árvore seringueira é forte. Os quilombos são muito guerreiros. Os negros são muito justos, já os passarinhos cantam pela manhã feito música para os ouvidos.

Muitas crianças do Quilombo dos Silva estudaram e outros estudam na Escola Bahia, e tem mais, a Lígia é quilombola! Guerreira, e nós, alunos do Colégio Bahia adoramos os quilombolas.

Por enquanto conhecemos só o dos Silva, adoramos!

Há muito tempo atrás tinha escravidão, racismo, pouco respeito.

Hoje há mudanças, mas ainda devemos mudar muito mais.

Autoras: Ana Clara Hoffmann Ramos / Quarto Ano

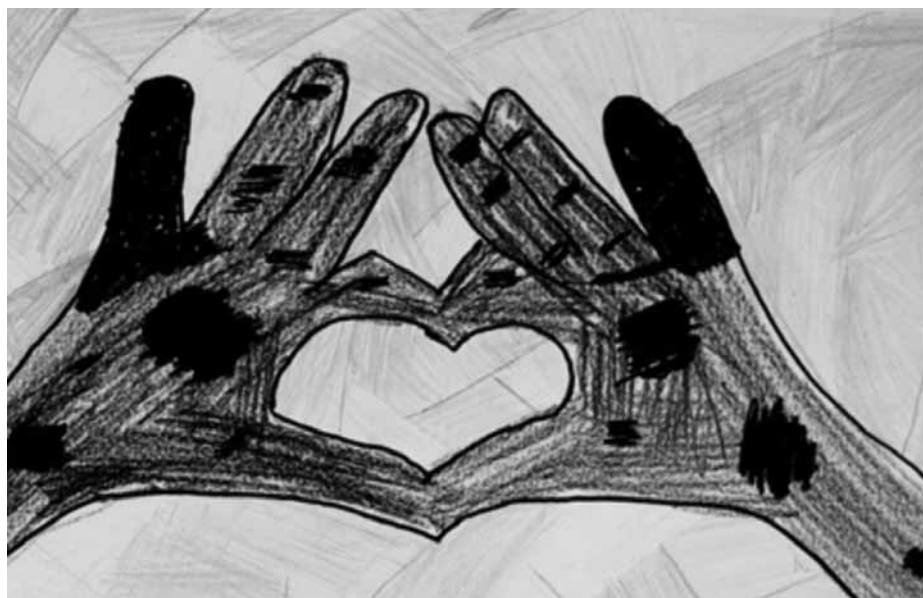


Ilustração de Larissa Eloa Franca dos Santos / Quarto Ano.

Luta

Enorme luta de Quilombos

Eles têm lindo esforço

Dedicação,

RESPONSABILIDADE QUILOMBOLA

Vontade

Fica a dica sobre como se deve viver a vida!

Autora: Isadora Silveira Freitas / Quarto Ano



Ilustração de Ana Clara Hoffmann Ramos / Quarto Ano.

A Luta dos Negros

Todos eles ainda sofrem
Assim como pessoas boas existem
Há ainda as ruínas
Quem faz preconceito
Um dia há de se arrepender
Hoje tenho eu!
E o povo negro continuará lutando
Pela liberdade de ser quem são
Cultura em ação.

Autora: Yasmin da Silveira Ayala / Quarto Ano



Ilustração de Yasmin da Silveira Ayala / Quarto Ano.

A Importância da Capoeira

A capoeira veio da África; é uma dança e luta de defesa e ataque. A capoeira é importante para a nação negra e ela é importante para todos os povos. A capoeira não é só luta, é cultura e é muito importante para os que praticam. Ela serve pra treinar suas habilidades, defender-se dos perigos da natureza. Ela é uma dança que se pratica todo dia.

Moral: todo mundo é igual, e não importa se é preto ou branco ou de qualquer cor.

Todos têm que respeitar os negros.

É uma expressão cultural que mistura artes marciais, esporte, cultura popular, dança e música. É a expressão cultural da resistência negra.

Autor: Pedro Henrique Rodrigues dos Santos Mendes da Costa / Quarto Ano



Registro de Caroline Felipe / aluno Pedro Henrique Rodrigues dos Santos Mendes da Costa, em atividades escolares sobre o Quilombo dos Silva.

A Poesia do Quilombola

– Africanos Bonitos.

– Seringueira divertida.

– Eu sei a poesia.

Julia bonita, eu falei para ela:

– Julia, que cabelos longos e crespos, eu queria ter igual, pois é muito bonito!

E para Ligia:

– Eu queria ser sua filha, você é linda.

Para a Mari:

– Eu gosto de ser sua amiga, Mariana. Você é muito amigável.

Eu gosto do Quilombo, é um local incrível.

É muito legal brincar na seringueira; além de ser divertida, ela é muito linda.

As casas de lá são bonitas e alegres.

Eu adoro a Lígia, além de querer morar com ela e ficar lá no Quilombo.

*Mariana e Julia são alunas quilombolas.

Autora: Eduarda Peixoto Kubiaki Correa / Quarto Ano

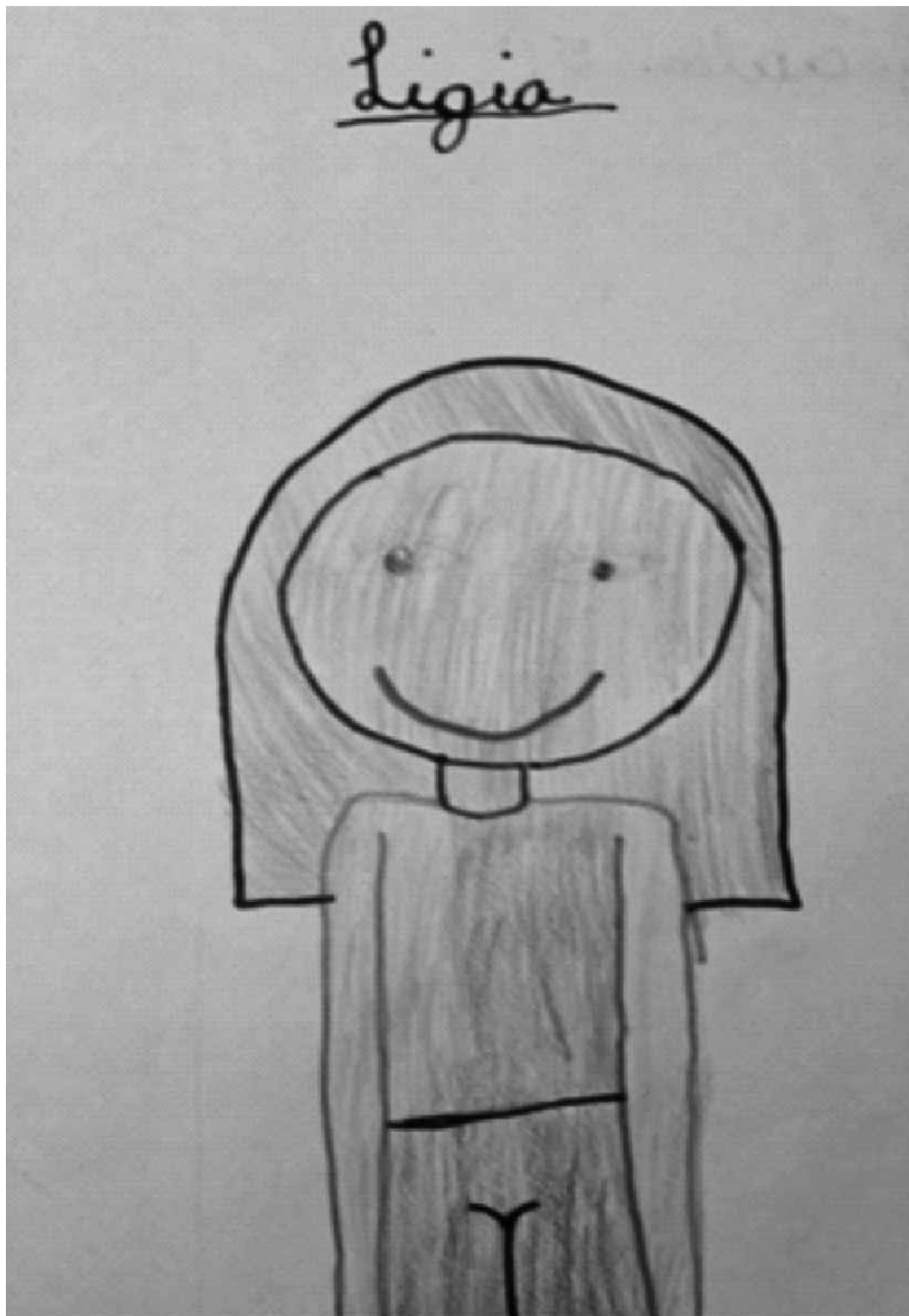


Ilustração de Stefany Gallo / Quinto Ano.

Respeito ao Quilombo

O quilombo é um lugar sagrado para seus moradores. Ele é passado de geração por geração.

Há pessoas que não moram lá e os desrespeitam.

Não são somente os afrodescendentes que são desrespeitados, mas muitas pessoas que não correspondem aos padrões sociais excludentes.

O importante mesmo é que cada pessoa respeite a si mesmo.

Há muitos anos, os quilombolas eram considerados escravos.

A cultura afro é nossa raiz, os quilombos são territórios de resistência, arte, família e cultura. Além de cuidar, devemos promover esse espaço. É nosso direito conhecer a história e os territórios negros da nossa cidade.

Autora: Ana Clara Hoffmann Ramos / Quarto Ano



Ilustração de Litielli Vitoria Morrudo Cardoso / Quarto Ano.

Chega disso Brasil!

O meu cabelo é a melhor coisa do mundo e acredito que para as outras pessoas também.

Mas tem gente que odeia seu cabelo e detesta sua cor.

Eu não acho certa a escravidão ter existido.

Todo esse preconceito não deveria existir porque é horrível. As diferenças não são nada; cada ser humano é um.

Ainda bem que as pessoas não desistem de lutar pelas causas sociais e lembrar que a escravidão existiu para que jamais volte.

Algumas pessoas não param de ter preconceito.

Para acabar, é preciso escrever e mostrar o valor da cultura ao mundo.

Autora: Yasmin da Silveira Ayala / Quarto Ano

Há Muito Tempo

Há muito tempo, os escravos eram maltratados. Quando conseguiam fugir, construíram os quilombos para sobreviver e ficar morando. Quando a escravidão foi abolida, eles ganharam liberdade, mas não emprego e nem terra.

Eles podem trabalhar no que quiserem. Por exemplo, jornalista, professor, artista de cinema, ator de novela, engenheiro, etc. Nos tempos passados, não podiam fazer nada disso; agora podem, as cotas ajudam. Tem gente que é contra, outros a favor.

Eu acho que é importante cuidar das cotas para ser um vencedor, aproveitar as oportunidades que estão aí para nos elevar.

Autora: Isadora Lucas Rodrigues / Quarto Ano



Ilustração de Isadora Lucas Rodrigues / Quarto Ano.

O Quilombo

O Quilombo é um território lindo! Tem muitas coisas lá e é um lugar sagrado para os quilombolas, que muitas vezes não são respeitados. Não são apenas negros que são moradores, são famílias que vem para visitar a gente.

Lá tem carros, mercados e praça. Todos convivem em comunidade. O chão é de terra e as crianças brincam. Na escola Bahia existe 12 colegas que moram lá e todos são lindos, eles são os nossos melhores amigos. Todos nós vivemos como irmãos, mas é claro que alguns não gostam de qualquer pessoa, mas devemos promover o respeito sempre.

Autores: Litielli Vitoria Morrudo Cardoso / João Felipe da Prato de Lima /
Quarto Ano

O Acidente

Um dia minha prima Patrícia de 25 anos foi a um baile, e encontrou pessoas, ela entrou em um carro e passou uns minutos. O motorista bateu num poste de luz, e ela se machucou e foi para o hospital.

A mãe dela ficou sabendo do acontecimento e a família foi para o hospital, e lá ficaram por muito tempo. Patrícia piorou.

Chamaram o médico por que ela estava quase morrendo. Quando a mãe dela estava em casa, o medico ligou e disse que ela precisava urgente ir ao hospital porque Patrícia havia, em fim, falecido.

A mãe passou chorando até não parar mais.

A escola Bahia, depois desse dia, ficou um longo período triste, chorando.

Patrícia era quilombola e faz muita falta na comunidade dos Silva foi, e está sendo difícil conviver com a sua ausência.

Autora: Mariana da Silva Correa / Quarto Ano

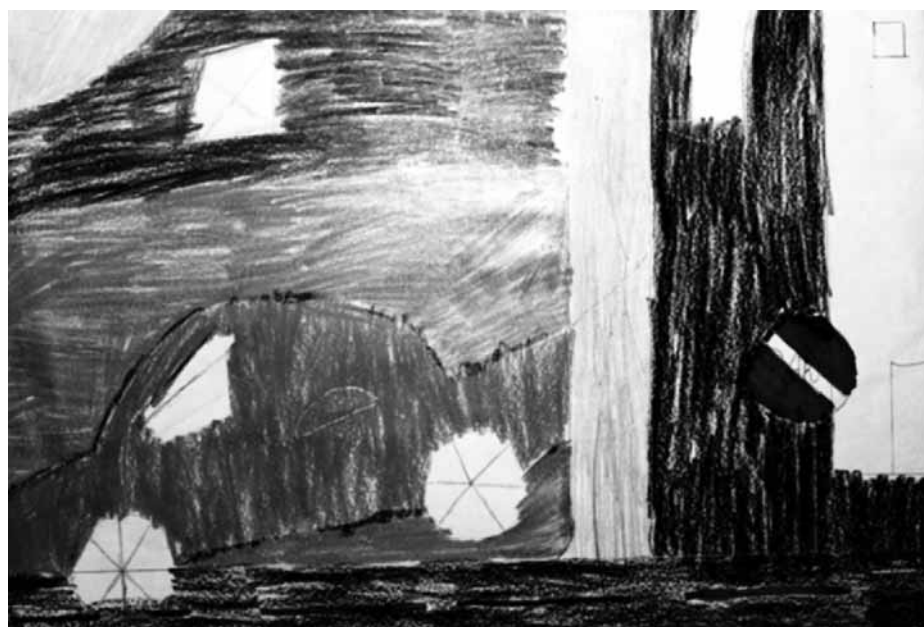


Ilustração: Mariana da Silva Correa / Quarto Ano.

Um Pouco da História do Povo Quilombola

Para a história do povo quilombola e por nossa população

É importante parar o racismo.

Se o seu cabelo é crespo ou de outra cor,

ACEITE!

É importante você ter orgulho de quem você é!

E nada vai mudar isso

Você é como é!

Esse poema é principalmente

Para o Quilombo dos Silva

Se você é branco ou negro,

Não importa, seja você

Pois somos todos iguais.

Autoras: Larissa Eloa Franca dos Santos / Kauany Dornelles Falcao /

Quarto Ano.

A Árvore

Uma árvore muito linda
De galhos fortes
Tão forte quanto você que está lendo este poema cheio de poesia
Pra lá e pra cá
Vai para lá
Vai para cá
Volta para lá
Não sai de lá
E na vida tem muitos para lá, para cá...
A seringueira grande e forte demonstra raça
Esforço com vontade, grandeza e gentileza
Você já é uma riqueza, com muita “eduqueza” tua mãe te educou
Mas teu pai te ensinou.

Autor: Jhonatan Pacheco Muniz / Quarto Ano

Cultura

Em um Quilombo há uma seringueira grande e bonita
A cultura afro é linda
Lá as pessoas são simples, mas ricas
Ricas de cultura, ricas de saúde, ricas de respeito
O terreno é lindo, cheio de histórias e culturas,
Tradições e belezas.

Autor: Pedro Henrique Falcão / Quarto Ano

Quilombo Quilombola

As pessoas do Quilombo são muito resistentes por tudo o que aconteceu com elas; no passado, elas eram muito rejeitadas.

Nunca desistiram de suas terras; a Ligia é uma mulher muito batalhadora, que nunca desistiu dos seus sonhos, e também é uma mulher que tem orgulho enorme por ser quilombola; ela é uma mulher boa, generosa e principalmente muito inteligente, já que jamais desistiu da família dela.

Sou muito grata por ter conhecido ela.

Autora: Lathifa Thalita Almeida Metcke / Sexto Ano

Negros na sociedade

No início da escravidão, os negros não tinham o direito de saber ler e escrever, pois naquela época eles eram tratados com falta de respeito aos direitos humanos. Dormiam mal, comiam os restos, eram maltratados.

Até que um dia, um homem chamado Zumbi dos Palmares resolveu se livrar da escravidão: decidiu fugir para um lugar bem longe.

Mesmo os negros alforriados, isto é, libertos pelos seus donos, não tinham para onde ir e nem trabalho. Isso se agravou com o tempo.

Aos poucos, começaram a trabalhar, mas eram mal remunerados.

É esta a herança da escravidão: falta de trabalho, oportunidade, preconceito e desorganização. Por isso hoje existem cotas. Por tudo isso, pelos direitos humanos e pela igualdade de oportunidades e direito a uma vida normal e digna.

Autora: Mariana Schmengler Guedes / Sexto Ano

Africana

Ela é africana
Usa bandana
No seu cabelo de modelo
Todo mundo sonha em ter
Passa pela rua e também na TV
Ela é divertida e adora as crianças
Que têm a esperança de um dia conseguir viver em um castelo
Construído por martelo.
Uma guerreira.
Como ela, todos podem ser.
Mas para ganhar a guerra tem que convencer.
O quilombo não é um parque não
É sim uma casa grande de negros do coração.
Ninguém precisa ser preconceituoso
Mas sim amoroso.
Ninguém precisa ser discriminado
E sim bem tratado.
Porque quando precisar
São eles que vão estar lá na China, no Japão,
Em qualquer lugar.
E o negro é amigo da gente.
Se ele vê alguém em risco,
Ele pula na frente.

Autora: Isabelly Beatriz Fernandes Costa / Sexto Ano

Negro

Negro não é
Dinheiro e sim
Companheiro

Racista ou não
Tem amor no coração

O negro deveria
Ser referência,
Pois tem muita
Inteligência

Todos têm
Forma de amar
Cabelos afros
A voar.

Autora: Esheley Gabrieli de Castro Maciel / Sexto Ano

Sobre Ana Maria

Olá, sou Ana Maria. Sou negra e com muito orgulho.

Meu cabelo é cacheado, e gosto muito dos meus lindos cachos, gosto do meu jeito. “to nem aí” se as pessoas não gostam do meu cabelo, meu jeito ou da minha cor de pele. Quem tem que gostar de mim sou eu e não as pessoas.

Tem pessoas que fazem *bullying* com os negros, só que elas não estão fazendo mal para a pessoa, mas para si mesmos.

Por isso, quando eu crescer e for trabalhar, só ficarei em lugares que me respeitem e valorizem a minha presença, o meu tempo e a minha dedicação.

Eu sou + eu!

Autora: Ana Maria Pasqual Demetrio / Sexto Ano



Ilustração de Ana Maria Pasqual Demetrio / Sexto Ano.

Aceitação da Mulher Negra

Uma coisa que eu percebo muito na cultura afro é a não aceitação da mulher negra. O que eu observo é que a falta de autoestima está presente na vida delas. Normalmente, o que vejo é que isso prejudica os estudos delas e a vida pessoal.

Uma das coisas que prejudica essa falta de amor próprio é o preconceito, que faz elas se sentirem inferiores. Também muitas são julgadas pela cor e traços.

No quarto ano, quando eu tinha nove ou dez anos, uma das garotas da minha sala que não tinha condições para manter necessidades básicas, tais como alimentação, higiene pessoal, materiais, etc., os colegas da turma faziam uma brincadeira nada agradável: a tocavam e diziam que haviam pegado os “germes” da colega, que era como uma pega-pega. Imagina os problemas de aceitação que ficaram em sua cabeça?

No futuro, como será que ela vai trabalhar em algo decente se não criar segurança e autoestima? Não importa como as mulheres são: negras, morenas ou brancas, todas merecem respeito. Aceitação é tudo!

Autora: Ana Laura Martins Auler / Manuela Herrera Calliari / Sexto Ano

Trabalho, não trabalho Quilombola

O trabalho quilombola é muito interessante; por isso quero guardar num instante

Lígia é uma pessoa muito inteligente; por isso que eu quero ser teu parente

A seringueira é uma árvore muito antiga, legal, bonita

Os quilombolas são muito espertos e eles ficam sempre abertos

O lugar do Quilombo é maravilhoso e seus cidadãos bondosos

As pessoas que moram lá têm direito e merecem todo o respeito

A terra é muito legal e tudo isso sensacional.

Autor: Lucas Eduardo Muniz Mendonca / Sétimo Ano



Ilustração de Lucas Eduardo Muniz Mendonca / Sétimo Ano.

Descendentes Afros

Vários descendentes afros hoje em dia moram em Quilombos.
Eles lutam muito por esse lugar.
E carregam esse peso nos ombros.
Desde que eles vieram da África,
Por seus direitos, eles estão em batalha.
Agora nas ruas podemos ver um menino negro,
Brincando e sorrindo. Muitos desprezam seus cabelos.
Mas são esses cabelos que muitos ganham fama e são modelos.

Autor: Igor da Luz Sales / Sexto Ano

África

África é um lugar
Dançante com braços brilhantes
Minha pele é escura
Ela é uma loucura
Brilha como a lua.

Autor: Richard Macedo de Lima / Sexto Ano



Ilustração: Richard Macedo de Lima / Sexto Ano.

Poente

As pessoas do Quilombo são respeitosas
E a cultura maravilhosa
Negro é Afro, seu cabelo é belo
Resistente
Mostra um poente.

Autor: Bernardo Alves Carvalho / Sexto Ano

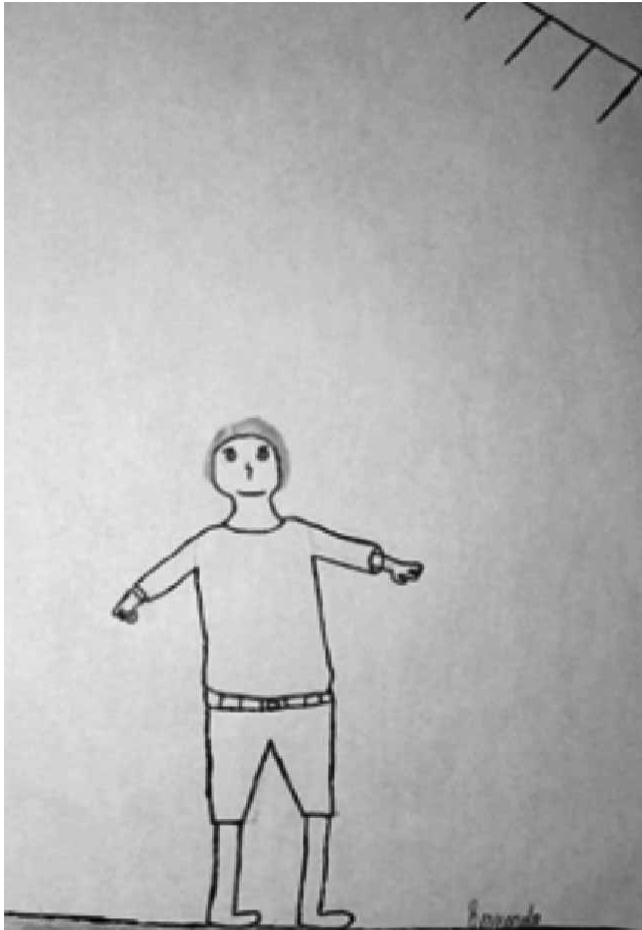


Ilustração: Bernardo Alves Carvalho / Sexto Ano.

Racismo

Mesmo depois da escravidão, ainda existem muito racismo e preconceito com os negros no Brasil, nas escolas, trabalhos, na vida pessoal e até na faculdade.

Chega a ser tanto preconceito, que nas faculdades temos que ter cotas por conta disso.

Como eu já disse, a escravidão acabou há muito tempo, mas mesmo assim deixa seus traços na nossa sociedade de hoje em dia e, infelizmente, esses traços estão em todo o nosso país.

Autor: Igor da Luz Sales / Cauê Arthur Dinarte Guedes / Sexto Ano

QUILOMBO DO AREAL

COLÉGIO ESTADUAL CORONEL AFONSO

EMÍLIO MASSOT



Foto: Delano de Borba Raimundi.

DIREÇÃO:

Cirlânia da Silva Souza

Isaque Bueno (Diretor Administrativo)

VICE-DIREÇÃO:

Aline Lyra Lemos

Maria Cristina Correa

Neiva Inês Lazzarotto

SUPERVISÃO:

Karla Pinto Fraga

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA:

Caroline Mascela

PROFESSORES ORIENTADORES:

Ana Maria de Souza, Professora de Língua Portuguesa

Bruna Almeida, Professora de Literatura e Língua Portuguesa

Cecília Fernanda dos Santos Santana, Professora de História

João Alberto Rodrigues, Professor de Artes

Mariana da Silva Ribeiro, Professora de Língua Portuguesa

ALUNOS AUTORES:

Bianca Rodrigues Jaques, 2º EM

Delano de Borba Raimundi, 2º EM

Eduarda Anael Medeiros Ott da Silva, 1º EM

Júlia Nery Lima, 2º EM

Lauro Rodrigues Carvalho, 2º EM

Natália Nunes Magalhães, 1º EM

Roger Luís Xavier Ribeiro, 2º EM

Sthefani Azevedo Porteiro, 2º EM

QUILOMBOLAS ENTREVISTADOS:

Cleusa Astigarraga

Daniela Elisabete Sagaz Machado

Elisandra Ribeiro

Eunice da Silva Soares

Fabiane Figueiredo Xavier

Jenaina Emany Chavez Alvarez

Olga Silveira Gonçalves

Paulo Cesar Silveira

Sônia Marcia Figueiredo Xavier

Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot e Quilombo do Areal

A História do Brasil é marcada por mais de 350 anos de escravidão negra. Nossa memória carrega as marcas da dominação, do racismo, da violência, do preconceito e da tentativa de desumanizar mais de cinco milhões de histórias – que foram traficadas como mercadorias pelo Atlântico por mais de três séculos. Contudo, e acima de tudo, essa é uma história marcada pela RESISTÊNCIA contra a invisibilidade e o esquecimento.

Mais do que nunca, vivemos um tempo que exige enfrentar aqueles que negam o passado e suas consequências, que negam o sofrimento de homens e mulheres que foram as mãos e os pés desta nação. Hoje, a expressão mais viva desse passado são os espaços construídos por remanescentes da escravidão negra e que são prova dessa resistência: os quilombos.

Os quilombos representam um espaço de memória, que procuram preservar a riqueza cultural, os valores, o conhecimento e a tradição de povos obrigados a reconstruir suas vidas em uma terra desconhecida e que tiveram, e têm, por desafio, preservar suas origens e suas histórias.

Em Porto Alegre, sete destes espaços estão distribuídos pela cidade e figuram como importantes locais de memória, história, luta e resistência. Um dos mais antigos é o Quilombo Areal da Baronesa, localizado na Avenida Luiz Guaranha no Bairro Menino Deus. E é sobre ele que iremos tratar neste capítulo do livro.



Solar da Baronesa, Cidade Baixa, Século XIX. Autoria desconhecida. Arquivo do Museu José Joaquim Felizardo.

Quando tudo começou...

A história do local onde hoje se encontra o Quilombo Areal da Baronesa tem seu início por volta do século XIX, quando o português José Baptista da Silva Pereira chega a Porto Alegre em 1823 e se casa com a rio-pardense Maria Emília de Menezes.

Natural de Braga, Portugal, José Baptista monta, de início, um pequeno estaleiro às margens do rio Guaíba¹, construindo pequenos barcos. Com o tempo passa construir grandes embarcações, que atravessavam o Oceano Atlântico transportando produtos rio-grandenses e trazendo especiarias da Índia.² O casal prospera e passa a comprar terras na região central de Porto Alegre até formar uma enorme chácara, cuja mão de obra produtiva estava no trabalho escravo. Nelas, ele constrói o prédio Solar (onde hoje está instalada a Fundação Pão dos Pobres de Santo Antônio) e uma casa de veraneio (que hoje abrange o

¹ Nesse período, a margem do rio Guaíba estendia-se ao longo da atual avenida Praia de Belas.

² TERRA, Eloy. p. 40, 2001.

Quilombo Areal da Baronesa) no bairro Cidade Baixa. Sua propriedade era tão extensa, que uma parte do território – intacto e naturalmente próspero – tornou-se um refúgio perfeito para que os escravos que fugiam de seus donos pudessem se esconder. Esse lugar passou a ser conhecido como *Emboscadas*.

Sua origem portuguesa faz com que José Baptista seja um simpatizante do regime imperial que governava o Brasil naquele período. Foi um notável apoiador e financiador da monarquia brasileira em importantes eventos ocorridos no Rio grande do Sul, como a Guerra da Cisplatina (1825-1828) e a Guerra dos Farrapos (1835-1845). O reconhecimento por seu apoio e colaboração ocorre quando, no final de 1845, o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Dona Teresa Cristina, em visita a Porto Alegre, hospedam-se no Solar e ele é agraciado com um título de nobreza. Era agora o Barão de Gravataí³.

Infelizmente, anos depois, em 1853, o barão morre de forma inesperada de uma hemorragia cerebral.⁴ Comovido com a tragédia, o Imperador Dom Pedro II confere a Dona Maria Amélia o título de Baronesa do Gravataí.

Viúva, a baronesa aos poucos foi perdendo o controle sobre o patrimônio acumulado pelo marido. Com os negócios parados desde a morte do barão, Ana Amélia enfrenta uma crise econômica, que se agrava quando, em 1875, o Solar da Baronesa pega fogo. Arruinada, a solução para não ficar na miséria foi lotear suas terras e vendê-las à prefeitura. No mesmo ano, enviou à Câmara de Vereadores de Porto Alegre um pedido de licença para transformar sua imensa propriedade num loteamento, juntamente com um mapa detalhado da divisão dos terrenos.

³ Nesse período, o título de nobreza não era abrangente aos demais familiares.

⁴ Informação obtida junto ao Centro Histórico Cultural Santa Casa. O barão está enterrado no Cemitério Santa Casa de Misericórdia, sepultura nº 77 da 3ª ordem (registro 1962).

O Quilombo Areal da Baronesa hoje

Durante a pesquisa sobre o Quilombo, os alunos participantes do projeto entrevistaram um grupo de moradores que abordaram diversos assuntos sobre a comunidade no passado e no presente. A seguir, seguem os depoimentos desses estudantes sobre o trabalho realizado e as entrevistas realizadas pelos mesmos.

Delano⁵

Pensando muito por onde começar a falar desse projeto, eu me vejo em uma longa lista de elogios. É válido ressaltar toda a experiência existente no decorrer do projeto, isso tudo antes mesmo da conclusão com o produto final.

Falando do processo, foi incrível, me fez viajar por inúmeras histórias e vivências que eu jamais teria a oportunidade de conhecer. Ouvir a história por trás de pessoas facilmente invisibilizadas diariamente, dar voz a elas para dizer o que pensam a respeito foi fascinante. Se tratando do tema do projeto “trabalho e não trabalho”, essa é uma questão pouco falada e que em particular eu ainda não tinha ouvido falar, mas que já me fez entender a importância da valorização de algumas atividades que não são reconhecidas como trabalho. Infelizmente isso ainda acontece, mas foi uma ótima estratégia do TRT4 abordar esse tema nesse projeto tão bonito, que envolve tanta gente e que com certeza terá um alcance muito grande.

O tempo foi curto e passou muito rápido, mas conseguimos bastante material para pesquisa com a comunidade do Quilombo do Areal, que nos recebeu de portas abertas e sou muito grato por toda ajuda que nos deram.

⁵ Aluno Delano de Borba Raimundi, 2º ano. Ensino Médio.



Delano de Borba Raimundi, Elizandra Ribeiro, Fabiane Figueiredo Xavier e Sônia Marcia Figueiredo Xavier. Fotografia de Neiva Inês Lazzarotto.

Um pouco da história

O Quilombo Areal da Baronesa tem seu início por volta do séc. XIX com um casal fabricante de barcos da alta sociedade porto-alegrense da época: João Baptista e Ana Amélia⁶. Os dois possuíam diversas propriedades na cidade, entre elas o prédio Solar, o qual hoje é a Fundação Pão dos Pobres, e uma casa de veraneio, hoje abrangendo o Quilombo do Areal. Na época, o casal recebeu um título de nobreza do próprio D. Pedro II, passando então a ser barão e baronesa. Pouco

⁶ Nome presente na memória de moradores mais antigos do quilombo. Segundo outras fontes históricas, como estudos realizados pela Prefeitura de Porto Alegre, o nome da esposa de João Baptista da Silva Pereira é Maria Emília de Menezes Pereira.

tempo depois, o barão vem a falecer com 42 anos de idade. Viúva, a baronesa enfrentou uma crise econômica que resultou no loteamento da propriedade. Em entrevistas a moradores mais antigos do quilombo, ouvimos relatos de que a baronesa teve dificuldade para administrar os negócios do falecido marido, acabou se afundando em dívidas e enlouquecendo chegou inclusive a colocar fogo em uma das instalações e mais tarde também veio a falecer.



Sthefani Azevedo Porteiro. Fotografia de Neiva Inês Lazzarotto.

Como os dois não constituíram família, isto é, não tiveram filhos, ninguém veio declarar posse de terra no casarão. Então os escravizados permaneceram no território e ficaram exercendo as funções que sabiam, que era lavar, passar e cozinhar. Essas práticas demonstram a presença e permanência do trabalho entre os escravizados, embora não fosse assim reconhecido. É importante ressaltar que a região era refúgio de negros fugitivos e que a comunidade naquela época era composta pelo casarão e pelas estrebarias, que eram galpões de madeira onde ficavam os escravizados e os animais. Como ali sempre fora uma área militar, fomentou-se muito trabalho, meio de sobrevivência para as pessoas. Lavar e passar as roupas dos militares estavam entre essas atividades. E eles ficaram por muito tempo assim até que, em um certo momento, um caixeiro-viajante que hoje dá nome à rua, Luís Guaranha, passou por lá e viu uma oportunidade de lucrar com a comunidade.

Guaranha reformou o casarão, transformou aquelas estrebarias em casinhas de madeira, com porta e janela, e passou a alugar às pessoas que já estavam lá muito antes de sua chegada, e por estranho que pareça, as pessoas ficaram agradecidas pelo feito, porque, ao invés de estarem todos amontoados no mesmo lugar, cada pessoa pôde ter seu pedacinho. As pessoas trabalhavam até 18 horas por dia para poder honrar com o compromisso daquele aluguel. Quando Luís Guaranha veio a falecer, também sem familiares ou filhos, seu patrimônio foi doado à Santa Casa de Misericórdia, e a comunidade passa, por muito tempo, a pagar aluguel diretamente à instituição.

A área era mais abrangente, composta por cerca de outras cinquenta ruas com as mesmas características da Avenida Luís Guaranha, tal como é hoje: avenidas curtas, sem saída e com casinhas de madeira, porta e janela. O Brasil passava por um período de urbanização e branqueamento, e aquele era um reduto negro. A prefeitura, com a desculpa de urbanizar aquela área da cidade, foi desaparecendo com cada uma das ruas e deslocando as pessoas para bairros mais distantes.

Dona Fabiane, liderança do quilombo, cuja família está há seis gerações residindo no local, relata que aquela foi com certeza uma das remoções mais drásticas, pois as pessoas anoiteceram e não amanheceram mais lá. Simplesmente chegaram caminhões, colocaram tudo para dentro e largaram nas áreas onde estão hoje os bairros Restinga e Lomba do Pinheiro. Os primeiros moradores desses bairros são oriundos principalmente do Quilombo do Areal e da Ilhota. A comunidade que permaneceu no quilombo, vendo esses acontecimentos, notou que, se não fizessem alguma coisa, cedo ou tarde eles seriam os próximos a ser retirados. E essa coisa se traduzia na organização.

Primeiramente, as mulheres da comunidade fundam o Grupo de Mães de Nossa Senhora Aparecida em parceria com um grupo de senhoras da Igreja Pão dos Pobres, que fazia um trabalho voluntário em que eram realizadas diversas oficinas, como curso de corte e costura, confecção de acolchoado, crochê e tricô, capacitando, então, a comunidade. Também era oferecido um atendimento às crianças, como recreação no turno inverso da escola e alimentação.

Mas só isso não bastava. Era necessária uma forma para pressionar o poder público a manter a comunidade lá; foi nesse momento que a comunidade se uniu e fundou a Associação dos Moradores da Av. Luís Guaranha. A associação consegue, então, dois feitos que marcam a história da comunidade: o primeiro foi o ganho da rede de esgoto, que até então não existia no local; o segundo, depois de muita pressão, foi a permuta com a Santa Casa. Nessa ocasião, a Santa Casa doa para a prefeitura a área do quilombo, que passa a ser do município de Porto Alegre, e a prefeitura, em troca, doa o terreno onde foi construído o Hospital da Criança Santo Antônio junto ao complexo hospitalar da Santa Casa.

Após, a associação continuou buscando melhorias para a comunidade, até que em 2002 a antiga presidenta da associação, hoje falecida, Gesi da Rosa Fontoura, mais conhecida como Duda, orientada

principalmente por funcionários do IACOREQ (Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombo), toma conhecimento de uma lei que ampara as áreas de povos tradicionais quilombolas e indígenas. Primeiro, ela trocou o nome da associação para Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal e foi até a Fundação Palmares em Brasília, que é a fundação que reconhece essas comunidades de povos tradicionais, onde é obtida a certidão de autorreconhecimento. De posse do documento, a associação começou uma jornada, orientada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que é o órgão que regulamenta essa área, para conseguir diversos documentos e o estudo antropológico da área.

O estudo foi feito pelos antropólogos Olavo Marques e Jane Matos em conjunto com os antropólogos e arqueólogos do Museu Joaquim José Felizardo. A pesquisa foi dividida em três etapas. A primeira é chamada de etapa da oralidade, na qual foram colhidas informações e relatos dos moradores mais antigos da comunidade, ouvindo a história de vida de cada um. A segunda foi documental, em que se buscou tudo o que se tinha registrado sobre os antigos donos da área e sobre Luís Guaranha; muitos documentos foram encontrados no arquivo municipal de Porto Alegre. A última etapa, e talvez a mais importante, foi o sítio arqueológico feito nas casas que compõem o casarão.

Como das cinco famílias que moram na área que compõem o casarão apenas uma tem pátio, essa foi a única onde foi possível fazer as escavações. Foram escavações muito profundas, em que se encontraram louça do século XIX, talheres de prata e até pedaços de cerâmica. Esse material atualmente está guardado no Museu Joaquim José Felizardo para ter um acondicionamento correto. Terminado o estudo, dez anos depois, o INCRA publicou no diário oficial reconhecendo a comunidade Quilombo do Areal como sendo uma área remanescente de um povo escravizado.

Iniciou-se uma nova batalha, pois a área ainda era da prefeitura, mas a prefeitura nunca tinha doado um terreno nesses moldes. Então foi necessária a criação do Projeto de Lei 0053/15, que resultou no reconhecimento da propriedade da área à associação comunitária (Lei 11.871/15). O título de propriedade foi coletivo e não individual para preservar a comunidade.

Essa é a história de luta da comunidade do Quilombo do Areal. Para sintetizar, citamos uma breve fala de uma das pessoas que compõem a atual liderança da associação:

Então é isso, é persistir, resistir, batalhar para que a nossa cultura e a nossa história primeiramente continuem no mesmo lugar, no seu lugar de nascimento, tradição e pertencimento, porque esse lugar nos pertence; a gente sempre viveu aqui, a comunidade sempre esteve aqui, muito antes da Cidade Baixa e Menino Deus se desenvolverem como os bairros mais importantes de Porto Alegre, mas a comunidade sempre esteve aqui. Então eu acho que a nossa luta é válida (XAVIER, Fabiane, entrevista 08/06/2019).

Bianca⁷

Quando escutei a proposta do projeto: Trabalho, não trabalho Quilombola, foi quando tive certeza de que gostaria de conhecer uma realidade da qual pouco sabia, mas que estaria de mente e braços abertos para conhecer.

No início de nossa jornada, eu senti um pouco de receio em me moldar para uma realidade que não era minha e um lugar de fala que pouco de fato compreendo, ouvi muitas coisas negativas desde que anunciei para algumas pessoas a existência do projeto, mas minha consciência sabia que o preconceito era comum ao tratar de qualquer assunto que não envolvesse a cultura branca;

⁷ Aluna Bianca Rodrigues Jaques. 2º ano – Ensino Médio.

não me abalei, só me fortaleceu a ideia de querer entender melhor o que era um quilombo e saber mais sobre a história que construiu a cidade onde resido.

Gigantesco foi meu sentimento ao ter a oportunidade de conhecer mulheres negras protagonistas dentro da história do Quilombo Areal da Baronesa, negras fortes e batalhadoras que conquistaram tudo o que aquele lugar é; me deparei com realidades das quais sei que nunca vou chegar perto de vivenciar, de um orgulho e conquista compartilhada que eu posso compreender, mas jamais poderia imaginar o que tudo aquilo significa para um quilombola.

Essa experiência foi de muita reconstrução ao meu olhar; apenas bastou que eu escutasse aquelas gerações femininas falando sobre sua história, muito aprendi sobre a vida durante esses dias em que estivemos em contato com o Quilombo; nada mais me satisfaz do que uma boa entrevista longa com uma mulher fantástica de oitenta e oito anos e sua alegria em viver.

Natália⁸

Eu sempre tive curiosidade de saber mais sobre os quilombos, estudar mais as minhas origens e conhecer mais a cultura. Mas fazer parte deste projeto e escutar essas pessoas foi além do que eu poderia imaginar. Em nossas visitas ao quilombo, o que se destacou foram as histórias contadas principalmente pelas mulheres quilombolas, onde em alguns minutos eu conseguia sentir a emoção delas nas palavras como se estivessem revivendo aquele momento.

E em uma entrevista eu tive a honra de poder conversar mais diretamente com a Dona Olga. Dona Olga é uma senhora de 89 anos, que hoje é uma das moradoras mais antigas do quilombo. Ela se mudou para o quilombo quando tinha apenas 20 anos com seu marido, sua cunhada e seus dois filhos. Teve nove filhos; dois deles hoje falecidos assim como o seu marido. Na época em que a Dona Olga chegou ao quilombo, as casas eram de madeira, as ruas de chão batido e não havia água encanada; então quem conseguia buscar água compar-

⁸ Aluna Natália Nunes Magalhães. 1º ano – Ensino Médio.

tilhava com todos da comunidade. Ela trabalhava como lavadeira e tinha como os principais clientes polícias da Brigada Militar que moravam próximos ao quilombo.

Apesar de tudo, Dona Olga diz ter tido uma vida feliz, e ela falava com tanta sinceridade que era eu difícil pensar o contrário. E a experiência de ter feito parte deste projeto foi maravilhosa e gratificante, pois pude ter contato com pessoas maravilhosas que me fizeram repensar muitas coisas.



Júlia Nery Lima, Natália Nunes Magalhães, Bianca Rodrigues Jaques, Cecília Fernanda dos Santos Santana, Fabiane Figueiredo Xavier e Olga Gonçalves. Fotografia de Neiva Inês Lazzarotto.

**“A gente vai se adaptando...
Mas graças a Deus fui muito feliz”:
O trabalho das mulheres na comunidade
como herança histórica**

Nossa chegada ao Quilombo teve boa recepção; estava à nossa espera uma mulher de 88 anos de muita história e trabalho, além de sua disposição para espantar qualquer um, pois naquela madrugada a senhora havia chegado com a família de uma festa. Dona Olga Silveira Gonçalves, mãe de nove filhos, uma mulher fascinante, de baixa estatura, é uma das mais antigas moradoras do Quilombo Areal da Baronesa. Ela é dos tempos em que as ruas eram de chão batido, as casas de madeira, época em que as mulheres saíam de casa com o cantar do galo para lavar as roupas dos patrões, às margens do Guaíba, que corria logo ali na frente de suas casas. Muitas vezes ocorriam enchentes, como a de 1941, que destruiu muitas casas da região.

Dona Olga leva-nos por uma viagem histórica, em que sua jornada na comunidade começa com seu casamento com o Sr. José Gonçalves aos 19 anos de idade. Trabalhando como lavadeira, ela conta que a área onde hoje se localiza o Quilombo era cercada pela Brigada Militar, para quem elas trabalhavam como domésticas. Lavavam, passavam, engomavam, e tudo isso com o famoso ferro de carvão da época. Além disso, havia as evidentes dificuldades de locomoção nos dias de chuva, quando as ruas se tornavam um mar de barro e o trajeto até o rio e a casa dos patrões se tornava mais do que difícil de ser feito. Imaginem a dificuldade de chegar ao trabalho com as roupas limpas e bem passadas. Não era fácil, nunca foi, mas a resistência sempre foi maior do que tudo isso.

A situação no quilombo era muito mais do que precária; a região era considerada uma das favelas de Porto Alegre; não havia o mínimo de saneamento básico, nada de encanamento e a luz era apenas nos



Dona Olga. Fotografia de Natália Nunes Magalhães.

lampiões. A energia elétrica só foi chegar muitos anos mais tarde e não foi por conta do governo, mas sim em decorrência de muita luta. Adivinha de quem? Das mulheres!

A água era retirada de outro estabelecimento e compartilhada pelos moradores; o banheiro era comunitário e não existia encanamento; apesar disso, a comunidade se via muito unida, pois todos se ajudavam e se mantinham. Trabalhavam em conjunto, e muitas vezes esse trabalho não era remunerado, mas era um trabalho humano. Exemplo dessas atividades é quando Dona Olga se mudou para o quilombo: teve que compartilhar residência com sua cunhada e necessitava da ajuda de sua mãe para cuidar dos filhos enquanto partia para fazer seus afazeres diários.

A vida de Dona Olga é retratada com muita alegria apesar de tudo, onde o salário baixo era visto como algo bem remunerado e a falta de saneamento era preenchida pelo amor das pessoas à sua volta. Ela não tinha tempo para cantar ou ouvir histórias; seu marido não permitia. Era necessário tempo para cuidar dele e ganhar seu dinheiro, trabalhar pelo ganha-pão, vencer uma guerra a cada dia, lutar para viver no ambiente em que vivia, mas, apesar disso, suas falas são muito ricas e é muito fácil ver o brilho no olhar quando fala de sua juventude. Em sua fala, não escutamos reclamações, apenas lembranças agradáveis de uma época de dificuldades vividas pelos quilombolas. Mas por que essa visão romântica⁹ de uma época de tanto trabalho?

A união das mulheres e a solidariedade feminina sempre estiveram presentes no dia a dia, mulheres negras que tornaram o quilombo o que ele é hoje. Lutaram através do tempo, enfrentando o preconceito e o não reconhecimento do trabalho e da jornada dupla. Percebemos que há muitas histórias que deveriam ser contadas, porém são silenciadas, e nós tivemos o privilégio de ouvir e aprender com Olga e sua

⁹ Visão idealizada do passado.

felicidade, com sua visão de mundo que nos enche os olhos. Por vezes, podemos nos questionar como pode um ser humano lembrar de sua juventude com tanto gosto quanto ela nos fez mergulhar no seu próprio universo. Essa sem dúvida é uma das razões para amar essa mulher.

Júlia¹⁰

Começo dizendo que sou muito grata ao projeto. O que ele resgata é de grande importância no contexto histórico e atual.

Foi com grande felicidade que participei do projeto. As experiências que ouvi, as histórias sobre como era o local antes de se tornar um quilombo, como os moradores viviam e como vivem atualmente são coisas que me fizeram refletir bastante sobre o passado e o contexto atual em que vivo.

Considero esse o resgate de uma cultura que é uma parte importantíssima da nossa história.

Agradeço imensamente ao TRT 4 por essa oportunidade. O conhecimento durante o processo de pesquisas e entrevistas que obtive foi maravilhoso e de enorme aprendizado.

Espero que nosso trabalho alcance muita gente e que essas pessoas se interessem cada vez mais pra entender o que é um quilombo urbano.

Foi linda a forma como os moradores nos receberam e nos acolheram; sempre muito atenciosos conosco. Obrigada!

Roger¹¹

Primeiramente, quero agradecer pela oportunidade que eu tive de participar deste projeto, pois como morador do Quilombo do Areal e como representante eu me senti lisonjeado de participar deste projeto. Bom, como eu já conhe-

¹⁰ Aluna Júlia Nery Lima. 2º Ano – Ensino Médio.

¹¹ Aluno Roger Luís Xavier Ribeiro. 2º Ano – Ensino Médio.

cia o Quilombo, por ser morador, eu não tive muita dificuldade de entender os assuntos, o que para as pessoas de fora é um pouco confuso, pois passamos por várias fases, por vários períodos difíceis; esses períodos difíceis só nos fortaleceram, fizeram-nos enxergar o nosso valor como negros e quilombolas.

Fomos, ainda somos e sempre seremos resistência em diversos assuntos. Enfim, descobrir mais coisas sobre o passado do Quilombo foi muito bom, pois muitas coisas eu não sabia ou eu não entendia muito bem, e nesse projeto eu acabei entendendo o que eu não entendia e acabei aprendendo o que eu não sabia; ouvir as idosas falando das suas experiências, ouvir a história do Areal do Futuro novamente foi muito bom, ver os jovens da comunidade engajados, juntos, é muito gratificante. Eu amei realmente fazer parte deste projeto.



Cleusa Astigarraga, Júlia Nery Lima, Bruna Almeida, Roger Luís Xavier Ribeiro e Paulo Cesar Silveira. Fotografia de Neiva Inês Lazzarotto.

Memórias de (não) trabalho e cultura: carneval e o Areal do Futuro

Na primeira visita que fizemos ao Areal da Baronesa, conhecemos o Areal do Futuro, agremiação cuja história remonta ao ano de 1994, quando foi fundada por dissidentes da Imperadores do Samba e da Academia de Samba Integração do Areal da Baronesa. No início, o intuito não era formar uma nova escola de samba, mas, sim, um centro de integração mirim com aulas de percussão.

Na segunda visita, conseguimos conversar com Paulo e Dona Cleusa, membros atuantes do centro de integração, que nos acolheram na sede do agora Instituto Cultural Areal do Futuro. Ao perguntarmos o que mudou no lugar desde que os primeiros povos chegaram ali, pudemos ter uma ideia da simplicidade da estrutura do lugar e de como era trabalhosa a produção cultural para o carnaval.

A sede da escola nos primeiros anos era na sede do quilombo; o terreno havia sido adquirido pelo presidente. O chão da sede era de terra, a estrutura era de madeira, e era ali que os integrantes passavam as noites de carnaval (tanto dormindo como produzindo). A escola desfilou até 2003 na Avenida Augusto de Carvalho; desfilou também na Avenida Cavallhada. Por questões financeiras, nunca conseguiu desfilar no Complexo Cultural do Porto Seco. Apenas em 2013, o centro de integração tornou-se uma escola que hoje em dia se chama Instituto Cultural Integração do Areal da Baronesa do Futuro.

Atualmente, a escola não tem incentivo financeiro de nenhuma empresa ou verba pública e se mantém com doações. Gostaria de oferecer aulas em outros horários, como por exemplo em todas as tardes, porém, são apenas nas terças e quintas as aulas de percussão e nas quartas as aulas de dança; é um trabalho voluntário sem fins lucrativos ou retorno financeiro aos envolvidos. A escola perdeu patrocínio, já que a prefeitura resolveu unir desfiles de diversas escolas.

Seu Paulo destaca que nos estados do Oeste e Centro-Oeste os materiais são mais baratos, enquanto aqui no Sul chegam a custar o dobro do preço, o que dificulta a compra. Algumas pessoas doam fantasias prontas, e Cleusa recicla-as, fazendo novas roupas. Em 2015, no desfile de carnaval, cada um foi com sua fantasia.

Cleusa cuida da produção de roupas da dança enquanto Paulo e Daniel cuidam da bateria e da percussão; os três cuidam da diretoria. As crianças não são presas a determinada função; podem dançar e participar das aulas de percussão livremente.

Houve anos em que o bloco saiu para cerca de 30.000 pessoas. Hoje em dia, o número caiu, já que algumas pessoas têm preconceito pensando que o carnaval do Areal é “para pessoas brancas” com mais condições e que por isso não podem participar. Mas Paulo explica que qualquer um pode participar, mesmo sem dinheiro. Em muitos eventos nos quais a escola participa, há pessoas que não sabem o que é um quilombo ou nem sabiam que há quilombos urbanos na cidade de Porto Alegre. Cleusa sempre procurar entrar nesse contexto e explicar a história do quilombo. O carnaval é feito por eles com amor, e é isso que os incentiva.

Eduarda¹²

A visita ao Quilombo do Areal foi bem interessante: saber sobre a história daquele lugar, conhecer algumas famílias e alguns moradores que lembravam direitinho de como já foi a Av. Luiz Guararãa foi realmente uma grande experiência. Eles mostravam bem a realidade. Lembro de que minha dupla fez uma pergunta sobre como era o relacionamento da comunidade em si, e os entrevistados foram sinceros, de que normalmente ninguém era unido por haver desavenças de uns aos outros, mas que, quando precisavam, a comunidade se fazia bem presente. Achei importante isso, porque é bem como nossas famílias,

¹² Aluna Eduarda Anael Medeiros Ott da Silva. 1º Ano – Ensino Médio.

nem sempre concordando com o que o outro fala, mas quando um precisa todos estendem a mão para ajudar. Então com aquele depoimento eu consegui me sentir realmente em casa.

Foi uma experiência que todos vão levar para a vida, tanto nós do Colégio Emílio Massot como os moradores do Quilombo do Areal.

Lauro¹³

Foi muito importante ter a oportunidade de participar deste projeto, pois não sabia que existia algum quilombo em Porto Alegre, até porque tinha uma visão de quilombo... e achava que nem existia mais quilombos. E foi muito impressionante saber que na minha cidade existem sete quilombos urbanos. Fui superlegal ir ao Quilombo do Areal e conhecer sua história de lutas.



Eunice da Silva Soares, Daniela Elisabete Sagaz Machado, Jenaina Emany Chavez Alvarez, Eduarda Anael Medeiros, Lauro Rodrigues Carvalho e Mariana da Silva Ribeiro. Fotografia de Neiva Inês Lazzarotto.

¹³ Aluno Lauro Rodrigues Carvalho. 2º Ano – Ensino Médio.

Outras faces do Trabalho e Não Trabalho no Quilombo do Areal

Durante nossa segunda visita ao Quilombo do Areal da Baronesa, tivemos a oportunidade de entrevistar três moradoras: duas delas que não conheceram o quilombo nos seus primórdios, pois vieram de outras localidades e ali se instalaram, e outra que nasceu no Areal. Respectivamente, Dona Eunice da Silva Soares, Daniela Elisabete Sagaz Machado e Jenaina Emany Chavez Alvarez, três gerações de mulheres que participam das atividades de maneiras distintas no dia a dia da comunidade.

Demos início à nossa conversa com questionamentos sobre o quilombo, como, por exemplo, a forma como a comunidade atua em relação aos problemas do cotidiano. Elas nos relataram que o presidente da Associação Comunitária e Cultural Quilombo do Areal, Alexandre Ribeiro Xavier, não atua sozinho, pois conta com a ajuda de quase todos os moradores.

A associação realiza diversas atividades sociais, entre elas cursos e oficinas de artesanato para as senhoras idosas da comunidade e o Influência Jovem, que é o projeto mais recente coordenado por Jenaina Emany (moradora que tem emprego formal fora do quilombo e já concluiu o Ensino Médio) e Elizandra Ribeiro (filha do presidente da Associação dedica seu tempo a organizar atividades ligadas ao quilombo, já concluiu o Ensino Médio). O projeto tem como objetivo reunir crianças e adolescentes, pois os moradores têm uma visão distorcida do que se espera sobre a união, o reconhecimento e lutas. O grupo também chama a atenção dos jovens de dentro da comunidade para a necessidade de buscar e conseguir melhorias para eles mesmos e desenvolve várias atividades na comunidade.

Entre as atividades do Influência Jovem estão:

a) Areal Quentinho, no qual foram arrecadadas roupas de inverno e cobertores para serem doados às pessoas mais necessitadas do quilombo e de comunidades do entorno, como a Ilhota e a ocupação Baronesa;

b) Cine Quilombola, em que cada mês é passado um filme para as crianças da comunidade, com preferência filmes que remetam à cultura negra ou tenham atores negros, como Kiriku e a Feiticeira e Pantera Negra, isso por causa da representatividade e importância das crianças se verem nesses espaços que geralmente são de maioria branca e que não as representa em nada. Após as exibições dos filmes, é dado um lanche para as crianças;

c) Dia de Beleza, em que conseguiram diversas voluntárias que atuam na área da beleza para oferecer às mulheres do quilombo um dia para cuidar de si.

Além desses, há outros projetos que ainda estão por vir na comunidade. Todo o preparo que é feito pelos integrantes do Influência para que esses projetos sejam realizados; com certeza demandam tempo, organização, disposição, desempenho e estudo para os jovens que trabalham. Além do trabalho formal que cada um exerce, eles ainda têm que se disponibilizar para o Influência, e tudo isso sem nenhum retorno econômico de fato, mas com um grande retorno simbólico. Ainda assim, não sendo reconhecido como um trabalho dentro dos parâmetros socialmente legitimados.

Há também o trabalho com artesanato. Dona Eunice é uma senhora que, após se aposentar de seu emprego formal, começou a produzir pinturas em quadros e bonecas de pano. Quando há a possibilidade de participação em feiras e eventos, expõe seu trabalho junto a outras senhoras, participando mais ativamente da vida do Areal da Baronesa. Além de serem alunas dos cursos oferecidos pela associação comunitária, as senhoras, por vezes, também são professoras, pois diversas vezes

ministraram aulas que vão de culinária até a fabricação de sabonetes. Nesse momento, elas ensinavam pessoas de fora da comunidade a fazer artesanato e, no final do curso, emitem certificado de conclusão. Muitas pessoas vêm de outras localidades e até países estrangeiros, como os Estados Unidos da América.

Quando surge a oportunidade de exposição, há possibilidade de divulgar ainda mais o trabalho realizado no Quilombo. Entre esses eventos podemos citar a Bienal do Mercosul de 2018, na qual não foram apenas as idosas que apresentaram os seus trabalhos, mas também as crianças e os adolescentes.

Há também alguns projetos de intercâmbio de alunos dos EUA que conheceram o Quilombo do Areal e adquiriram algumas pinturas de dona Eunice, e essa venda de artesanatos é considerada uma fonte de renda para dona Eunice. O artesanato para muitos não é considerado um trabalho e sim um momento de lazer e descontração. Algumas idosas têm somente essa atividade como fonte de renda e que serve para mostrar e incentivar as crianças e os jovens da comunidade de que o artesanato pode ser mais do que um *hobby*, pode ser um trabalho.

Quando abordamos o assunto como a Avenida Luís Guaranha é vista pelas pessoas de fora, por quem não mora ali, por quem não conhece o Quilombo, nossas entrevistadas nos disseram que boa parte da população chama de “vila” no meio de um bairro nobre (existe resistência diária pela luta de reconhecimento quilombola). Daniela Sagaz, trabalhadora formal que mora no Quilombo, mas não nasceu lá, diz: “Muitas pessoas reagem surpresas por não acreditar que existe um quilombo urbano no centro de Porto Alegre, e algumas pessoas da própria comunidade não têm consciência da história da comunidade quilombola”.

Dona Eunice diz: “Muitas pessoas acham que o quilombo é coisa de escravo, de pessoas negras. Nem em tempo de Zumbi. O quilombo é formado também por brancos, indígenas e qualquer pessoa necessitada de ajuda”.

Referências

<http://maragatoassessoramento.blogspot.com/2009/09/gauchos-ilustres_13.html>.

TERRA, Eloy. **As ruas de Porto Alegre:** Curiosidades; Como batizar uma rua; Ruas de muita história. Vol. 1. Porto Alegre: Editora AGE Ltda., 2001.

QUILOMBO DOS ALPES

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO
PROFESSOR OSCAR PEREIRA**



Foto: Luis Pedro da Rosa Fraga.

DIREÇÃO:

Semiramis Ferreira Carvalho

VICE-DIREÇÃO:

Sirlei Rodrigues Siqueira

Kauê Catalfamo

Paulo Stefano Stolz

SUPERVISÃO:

Jaqueline Fraga Ricacheski

PROFESSORES ORIENTADORES:

Jaqueline Fraga Ricacheski, Supervisora

Sandra Mara Rodrigues, Professora de Língua Portuguesa

ALUNOS AUTORES:

Andryelle Ribeiro da Silva, 2º EM

Carol Mendes Soares, 2º EM

Evelyn Oliveira da Silva, 2º EM

Kevin Felskir, 2º EM

Larissa Santos Machado, 2º EM

Layse Peres Jesuíno, 2º EM

Liriel Dias Sagas, 2º EM

Nathália Franskowiaki da Silva, 9º ano

Nikoly Bittencurt Detofano, 2º EM

Suellen Saraiva da Silva, 2º EM

Vanise Chari de Lima Rosa, 2º EM

QUILOMBOLAS ENTREVISTADOS:

Rosangela da Silva Ellias (Janja)

Introdução

Nós alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Professor Oscar Pereira (P.O.P), localizada na rua Francisco Martins s/nº no Bairro Cascata, fomos convidados para participar do projeto **Memórias de Trabalho e Não Trabalho Quilombola** com a participação do Quilombo dos Alpes e sua representante **Rosangela da Silva Ellias**, mais conhecida como **Janja**. Esse projeto do Tribunal Regional do Trabalho de Porto Alegre visa dar mais visibilidade às comunidades quilombolas situadas em nossa cidade, que são em número de sete.

O povo quilombola são comunidades remanescentes; por isso essa comunidade é reservada para os refugiados afro-brasileiros e indígenas que constituem famílias livres da escravidão. (O Quilombo dos Alpes existe desde o século XIX; foi “fundado” por **Edwirges Francisca Garcia**, que veio a falecer com 117 anos de idade.)

Antigamente, o quilombo não possuía encanamento, coleta de lixo, transporte público, postos de saúde, escolas, assistente social. A situação era precária, mesmo com as conquistas realizadas com o projeto na obra, os moradores procuram lutar cada vez mais por melhorias para o quilombo. O quilombo existe há 51 anos e nesse tempo, com a união dos moradores e dona Rosangela, que é a representante do quilombo, conseguiu escolas, postos de saúde, creches, projetos entre outros para que as crianças tenham uma boa educação, o que para ela é muito importante.

Esse projeto ajudou muito para que os alunos e professores entendessem mais a fundo a história dos quilombos. Conhecemos histórias muito interessantes, contadas pela representante dos Alpes; suas histórias nos impressionaram muito.

Reconhecemos a luta que enfrentam diariamente para conquistar suas coisas dentro do seu espaço, o preconceito que sofrem por pessoas desinformadas e ignorantes, que muitas vezes nem sabem o que significa

quilombo e também não procuram saber. Estendemos o devido respeito que todos nós devemos a essa comunidade por serem moradores tão antigos e por eles sempre estarem dispostos a lutar por seus direitos.

Por se tratar de um quilombo, muitos porto-alegrenses não têm noção da existência desses grupos que fazem parte da nossa população. Não sabem da sua história, importância e sua luta por melhores condições de vida, incluindo oportunidades de trabalho e acesso a políticas públicas.

São grupos de resistência que, mesmo com poucas condições, aos poucos estão conseguindo dar visibilidade a seu trabalho na maioria informal e assistencial a seus descendentes.

Trabalho e Não Trabalho Quilombola

Sobre essa temática, a realidade nesse quilombo é que a maioria de seus habitantes trabalha fora do local. A maioria das mulheres trabalha como empregadas domésticas, e os homens na construção civil, além de outras atividades informais sem carteira assinada, e muitos não usufruem os mínimos direitos legais de um cidadão trabalhador. Têm dificuldade em conseguir emprego formal devido à sua baixa escolaridade, à falta de mão de obra qualificada e ao próprio preconceito por sua origem.

Dentro do quilombo realizam atividades de mutirão e autoajuda sem remuneração.

Quanto às crianças e jovens, na sua maioria estudam em escolas próximas; alguns até já concluíram o Ensino Médio e Técnico, conseguiram emprego com melhores possibilidades dentro do mercado de trabalho. Com certeza, sua escolaridade e acesso às novas tecnologias e instalações da internet no quilombo farão um diferencial em seu preparo para exercer a profissão que almejaram.

Mesmo com essas dificuldades, existe dentro do quilombo um grupo de pessoas que luta junto ao poder público e ONGs pela melhoria da qualidade de vida de sua população.

História do Quilombo...

Rosângela da Silva Ellias, mais conhecida como Janja, esteve em nossa escola (Escola de Ensino Médio Professor Oscar Pereira) no dia 12 de junho de 2019 e nos contou um pouco de sua história e da história do quilombo a que ela pertence, o Quilombo dos Alpes. Ela conta que sua avó, Edwirges, era escrava e veio fugida há mais de 100 anos na época da Primeira Guerra Mundial e se instalou no local onde hoje se encontra o quilombo. Edwirges trabalhava na cozinha de um casarão localizado em Charqueadas (interior do RS), e seu companheiro, que todos acreditam ter sido um índio, trabalhava na lavoura com arados, tratores manuais puxados por bois.

Em certo dia de trabalho, o chifre de um dos bois quebrou, e com medo do castigo, que era extremamente severo, Edwirges, o companheiro e seu filho fugiram para onde está localizado o quilombo. Na época, Edwirges tinha apenas 14 anos. O local era tão longe do casarão, que chegaram aqui já sem o couro dos pés. O local era completamente vazio, não havia ruas, apenas trilhas. Tinha muito mato, frutas e alguns animais, sem nenhum morador; os únicos moradores ficavam na Avenida Oscar Pereira, cerca de 1 quilômetro do local.

Para chegar até o pico dos Alpes, onde eles estavam alojados, era preciso passar por uma divisa, onde havia um capão fechado, e lá tinha uma onça que atacava quem passasse por lá. Curiosamente, essa divisa é atualmente uma rua cujo nome é “Boca da Onça”. Com o tempo, ela teve mais três filhos; ela mesma fez os partos. Ela trabalhava como lavadeira, levava as roupas para casa e as lavava em um arroio, e tam-

bém na cozinha de um casarão não muito longe dali, que ficava localizado na atual Avenida Teresópolis. Com o tempo, seus filhos foram crescendo, e alguns faleceram deixando suas sementes plantadas aqui.

O espaço onde se encontra o quilombo é muito bom e acaba causando muito interesse de imobiliárias locais. Certo dia, um agente imobiliário fez uma proposta para os quilombolas, e eles negaram, o que fez o agente ficar com um pouco de raiva.

Atualmente, existem entre 130 e 140 famílias descendentes de Edwirges. Não foi possível resgatar registros de Edwirges, pois naquela época os registros de negros ficavam guardados na igreja, e infelizmente a igreja onde estavam os registros e documentos de Edwirges pegou fogo. Nos dias atuais, o quilombo possui água encanada, tratamento de esgoto, fiação elétrica e ajuda financeira do governo. Além disso, os quilombolas têm serviço de saúde exclusivo. Hoje em dia, esse quilombo possui uma extensa área de terra, onde são cultivadas mais de 280 tipos de ervas medicinais, que representam um patrimônio da comunidade. Estas ervas foram catalogadas por estudantes universitários e fitoterapeutas, que também cuidam da preservação, pois algumas já estão em extinção.

Ida ao memorial...

No momento em que a supervisora Jaqueline nos convidou para participar do projeto **Trabalho e Não Trabalho Quilombola**, ficamos bastante surpresos, pois nunca tínhamos participado de uma atividade relacionado a esse tema. Confessamos que no início não estávamos interessados no projeto, mas, depois de termos participado da visita ao Tribunal, assistido à apresentação dos quilombos e conhecido a história de vida de Janja, do Quilombo dos Alpes, ficamos muito interessados no tema.

Em 16/05/2019 fomos ao memorial para conhecer todos os quilombos. Essa experiência nos deixou muito felizes, pois foi quando conhecemos pessoas novas, histórias e realidades muito diferentes das nossas. Nesse dia, pudemos participar de atividades como Maculelê, músicas, poesias, etc.

Nossa colega que participou do Maculelê relata que foi uma sensação inigualável, com uma energia surreal, uma sensação muito diferente de tudo o que ela já tinha visto.

As atividades culturais que os quilombos praticam, como o Maculelê, que é praticado por atabaques; a bateria é separada por três atabaques: o “Rum”, que é o atabaque maior e com som grave, “Rumpi” é de tamanho médio e som intermediário e o “Lê” tem o som agudo e é o atabaque pequeno. A capoeira também foi praticada com o Berimbau, Pandeiro, Atabaque, Caxixi, Agogô e o Reco-Reco. Os praticantes falam bastante de sua religião de matriz africana em que depositam sua fé e cultuam seus orixás e que antigamente eram proibidos.

As pessoas dos quilombos são pessoas simples, muito afetivas e cativantes. Conhecendo todos eles, interessamo-nos mais pelo assunto, criando vontade de ir e conhecer o nosso quilombo. Infelizmente, não tivemos a oportunidade de ir até o quilombo por motivos de obra no local.

Mesmo não podendo conhecer o quilombo, ficamos contentes com a conquista deles, pois, apesar de todas as dificuldades, conseguiram a construção de casas pelo Projeto Minha Casa Minha Vida. Isso proporcionou para os moradores algumas vagas de emprego, que todos precisam bastante; os moradores do quilombo têm uma grande dificuldade de conseguir trabalho por conta da baixa escolaridade e do preconceito.

Infelizmente, nesse dia, a representante do Quilombo dos Alpes (Rosângela da Silva Ellias) não pôde estar presente por conta da obra no quilombo. Não tivemos a oportunidade, como as outras escolas, de

ir até o quilombo, mesmo assim conseguimos conhecer bastante sobre a realidade deles pela entrevista que a querida Janja nos deu. Fizemos a ela a seguinte pergunta: “o que é um quilombo urbano?”, e ela simplesmente respondeu com uma alegria no olhar: “um quilombo para mim é o Silva, o Guaranha, o Lemos e o Machado”. “Ser quilombola pra mim é ser família e união...”

Conquistas...

Vendo o quilombo hoje comparado com antigamente, conseguimos ver algumas mudanças, pequenas, mas que foram de total importância para eles. Apesar de todas as dificuldades, conseguiram conquistar diversas melhorias, como: posto de saúde, escolas, coleta de lixo, empregos e casas melhores.

O preconceito com quem mora nos quilombos em geral prejudica no mercado de trabalho em ter um emprego fixo, e também tendo uma moradia precária, pois antigamente era difícil obter água encanada, energia elétrica e materiais necessários para construções; utilizavam-se sucatas, matérias de entulho, barro e outros que não davam a segurança necessária às construções.

O projeto Minha Casa Minha Vida está trazendo para o quilombo muitas melhorias; o saneamento básico, por exemplo, é algo muito necessário, que antigamente eles não possuíam.

Em um lugar onde vivem muitas famílias é fundamental possuir benefícios para uma boa condição de vida. Eles passaram anos lutando contra o município, contra imobiliárias, para conquistar a posse das terras.

Em 2005, a comunidade obteve a certidão de autorreconhecimento da Fundação Cultural Palmares, mesmo ano em que abriu processo de regularização fundiária junto ao Incra. Desde então, passou a buscar direitos pertinentes às populações quilombolas.

Três meses após obter portaria de reconhecimento do Incra, o Quilombo dos Alpes teve mais uma conquista no processo de regularização fundiária. Assinado pela presidência da República, declarando a área de 58,2 hectares de interesse social para fins de desapropriação. Foi o primeiro território quilombola no estado a atingir essa fase em 2016.

Conseguiram realizar a 1ª Oficina de 2018 do NEGA no Quilombo dos Alpes com a participação do grupo de jovens da comunidade, reunidos através da ação de extensão da Unidade de Saúde da Família Estrada dos Alpes.

Um grupo de moradores já se encarregara de fazer e servir as refeições aos trabalhadores. Em pouco tempo conseguiram construir uma nova sede, que recebeu o nome de Dona Edwiges; no local são realizadas obras, almoços e outras atividades beneficentes com o objetivo de arrecadar alimentos para os trabalhadores.

Essa comunidade luta há anos pela preservação e posse de seu espaço geográfico e sua visibilidade dentro da sociedade. Uma frase citada pela Janja quando esteve em nossa escola transmite uma grande verdade à qual já nos referimos:

“Nós enxergamos a cidade, mas a cidade não nos enxerga”.

Quilombo nos dias atuais

Hoje em dia, o quilombo apresenta muitas “atividades” para moradores e visitantes, como: trilhas (com o grupo de escoteiros), rodas de conversa e almoço, galetos beneficentes (para arrecadar fundos para a comunidade), oficinas de maquetes e plantações, brincadeiras para as crianças (futebol, artesanato), entre outros, tudo para o melhor da comunidade quilombola e seus visitantes. Para eles, a capoeira é uma expressão cultural e muito importante no dia a dia da comunidade

quilombola, pois crianças e adultos a praticam. Eles também ensinam às pessoas que vão até o quilombo para visitar. Em nossa ida ao Memorial da Justiça do Trabalho, conhecemos diversas atividades culturais praticadas nos quilombos, como a capoeira, que usa os seguintes instrumentos: berimbau, gunga berimbau-médio, berimbau viola, pandeiro, atabaque, agogô e reco-reco.

A capoeira é uma representação cultural que mistura esporte, luta, dança, cultura popular, música e brincadeira; ela se diferencia de outras lutas por ser acompanhada de músicas. Conhecemos também o Maculelê; o instrumento principal é o atabaque. O Maculelê simula uma luta tribal, usando como arma dois bastões, chamados de grimas (esgrimas); os participantes desferem e aparam golpes no ritmo da música. Em alguns momentos da nossa conversa com Rosangela (Janja), percebemos que eles praticam a religião afro-brasileira, ao comentar que eles têm um congá onde praticam rituais, onde cultivam seus orixás, depositando sua fé. As religiões afro-brasileiras são aquelas originadas da cultura de diversos povos africanos trazidos como escravos ao Brasil entre os séculos XVI e XIX; a religião é muito importante para eles, pois vem desde que dona Edwirges veio para o quilombo.

Um fato que nos deixou bem curiosos foi saber que uma estudante gaúcha que estuda em uma universidade de Londres, no mês de julho, visitou o Quilombo dos Alpes para conversar com Janja sobre as políticas públicas que são oferecidas às comunidades quilombolas de Porto Alegre com o objetivo defender uma tese. Diante desse fato, vimos a importância dada à história do negro no Brasil, sendo tratado em outro país como a Inglaterra. Visto que muitos são tão desvalorizados em nosso país a ponto de não dar a devida importância a esses seres humanos que muito contribuíram para a formação de nosso povo.

Viram?! Até a Inglaterra vai saber dos quilombos de Porto Alegre. Será que todos os porto-alegrenses sabem de sua existência?

O conhecimento do trabalho dessa jovem levou-nos a refletir sobre a importância dos quilombos e despertar outro olhar sobre essas comunidades tão desvalorizadas e esquecidas pelo poder público. Apesar de negros e seus descendentes representarem mais de 50% da população brasileira, encontram-se ainda com muitas dificuldades, financeiras e de oportunidades de trabalho, estudo, moradias, etc. Nos quilombos, os índices de desemprego são bastante acentuados; muitos habitantes são obrigados a trabalhar no mercado informal para não ficar sem renda alguma, o que gera mais dificuldades de crescimento profissional e pessoal e, por consequência, mais preconceito. O espaço do quilombo lhes garante habitação e uma condição de sobrevivência digna, porém não garante o sustento, o trabalho formal, o reconhecimento profissional e a valorização pessoal e coletiva. O Quilombo dos Alpes, neste momento, por conta do Programa “Minha Casa, Minha Vida”, e da construção das casas está garantindo trabalho para os moradores que estavam desempregados, seja na construção diretamente das casas, seja indiretamente, atendendo as necessidades dos trabalhadores envolvidos, fazendo as refeições, e em outras demandas; esse é um diferencial que percebemos em relação aos outros quilombos, mas ficamos com o questionamento:

– E quando a obra acabar? Voltarão a ter as mesmas dificuldades para conseguir emprego?

Acreditamos que sim; por outro lado, também é possível imaginar que com as casas, o saneamento, as melhorias haverá uma transformação positiva do ambiente, o que pode trazer outras transformações para o grupo.

Dona Edwiges

Há muito tempo atrás
Por causa de um chifre dum boi
E com medo de castigo
Saíram de Charqueadas
Fugindo logo para cá

Uma nova moradia
Uma nova razão
No meio da mata
Havia um grande capão
Onde a onça atacava
Todos os que vinham
Naquela direção

Era muito longe do centro
Mas perto do coração
Um lugar tão bonito
Que dava muita emoção

Tinha uma linda paisagem
A vista era muito bela
Lá de cima se enxergava
Toda a grande cidade
Mas a cidade não os enxergava

Riqueza do Quilombo

Além do espaço geográfico
De sua localização
Possui uma grande riqueza
Muitas plantas medicinais

Muita gente não tem ideia
Que muitos remédios que usam
São nativos desta flora
Que faz parte do quilombo

São ervas medicinais
São mais de variedades
Que servem para fazer
Inúmeros fitoterápicos

Quilombo dos Alpes

Sob um lindo céu azul
Nos altos de um morro
Há mais de um século
Chegou a Dona Edwiges
Refugiada com seu esposo.

A família aumentou
E a comunidade cresceu
Ali o quilombo floresceu
Com muitas dificuldades.

E durante muitos anos,
A comunidade assim viveu.
Sem ter um trabalho digno.
Sem direitos trabalhistas!

Eram pois que trabalhavam
Pra sustentar as famílias
E ganhavam uma miséria
Sem trabalho reconhecido.

Um povo cheio de dores
Sofrendo por preconceito
Não perdeu a esperança
De defender o seu chão!

Em meio à ocupação
Daquela área de terra
Até sangue rolou
Em disputa pela terra.

Conclusão

Ao término da realização deste magnífico trabalho, sentimo-nos enriquecidos cultural e emocionalmente com a oportunidade que tivemos de tudo o que conhecemos sobre essa comunidade. Sabíamos de sua existência, mas não tínhamos conhecimento de sua história, organização e sua importância.

A comunidade dos Alpes existe há 117 anos; por incrível que pareça, até hoje lutam por mais políticas públicas, embora já tenham conseguido muitos benefícios para a comunidade através de suas lutas. Apesar de todos esses anos de existência, uma grande parcela da população da cidade não sabe de sua existência. Uma frase citada pela Janja quando esteve em nossa escola diz: **Nós enxergamos a cidade, mas a cidade não nos enxerga.**

Hoje nos consideramos pessoas de sorte por ter participado do projeto e assim ter ampliado nossos conhecimentos realizando a pesquisa sobre a história e importância desse quilombo. Com esse projeto mudamos totalmente nossas rotinas, que nos incentivou até no desenvolvimento de escrita e leitura.

Estávamos acostumados a trabalhar com temas restritos ao ambiente escolar. O projeto proporcionou-nos saídas para estudo para conhecer outra realidade fora da escola, conhecer e interagir com pessoas de outros ambientes. Gostamos muito da iniciativa brilhante do Tribunal do Trabalho de colocar no papel a história das comunidades quilombolas que existem em nossa cidade, despertando o interesse pela participação ativa na elaboração deste livro, dando também maior visibilidade às nossas escolas.

Sentimos que ainda há muito a fazer por essa comunidade em termos de assistência social, valorização da cultura e principalmente oportunizar seu acesso ao mercado de trabalho formal com todos os direitos que a Constituição determina aos trabalhadores em geral.

Que o trabalho seja a prioridade ao invés do não trabalho.

QUILOMBO FIDELIX

COLÉGIO ESTADUAL PROTÁSIO ALVES



Foto: Gabriel Borba Ribeiro.

DIREÇÃO:

Eliana Alves Flores

VICE-DIREÇÃO:

Daniela Mussi

Jussara Terezinha de Oliveira

Mariett Luíza Martins Cabral

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:

Daniele Spencer Dias

PROFESSORES ORIENTADORES:

Denúsia Moreira de Souza, Professora de Língua Portuguesa

Gilian Vinicius Dias Cidade, Professor de Sociologia

Katia Martini Labarthe, Professora de História

Mariett Luíza Martins Cabral, Orientadora Escolar

ALUNOS AUTORES:

Agatha Guimarães Leal, 1º EM

Ana Helena Raminelli dos Santos, 2º EM

Brunielli Aparecida Souza da Silva, 1º EM

Edson Gabriel Borba Ribeiro, 1º EM

Eduarda Amanda dos Santos Alberto, 1º EM

Francine Moraes Chaves, 1º EM

Gabriella de Fátima Batista Becker, 1º EM

Guilherme Arruda Brito, 1º EM

Juliana Rebeca Lima dos Santos, 1º EM

Katiele Alencastro da Silva Gomes, 1º EM

Laryssa Straccioni Gomes, 2º EM

Lucas Mateus Borges Cadiñeira, 1º EM

Maysa Pereira Fraga, 1º EM

Moacir Junior Moreira Silva, 1º EM

Rayssa Straccioni Gomes, 2º EM

Vasti Bittencourt Valentim, 1º EM

Yasmin Machado Albeche Marinho, 2º EM

QUILOMBOLAS ENTREVISTADOS:

Sérgio Ivan dos Santos Fidelix

Maria Helena Fidelix

Angela Mari Barrada dos Santos

RELATO 1

Quilombo professor: liderança quilombola, contação de história e novas memórias

Nós curtimos muito a primeira visita ao Quilombo Fidelix, pois, assim conhecemos um pouco mais da história e trajetória quilombola na cidade. Fomos muito bem recebidas por todos os moradores, inclusive pelo Sérgio Fidelix, membro da família e filho do fundador do quilombo; ele nos mostrou o galpão onde ocorrem as reuniões do quilombo e nos contou alguns momentos e eventos que eram realizados ali – festas, encontros para atividades, reuniões políticas – e o fato de hoje ser uma meta do quilombo reformar o galpão. Nesse mesmo local, ouvimos algumas histórias do seu passado de resistência, como quando foram despejados do primeiro lugar onde se localizavam e assim que migraram para o lugar onde vivem atualmente. Também nos contou da luta que vêm travando para conseguir seu reconhecimento como quilombo, a formação da associação e a importante articulação com os demais quilombos.

Fizemos algumas perguntas, tiramos dúvidas sobre questões políticas e jurídicas, e todas foram respondidas atenciosamente por Dna. Helena (quilombola esposa de Sérgio) e pelo próprio Sérgio. Todas as experiências foram muito gratificantes, pois com elas conseguimos aprender sobre uma história que poucos conhecem e dão valor, sem nem saber a luta que eles tiveram para ter seus direitos de morar serem reconhecidos e principalmente sem considerar suas contribuições para o desenvolvimento da cidade.

Vivenciamos momentos incríveis neste projeto, momentos que ficarão guardados não só em nossas mentes, mas ficarão sempre em nossos corações, pois não terá como esquecer uma história de lutas, resistência e conquistas. Ao visitar o quilombo e ouvir as histórias con-

tadas por Sérgio (uma outra história da cidade de Porto Alegre), histórias de momentos de dor e sofrimento – não só dos quilombolas fisicamente –, mas dor dentro de nós mesmos por saber que eles vivenciaram momentos que nenhum ser humano merece passar: falta de reconhecimento e ataque a seus direitos.

Na segunda visita ao Quilombo Fidelix, uma moradora que mora ao lado do quilombo nos contou a sua história de vida, deixando todos emocionados. Solange, uma mulher negra, mãe de seis filhos, que passou por diversas dificuldades na vida, mas que hoje se orgulha por todos eles estarem em uma universidade. Ficamos pensando em tudo o que Solange já passou, pois foram diversas dificuldades. Hoje ela pode ver que valeu a pena ver seus filhos vivendo momentos que ela sempre sonhou. E, por último, Solange deixou uma mensagem para nós mulheres: “Trabalhem para ser independentes e não depender de homem nenhum”. A vida pode ter sido injusta para Solange, mas ela nos mostrou que é uma guerreira e que não perdeu seu brilho nos olhos apesar de tudo o que passou.

Alunas Autoras: Francine, Juliana e Gabriella

Sobre Memórias de Trabalho e Não Trabalho: o relato evidencia o papel importante de articulação política e contato entre os quilombos urbanos de Porto Alegre que a liderança do Quilombo Fidelix significa. É importante para a luta que todos os quilombos urbanos travam para se manter.

RELATO 2

Território em movimento: produzindo memória e trajetórias com arte e talento

Eu entendi que os quilombos têm esse nome porque eram os locais de refúgio de escravizados fugidos de engenhos e fazendas desde muito tempo atrás. Há vários quilombos no Brasil, rurais e urbanos, e não podemos esquecer essa população nem vê-los com preconceito. No evento realizado no TRT, eu pude perceber as diferenças e diversidades entre os quilombos: enquanto um pratica capoeira, o Fidelix, por exemplo, outros produzem rap, como o Quilombo Flores. Os quilombos deveriam ser mais valorizados tanto sua trajetória como sua cultura. Nas vivências com o Quilombo Fidelix, pude aprender um pouco de tudo e que eles têm como objetivo divulgar e ensinar sua cultura, compartilhando e divulgando o seu saber. Foi uma ótima pesquisa, gostei muito!

Aluno: Lucas Matheus

Sobre Memórias de Trabalho e Não Trabalho: este relato parte do aprendizado em relação ao Grupo de Capoeira que o Mestre Jaburu lidera e as memórias negras que o grupo ensina e mantém vivas. Também se relembra os quilombolas que jogaram futebol e construíram um time, bem como a Praça Internacional e o próprio quilombo como pontos de encontro e produção de arte/resistência.

RELATO 3

Novas memórias, novas referências: quilombo e escola unidos

Tem sido uma experiência incrível poder saber mais sobre a cultura e a vivência dos quilombos e entender mais sobre a história e o passado deles e de Porto Alegre. Na minha visão, quilombo é um símbolo de resistência de culturas e pessoas que lutam pelos seus direitos. Todos vivem de forma honesta e humilde no quilombo. Todo dia uma nova luta pelo que é seu.

Eu apoio muito o trabalho dos professores nas escolas para manter a cultura viva e ajudar na resistência e na luta dos quilombolas. Espero que no final desse projeto com o lançamento do livro a gente possa fortalecer a luta pelos direitos e deixar a nossa marca, da escola e dos alunos, na história desse povo.

Aluno: Guilherme Arruda / Turma 110

Sobre Memórias de Trabalho e Não Trabalho: a contribuição pedagógica à educação, aos professores e as novas estratégias pedagógicas e abordagem de conteúdos ficam evidentes com esse relato. Uma vez que muito do que os alunos aprenderam com o projeto foi a partir do que o quilombo ensinou.

Cronograma de vivências e novas memórias¹

1) Motivação dos alunos e formação do Grupo de Pesquisa sobre Quilombos

Edson Ribeiro: “O meu interesse pelo projeto foi porque eu queria buscar mais sobre o que era um quilombo, pois não sabia o que era, mas com o decorrer do tempo fui aprendendo mais com os professores e com o próprio Sérgio Fidelix, liderança do quilombo que conhecemos”.

Guilherme Arruda: “Eu tive interesse em entrar no projeto para aprender mais sobre essa cultura e ajudar a escola com o livro; entrei nesse projeto sem saber de nada sobre a cultura dos quilombos e fui adquirindo conhecimentos com as interações que eu tive com os quilombos e com os professores”.

Lucas Borges: “Eu tinha vontade de saber (conhecer) dessa cultura e também já tinha ouvido falar; a nossa escola juntou um grupo de adolescentes para fazer essa pesquisa e saber mais sobre o tema Quilombos Urbanos”.

Moacir Moreira: “O convite foi muito animador; pena que teve poucos da turma que queriam participar; minha motivação foi quando eu soube da notícia que íamos ‘entrevistar os quilombolas’; gostei bastante da ideia de aprender a cultura das pessoas do quilombo, fiquei bastante interessado no que nós tínhamos para aprender e eles a nos dizer”.

¹ Esta parte do capítulo foi produzida a partir do questionamento aos alunos em relação aos eventos e atividades realizadas ao longo do projeto. Consideramos: 1) motivação para participar do projeto e formação do grupo de pesquisa na escola, 2) encontro das escolas e quilombos dia no 17 de maio, 3) grupo de estudos sobre quilombos urbanos, e 4) visitas ao Quilombo Fidélis e entrevista com os quilombolas.

Yasmin Albeche: “Quando a professora Katia e o professor Gilian passaram na minha sala para falar sobre o projeto Quilombo Urbano e explicaram que nesse trabalho iríamos desenvolver um livro, interessei-me imediatamente, pois gosto muito desses professores e me perguntei ‘o que é quilombo?’; nunca havia escutado falar sobre isso. Então vi uma oportunidade de aprender sobre o assunto e enfrentar novos desafios”.

Vasti Bittencourt Valentim: Através da minha professora de História recebi o convite e lhes confesso que não achei que acabaria gostando tanto desse projeto social. Minha maior motivação por querer participar foi querer conhecer uma parte da história de meus ancestrais. Hoje em dia, é muito difícil as coisas ao nosso redor darem espaço para projetos com essa abertura, mas depois que a minha professora me mostrou, passei a olhar tudo com novos olhos. O dia do jogo de tabuleiro também foi um momento de muito aprendizado; por ter que ler alguns documentos, nós acabamos nos envolvendo com aquilo e fomos mais fundo ainda nessa história”.

2) Encontro das escolas e quilombos no dia 17 de maio
– Lançamento do Projeto

Edson Ribeiro: “O encontro no Tribunal Regional do Trabalho foi muito bom para a gente conhecer os outros seis quilombos urbanos de Porto Alegre, como por exemplo: o Quilombo dos Machado, que praticava a capoeira, e o Quilombo dos Flores, que praticava a música dentre outros quilombos, como o Quilombo dos Alpes, Quilombo dos Silva, Quilombo Areal da Baronesa, e também no dia do encontro no TRT tivemos a participação de várias escolas”.

Guilherme Arruda: “O passeio no TRT foi incrível e deu para perceber a quantidade de pessoas que apoia a luta e a participação das

escolas; consegui aprender um pouco sobre a cultura com os quilombolas do Quilombo dos Machado, que mostraram as danças de capoeira e interagiram com a plateia; depois ouvimos as músicas dos quilombolas dos Flores, que cantaram sobre a cultura e a diversidade dos quilombos”.

Lucas Borges: “O dia em que teve a palestra no TRT tinha outras escolas lá para aprender e saber sobre as culturas de cada quilombo que estava lá no dia: lembro de conhecer os quilombos da Família Fidelix e da Família Silva e também o Quilombo dos Alpes e o Areal da Baronesa”.

Vasti Bittencourt Valentim: “O dia da mesa-redonda no TRT foi algo mágico, uma cultura tão rica e pouco valorizada em nossa sociedade. Música, animação, uma energia totalmente diferente de qualquer outra que eu havia presenciado e, claro, a presença de alguns quilombos lá tornou aquilo mais simbólico. Esse projeto deve ser não só importante para mim, mas para todos os que me acompanharam nisso. Uma parte pouco vista e muito mal explicada em nossa história deveria ser mais explorada e entendida para ter mais força e representatividade em nossa atual sociedade”.

3) Grupo de estudos sobre Quilombos Urbanos na escola

Yasmin Albeche: “Nos vídeos que foram mostrados aprendemos mais sobre Quilombo Urbano. Assistimos a vídeos explicando o conceito e reportagem feita por uma emissora, visitando dois quilombos aqui em Porto Alegre, sendo um deles o Fidelix (próximo à nossa Escola Protásio Alves). Aprendemos então o que é quilombo urbano e visualizamos como os mesmos estão atualmente, assim como as dificuldades e o abandono que sofrem”.

4) Visitas ao Quilombo Fidelix e entrevista com os quilombolas

Edson Ribeiro: “A primeira visita foi bem produtiva, pois conversamos com a esposa do Sérgio Fidelix e com o próprio Sérgio Fidelix, onde ele nos falou como é viver num quilombo, como é a convivência deles dentro do quilombo, o meio de renda do quilombo e como é ser um quilombola, dentre outras coisas como a faculdade e o preconceito que as pessoas têm com os quilombolas. Sérgio Fidelix falou-nos também que dentro do quilombo existem trabalhos formal e informal; ele também citou que dentro do Quilombo Fidelix tinha alguns trabalhos formais quem era enfermeiros e policiais, e os trabalhos informais como os vendedores ambulante e dentre outros”.

Guilherme Arruda: “Na primeira visita, eu me surpreendi porque não era o que eu esperava; eu achei que ia ser melhor estruturado, mas parece mais precário. Parece bem organizado e tem muitas pessoas com trabalhos formais e não formais, como médicos, policiais e até vendedores de rua. Então lá todos trabalham, sendo de carteira assinada ou não. Outra coisa que notei é que havia um certo preconceito que os moradores da volta tinham com os quilombolas. O Fidelix nos apresentou o quilombo e contou sobre a história e o que tinha antes do quilombo e como eles chegaram ali. Na segunda visita, a gente voltou para perguntar um pouco mais sobre a história, e então entrevistamos uma moradora que contou emocionada sobre a sua história e a de seus seis filhos, que conseguiram entrar na Faculdade, formar-se e concluir seus estudos; alguns deles até se formaram na UFRGS”.

Lucas Borges: “No dia em que fomos ao Quilombo Fidelix pela primeira vez, teve uma roda de conversa e perguntas sobre como era a vida e os direitos de um quilombola, e toda a conversa que tivemos serviu para a nossa pesquisa. Soubemos que a luta por titulação dos terrenos dura anos, e são poucos os quilombos que já garantiram esse

direito. Então, na segunda visita que fizemos ao quilombo, o líder nos apresentou uma senhora que fazia parte do quilombo e nos contou sobre sua vida, que tinha seis filhos que já estavam na universidade, uma vitória para ela e a comunidade”.

Moacir Moreira: “Bom, muito interessante, uma frase que Sergio Fidelix: ‘existem dois tipos de trabalhos no quilombo: trabalho não formal e trabalho formal’. Podíamos ver que aquele quilombo era muito bem organizado: todos os moradores do quilombo tinham trabalho, como ele disse na frase acima; todos trabalhavam, alguns de forma formal e outros de forma informal; também falamos com uma moradora que era do quilombo, mas não fazia parte dos quilombolas”.

Yasmin Albeche: “A primeira visita ao Quilombo Fidelix foi bem interessante. Fomos muito bem recebidos pelo Sérgio e sua esposa, que foram muito atenciosos com o grupo e nos contaram alguns momentos de dificuldade que passaram ao serem despejados do primeiro lugar onde se localizavam e que por isso tiveram que migrar para o lugar atual, na região da Azenha. Ele conta que demoraram para ser reconhecidos como um quilombo e só o conseguiram através de muita luta. Nós então entramos no galpão onde ocorrem as reuniões do quilombo, e uma vez lá dentro, ele nos contou sua história de vida e sanou algumas dúvidas que tínhamos de forma atenciosa”.

5) Como os alunos veem o futuro após participar do projeto?

Edson Ribeiro: “O projeto é importante porque vai divulgar a nossa preocupação, assim como o Quilombo Fidelix e os outros quilombos também, além de conscientizar a população sobre a existência desses sete quilombos urbanos de Porto Alegre”.

Guilherme Arruda: “A importância do projeto é mostrar para as pessoas que existem pessoas na luta pelos seus direitos, e vamos mostrar isso por meio do nosso livro, que tem a participação de várias escolas e dos sete quilombos de Porto Alegre; vamos publicá-lo na feira do livro e pretendemos atingir um grande público. A importância do livro também é mostrar para o governo que estamos unidos e ajudando a luta”.

Lucas Borges: “Esse projeto sobre quilombo tornou-se importante para nós do grupo de pesquisa, e vamos expor esse projeto para as outras pessoas vê-lo”.

Moacir Moreira: “O projeto foi muito importante para mim; aprendei o que outras culturas têm a me ensinar. Também foi muito importante para a Escola Protásio Alves, para os alunos não só do 1º ano, mas sim para todo o colégio. Sei que também os professores aprenderam bastante também, e os governantes deveriam também dar importância para os quilombos”.

Yasmin Albeche: “A importância do quilombo é inegável, já que os mesmos são espaços de memória e símbolos de resistência que nos remetem ao duro período da escravidão, lembrando-nos de uma dívida histórica jamais paga. As lutas pelo acesso aos direitos humanos básicos ainda são constantes e diárias. Iniciativas como essas são importantes no caminho da afirmação do direito dos descendentes de africanos escravizados e também para a preservação da memória de quem não mediu esforços para garantir sua liberdade”.

Quilombo Fidelix: produzindo novas memórias²

O que viveram os professores:

O Colégio Protásio Alves possui 88 anos, e isso o faz tradicional na cidade. Sendo assim, por responsabilidade histórica e na tentativa de promover projetos pedagógicos alternativos, em acordo com a lei 10.639/2003, participamos do Projeto Memórias de Trabalho e Não Trabalho Quilombola. Sabendo que a escola está presente em um território originalmente quilombola na cidade de Porto Alegre, o convite feito pelo Memorial significa também um resgate de nossa história, desta vez pela ótica do percurso e dos ensinamentos possíveis do Quilombo Fidelix, que fica próximo ao Colégio.

Considerando que o foco do projeto era abordar memórias, as atividades de pesquisa e ensino focaram na produção de vivências com: evento ocorrido no Tribunal Regional do Trabalho, oficina de Maculelê e Capoeira, apresentação de rap e hip hop, jogos lúdicos com coordenação do quilombo e, principalmente, visitas ao Quilombo Fidelix e interação entre os alunos e os quilombolas.

O capítulo foi construído a partir dos escritos e relatos de novas memórias produzidas pelas vivências anteriormente. Enquanto a primeira parte busca identificar exemplos e experiências – históricas ou recentes – de trabalho e não trabalho quilombola, a segunda reconstrói as memórias através de um cronograma de relatos de acordo com cada vivência.

Para nós professores foi uma experiência nova, desafiadora e muito instigante, na medida em que possibilita a interdisciplinaridade, assim como a cooperação entre diferentes instituições. Em relação a

² Para a produção desta parte, os professores orientadores solicitaram relatos dos alunos destacando o principal de sua vivência e aprendizado no contato com o quilombo e a liderança quilombola, a fim de percebermos o quilombo como fonte de cultura, história, informação e conhecimento.

esse último aspecto, vale destacar os quilombos como fonte fundamental de conhecimentos histórico, político e social relevantes e o Memorial da Justiça e do Trabalho como coordenador de um projeto que se traduz, agora, em instrumento para novas metodologias de ensino e novas pedagogias das relações étnico-raciais.

Professores: Dênsia Souza, Gilian Cidade, Kátia Labarthe, Mariett Cabral

QUILOMBO DOS MACHADO

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO BÁSICO

DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA



Foto: Cássia Marques Serpa.

DIREÇÃO:

Flávio Brescher Muller

VICE-DIREÇÃO:

Eloísa Dias Alves

Márcia Alcará Donini

Simone Martins Dos Santos

PROFESSORES ORIENTADORES:

Alice Bemvenute, Professora de Artes

Cássia Marques Serpa, Professora de Língua Estrangeira

Luciana Lerina, Professora de Língua Portuguesa

Patrícia Cardinale Dalarosa, Supervisão Escolar

Paulo Ricardo Bartel, Professor de Artes

Paulo Sérgio da Silva, Professor de História

ALUNOS AUTORES:

Agatha Magliani Azevedo, 3º EM

Aline Cristina do Nascimento Silveira, 8º ano

Alisson Raymundo Amaral, 9º ano

Allana Vitória Alves Sabino, 8º ano

Amanda da Silva Campos, 2º EM

Beatriz Cavaleiro Vieira, 1º EM

Brenda Benittes da Silva, 7º ano

Brian Alexsandro de Souza Soares, 9º ano

Brian Anderson Servian Ibañez, 9º ano

Carlos Eduardo da Rosa Duarte, 1º EM

Eduarda Brusch Klein, 4º ano

Eva Vitória Fernandes Machado, 8º ano

Helena Gama da Costa, 4º ano

Henrique Alexandre de Oliveira, 4º ano

Hynaian Santos da Silva Lima, 1º EM
Ingrid Raymundo Amaral, 9º ano
Isadora Dias da Conceição, 8º ano
Kauã Pereira Elia, 8º ano
Kaylanne Shayelle Soares Sá, 8º ano
Laura Padilha Ferreira, 7º ano
Lucas Luan Gonçalves, 9º ano
Luiza Beck Tavares, 7º ano
Mayara Silva Sales, 4º ano
Milleny Trindade Molina, 1º EM
Nicolas Alex Santos de Souza, 9º ano
Patrícia Andriele Garcia da Cunha, 9º ano
Ronald Ponciano Costa, 9º ano
Sara Eduarda Taborda Mota, 4º ano
Sophonia Clenat, 3º EM
Thamara Dornelles Feijó, 8º ano
Victor Pacheco Baptista, 4º ano
Victoria Aparecida Job Gacki, 8º ano
Victoria dos Anjos Barcelos, 8º ano
Wesley Marques Andrade, 3º EM

Um quilombo em busca de reconhecimento

Esta história começa no séc. XVI, quando iniciou a escravidão no Brasil. Naquela época, muitos trabalhadores escravizados conseguiram fundar os primeiros quilombos e assim se fortaleceram em comunidades. Mas para que isso acontecesse, foram precisos muito trabalho, muita coragem, força e muito sangue derramado. Essa é uma luta pela terra e pelos direitos humanos que dura até hoje.

Atualmente, o Quilombo dos Machado luta pelo reconhecimento do direito à terra. Isso significa uma luta pela dignidade humana, por igualdade social, condições de moradia, de trabalho, de saúde e segurança.

Nós estudantes da EMEB Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, no bairro Sarandi de Porto Alegre/RS reconhecemos e apoiamos a luta do Quilombo dos Machado.

Turma C31 / 9º Ano

Quilombo dos Machado

Em nossa visita ao quilombo, vimos a situação precária em que vivem as pessoas. Mesmo nessa situação, a comunidade está sempre unida. Juntos ergueram a comunidade que há pouco tempo não tinha energia elétrica nem saneamento básico. Com muita luta e protesto eles conseguiram adquirir o seu espaço. As pessoas de fora veem o quilombo como invasão ou como ocupação; nós jovens negros vemos os quilombos como um símbolo de resistência e de luta por direitos. A maioria das pessoas que mora nos quilombos é negra e pobre, por consequência não consegue trabalho. As formas de resistência cultural contra o preconceito e o sistema que oprime os jovens negros no Brasil são o rap, o hip-hop e a capoeira. No rap, por exemplo, os jovens expressam-se livremente, falam o que pensam e abrem os olhos dos mais jovens, empoderando-os e os preparando para lutar contra o racismo e outros preconceitos. Uma referência para os jovens hoje em dia é o cantor Djonga com sua famosa frase “Fogo nos racistas”, que é muito forte.

Alisson Raymundo Amaral e Ingrid Raymundo Amaral / Turma C33 / 9º Ano

O mestre Jamaica contou...

O mestre Jamaica contou como funciona o quilombo, como eles batalharam para estar naquele lugar e que às vezes eles sofriam para entrar em postos de saúde por causa do endereço. Contou que batalharam para ter esgoto, batalharam para ter água e que a prefeitura demora para fazer a sua parte. Teve um dia em que eles foram protestar... Mas não é todo dia que eles tinham a sorte de ser atendidos.

O mestre Jamaica ensinou que a capoeira é uma luta e um jogo e que o maculelê é uma dança de guerra, uma briga pela vida. O Jamaica e os moradores batalharam pelo lugar onde vivem. Muitas pessoas ainda enxergam o quilombo como invasão, mas não é uma invasão. É uma ocupação de direito, e o nome é Quilombo dos Machado.

Nicolas Alex Santos de Souza / Turma TJ / III Ciclo

Os Machado

Chegamos no Quilombo dos Machado
e ouvimos o mestre Jamaica
que nos contou um pedaço de sua história:

O quilombo é...

Uma vila humilde
de quem não tinha onde morar
porque foi roubado
e teve que lutar
e por moradia se sujeitar
com protestos pelo povo negro.

A maior riqueza desse povo é a humildade
e a sabedoria além de tudo
único que quando cai no precipício
pensa no seu povo
acorda e dorme
na luta de seu povo.

Quilombo é quilombo pessoal
que apesar de toda a dificuldade
sempre se mantém forte e com dignidade.

Lucas Luan Gonçalves / Turma TJ / III Ciclo

O Quilombo dos Machado

No dia 04 de julho de 2019, eu fiz uma visita ao Quilombo dos Machado e aprendi muita coisa sobre eles. O mestre Jamaica explicou-nos a luta deles pela igualdade, pelos direitos, pela cultura e a luta para ter o seu espaço. Conheci a casa dele. A mulher do mestre Jamaica mostrou-me uma quartinha dos santos que eles têm fé, e eu também. Conforme está escrito na pagina 06 do Jornal Jornalismo B, edição 125, Jamaica diz que “em 2012, dezenas de famílias ocuparam um grande terreno que estava sem uso na zona norte de Porto Alegre. Nasceu ali a comunidade 7 de Setembro. Um ano depois, a comunidade acrescentou ao seu nome ‘Quilombo dos Machado’, referência à história do terreno ocupado por parte das famílias ocupantes” há mais de 60 anos: os Machado. Gostei muito de aprender a cultura deles, aprendi muito com isso.

Isadora Dias da Conceição / Turma C21 / 8º Ano

Da visita ao Quilombo dos Machado

A visita ao quilombo foi um aprendizado. Foi algo novo. Vimos de cara a realidade dos moradores e o que passam no seu dia a dia. Nós vimos, presenciamos, suas manifestações para conseguir um espaço naquele lugar e o esforço para buscar os seus direitos.

Aprendemos que devemos lutar todos os dias, que devemos estar sempre preparados. Uma frase do Jamaica chamou a atenção: “toda luta é uma ginga”. Essa é a realidade do quilombo. Assim, a estrutura das casas: algumas jeitosas, outras nem tanto. O chão batido, um pouco de asfalto até uma parte, esgoto a céu aberto e pessoas lutando, trabalhando para ter moradia e uma vida digna para moradores e crianças circularem tranquilamente na ruas.

Vimos também que alguns políticos só aparecem no quilombo em época de eleições para tentar agradar e ganhar votos; mas os moradores já não aceitam mais esses políticos naquele espaço, já não querem mais ouvir mentiras e papo-furado.

Hoje, o quilombo dos Machado tem água e luz porque os moradores lutaram, trabalharam, fecharam as ruas em protestos. No atendimento da saúde, eles eram considerados indigentes por não ter CEP. E como o mestre Jamaica pergunta: “Se uma pessoa não tiver documento, ela não é gente? Ela não é ninguém?”. O Jamaica e sua esposa não foram chamados para uma reunião sobre a saúde, mas eles entraram lá e brigaram por seus direitos.

O quilombo, além de ser um espaço para os moradores, também é um espaço de cultura, como a capoeira, o maculelê, festas, batalhas de rimas e tantas brincadeiras. Então o quilombo é isso, entendeu? É lugar de aprendizado, de luta e de conquistas.

Aline Cristina do Nascimento Silveira e Allana Vitória Alves Sabino /
Turma C21/ 8º Ano

Meu olhar sobre o quilombo

O Quilombo dos Machado, iniciado no dia 7 de setembro, é um povo do bem. Eu conheci o Jamaica e a Thamires e onde eles moram. Mesmo sem a ajuda do governo, eles lutam todos os dias pelo presente e pelo futuro de suas famílias. Como o Jamaica disse, gingando, dando a meia-lua, deve-se saber fazer o rabo-de-arraia e saber quando se defender; não desistir, mas saber a hora certa de recuar, fazendo a negativa. É assim na periferia, como sempre tentando, lutando e resistindo a tudo o que acontece a eles e a muitos de nós. É uma luta para sobreviver, para viver e conquistar uma vida como qualquer outra pessoa, seja branca, negra, amarela, indígena. Todos merecem viver. Os quilombos lutam pelo que querem até conseguir; e eu admiro isso. Em Porto Alegre, existem apenas sete quilombos conhecidos, fora outros que, talvez, neste momento, estejam precisando de água, luz, saúde e reconhecimento. A comunidade 7 de Setembro está lutando pelo Quilombo dos Machado. Contudo outros quilombos ainda precisam lutar por seus direitos. Muitos ainda são chamados de indigentes; entre outras coisas, são rebaixados por aqueles que se consideram melhores, mas não são.

Eu aprendi que temos que lutar por aquilo que queremos; e se não lutarmos, poderemos perder e ser chamados de fracos. Assim como o Quilombo dos Machado, devemos lutar por nossos direitos e reconhecimento.

Thamara Dornelles Feijó / Turma C21 / 8º Ano

O que entendemos sobre os quilombos

Entendemos que o quilombo é uma comunidade que passa por muitas dificuldades e que, se não lutasse, não teria nem mesmo luz e água. No Quilombo dos Machado, o mestre Jamaica, a Thamires e outros moradores lutam para ser considerados seres humanos e não indigentes, como foram tratados no atendimento da saúde.

E uma coisa que aprendemos no quilombo é que, além de tudo o que aconteceu, temos que continuar lutando por nossos direitos. Muitos consideram o quilombo uma invasão, mas, na verdade, é uma comunidade que luta todos os dias por seus direitos.

Amamos conhecer Thamires e seu marido Jamaica e queremos conhecer outras pessoas quilombolas.

Kauã Pereira Elia e Kaylanne Shayelle Soares Sá / Turma C22 / 8º Ano

Pensamentos que ficam...

Vivemos num mundo abstrato e concreto. Enquanto alguns nascem, outros morrem. Estamos num tipo de aldeia familiar. Respiramos o mesmo ar. Pessoas negras ou brancas e humildes. Essa é a aldeia em que quilombolas habitam, participam e brincam entre si.

Brian Alessandro de Souza Soares / Turma TJ / III Ciclo

Patrícia Andriele Garcia da Cunha

Nessa tribo aprendemos a conviver e dividir o alimento. Éramos animais selvagens presos e usados pela sociedade. Hoje convivemos, apesar da dor e sem rancor. Aprendemos e sabemos o valor que temos.

Turma TJ / III Ciclo

Existem sete quilombos em Porto Alegre; um deles é o Quilombo dos Machado. Antigamente, todos viviam em harmonia, mas hoje em dia algumas pessoas querem tirar o quilombo, querem tirar as pessoas que nasceram nesse lugar. Mas isso não vai acontecer. O quilombo tem o direito de ficar no lugar onde nasceu. Se o mundo colaborar, o Quilombo dos Machado vai vencer essa luta. Mais de 240 famílias vivem ali. Não vamos deixar que os retirem!

Helena Gama da Costa / Turma B11 / 4º Ano

O Quilombo dos Machado tem uma tradição de dança e música da época do Quilombo dos Palmares. A ocupação é em Porto Alegre no bairro Sarandi, dentro da comunidade 7 de Setembro, e já tem mais de 40 anos. Todos os quilombos têm uma história. O Quilombo dos Machado tem mais 289 famílias descendentes de escravos desde 1888. Várias vezes já tentaram tirar as pessoas dos quilombos, mas elas têm o direito de ocupar a cidade. Por causa do trabalho dos escravos a gente tem a cidade de hoje.

Eduarda Bruschi Klein, Mayara Silva Sales e Sara Eduarda Taborda Mota /

Turma B11 / 4º Ano

Em meu sonho acordei numa tribo. Abri os olhos: por favor, não me acorde, pensei. Não quero ver essa raça sofrer. É o Quilombo dos Machado lutando para ser feliz.

Ronald Ponciano Costa / Turma TJ / III Ciclo

Bom, em minha opinião, é importante conhecer a história dos quilombos, pois temos que entender outras realidades que fazem parte da nossa. Eu admiro muito os quilombos, pois, como a história conta, eles batalharam e batalham demais por suas conquistas. Muitos têm preconceito. Eu admiro bastante porque eles sabem respeitar o outro e querem o mesmo respeito. A pessoa negra já tem uma história sofrida desde antes de nascer. Então eles merecem respeito por ser fortes todo esse tempo e por tudo o que passaram. Eu adorei ir à comunidade onde moram os quilombolas; além de ser um lugar lindo, é muito humilde; para mim, um lugar confortável não precisa de “frescura”; basta ter um diálogo bom e interessante, um lugar que tenha respeito é o mais importante. A realidade do quilombo é e sempre foi bem diferente da nossa; não estou dizendo que somos mais ou menos do que eles, mas por terem passado por tudo o que passaram são fortes e não tratam ninguém com indiferença. Eu sinceramente acho que diferenciar as pessoas pela sua cor ou raça é uma bobagem, pois todos nós somos iguais; somos seres humanos com os mesmos direitos. A comunidade quilombola exige respeito, sendo que eles não deveriam pedir por isso, pois já é direito de todos. Eles contaram que os políticos só aparecem lá em época de eleições, e no resto do tempo a comunidade precisa lutar por condições de vida.

Victoria Aparecida Job Gacki / Turma C21 / 8º Ano

Eu percebi que a comunidade é muito humilde. Por muito tempo, eles viveram sem luz porque a prefeitura queria que eles fossem embora. Eles batalharam muito pelo espaço que é deles e durante muito tempo passaram por muitas dificuldades. Por muito tempo também os políticos iam até lá tirar fotos com eles, mas não faziam nada pela comunidade. Na verdade, os políticos e a polícia tentaram derrubar o quilombo. A comunidade quilombola luta muito pelos negros, mas o racismo continua e pessoas negras morrem todos os dias. Os políticos continuam matando na periferia com seus projetos.

O grande mestre que defende o direito do Quilombo dos Machado é chamado Onir, e o canto de guerra é: “acabou o amor, isso aqui vai virar Palmares”, e já virou Palmares.

Eva Vitória Fernandes Machado e Victoria dos Anjos Barcelos /
Turma C21 / 8º Ano

O Quilombo dos Machado tem muita resistência e luta pela terra que é deles. Se tirarem a terra, eles não terão onde morar; então eles lutam. O quilombo é uma cultura muito antiga de luta.

Mais de 289 famílias moram no Quilombo dos Machado. Os quilombos passam de geração em geração seus costumes, como a capoeira. Quando fazem capoeira, eles gritam que “acabou o amor, isso aqui virou Palmares” com muita luta; pois a escravidão no Brasil durou até 1888, durou muito tempo; e a gente está em 2019; isso significa que a escravidão durou até bem pouco tempo.

Victor Pacheco Baptista e Henrique Alexandre de Oliveira /
Turma B11 / 4º Ano

Visão sobre a comunidade quilombola

Vimos condições precárias e algumas situações de saneamento básico. O quilombo luta por suas conquistas; uma das conquistas é a ocupação do seu terreno.

Os quilombos são importantes entre si e para todos os seus moradores. Seus conhecimentos mudam a elaboração das ideias (maculelê, capoeira, etc.). Vivem em comunidade, no respeito. Muitos políticos só os enxergam em tempos de eleições. Já foram chamados de indigentes porque não tinham documentos.

A lei que protege os quilombos é federal (de defesa dos territórios quilombolas); não é estadual.

Brian Alexsandro de Souza Soares e Brian Anderson Servian Ibañez /
TJ/ III Ciclo

Momentos de reflexão coletiva durante o Seminário dos Movimentos Sociais

A partir das intervenções realizadas pelos quilombolas no Seminário dos Movimentos Sociais, realizado em junho deste ano com a presença das lideranças do Quilombo dos Machado e representante do Memorial da Justiça do Trabalho / TRT, sob organização dos alunos do Ensino Médio, os estudantes foram instados a registrar impressões, de livre escolha, sobre os temas abordados no evento. Alguns optaram por refletir sobre as relações étnico-raciais e, informados pelo mestre Jamaica e outros painelistas, refletiram sobre o racismo, o preconceito, a existência dos quilombos, a força da capoeira e o Quilombo da Família Machado... Abaixo, seguem textos produzidos pelos participantes.

Paulo Sérgio da Silva

Sobre os quilombos...

Achei interessante a ideia da organização do seminário de trazer esse tema que é tão pouco discutido, quase esquecido pela sociedade, sendo que dentro do quilombo existem famílias, pessoas querendo igualdade e oportunidades (estudo, emprego, respeito, etc.). Então esse foi um tema que chamou minha atenção e que foi bom para as pessoas refletirem um pouco e prestarem mais atenção no quilombo, porque é uma causa onde existem acima de tudo seres humanos exigindo e lutando por seus direitos. É sabido que, no século XVI, durante o período colonial, a sociedade brasileira passou por muitas mudanças, inclusive para africanos e seus descendentes tornados escravos no Brasil. Muitos rebelaram-se e fugiram para dentro das matas, dando origem aos quilombos que atualmente transmitem importantes legados na cultura e na sociedade brasileira. Exemplo disso são as diversas formas de manifestação religiosa, como umbanda e candomblé. Contudo é necessário ressaltar a importância de políticas públicas que promovem a igualdade de oportunidades para todos, sejam adultos, jovens e crianças quilombolas

Wesley Marques Andrade / Turma 112 / 1º ano do Ensino Médio

Bom, a parte do seminário de que eu mais gostei foi quando falaram sobre os quilombos; eu não imaginava que tínhamos um quilombo tão perto de nós. Foi bem interessante saber isso. Gostei mais ainda de ouvir suas músicas e suas danças; despertaram-me a vontade de aprofundar o assunto e achei muito legal saber sobre o nosso passado. Eu realmente não imaginava ter quilombos tão próximos de mim. Os quilombos despertaram meu interesse por saber sobre cultura negra, dança, etc. Achei tão interessante, que depois daquela noite decidi pesquisar mais sobre o assunto, porque é importante conhecer a história que muitas vezes está mais perto de nós do que imaginamos. Quem ainda não sabe sobre os quilombos não sabe o que está perdendo.

Agatha Magliani Azevedo / Turma 351 / 3º Ano do Ensino Médio

A importância da capoeira como manifestação de resistência

Eu quero falar sobre a dança capoeira. A capoeira é uma dança que chamou muito a minha atenção. Foi a primeira vez em que eu vi um tipo de dança assim. No começo, eu não entendia nada; depois eu compreendi que era uma dança. Eu achei muito legal, gravei um vídeo e mandei para a minha família. Eles acharam bem diferente; eu gostaria de ver mais uma vez essa dança.

*A aluna enviou os vídeos para o Chile, os Estados Unidos e para o Haiti, onde residem seus três irmãos.

Sophonias Clénat (estudante haitiana) / Turma 352 / 3º Ano do Ensino Médio

O tema que eu escolhi foi a capoeira, debatido durante o seminário com o mestre Jamaica do Quilombo dos Machado. Considero que, como disse o Jamaica, era uma forma de libertação, mas que nas comunidades era considerada uma dança para não ser proibida. É importante levar em conta essa manifestação, porque a vida nas comunidades não é fácil. Hoje, a capoeira é uma das formas de modificação do comportamento, trazendo disciplina e ginga para uma vida mais saudável e consciente. Sua prática nas comunidades ajuda na inclusão social, devolvendo ao convívio familiar e social muitos jovens marginalizados pelo consumo de drogas e outros fatores.

Carlos Eduardo da Rosa Duarte / Turma 111 /
1º Ano do Ensino Médio

Eu gostei bastante da apresentação de capoeira e de ouvir o grupo falando como isso é importante. A capoeira é uma dança e uma luta com importância histórica.

Hynaian Santos da Silva Lima / Turma 112 / 1º Ano do Ensino Médio

Sobre o racismo

O racismo, fato citado quase sempre em qualquer lugar e que, junto ao feminicídio, anda crescendo cada vez mais no Brasil. Mulheres estão morrendo; com os negros acontece a mesma coisa, e muita gente prefere fechar os olhos para tudo isso. Há descaso de quem não viveu isso na própria família. Temos que ter mais consciência e compaixão ao próximo. Aliás, ninguém nasce querendo matar mulher e nem mesmo ser racista.

Amanda da Silva Campos / Turma 231 / 2º Ano do Ensino Médio

Racismo é um tema que tem que ser abordado a todo momento. Em pleno século XXI, nós temos um alto nível de racismo no Brasil. É algo sério, que tem levado pessoas à morte por simplesmente ser negras. Isso é falta de humanidade. O racismo é um preconceito forte e doloroso para quem sofre. Nada mais é do que um preconceito à raça e à etnia. Não é um assunto que possa ser deixado de lado ou, como em muitos casos as pessoas fazem, fingir não notar que existe. É inacreditável que alguém cometa um ato tão feio e desumano por conta de um tom de pele ou uma escolha religiosa, cultural ou política. E se não houver união, não haverá solução. Nós nascemos da mistura. Então para que o preconceito?

Beatriz Cavalheiro Vieira / Turma 112 / 1º Ano do Ensino Médio

A principal questão debatida no seminário com os representantes do Quilombo dos Machado foi o racismo, tão presente na atualidade. Em cada lugar que vamos, presenciamos alguma cena de racismo, seja quando assistimos à TV ou até mesmo quando ouvimos histórias de nossos amigos. Mas a questão é: por que é tão difícil para o ser humano aceitar alguém que não é da sua cor? Ou, então, será que nossos antepassados também agiram dessa forma? Será que os homens das cavernas já eram racistas ou foi com o crescimento que a humanidade ficou tão intolerante?

Eu acho que as pessoas deveriam respeitar-se mais. Ele é diferente? E daí? Ele é negro, e daí? A cor não interfere em nada na vida de alguém. Então por que as pessoas se importam tanto com isso? Ao invés de se preocuparem com o tanto de gente que morre de frio no inverno ou então com as mulheres que são espancadas pelos maridos.

Milleny Trindade Molina / Turma 112 / 1º Ano do Ensino Médio

Agradecimentos da Equipe Diretiva

Nós da EMEB Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha nos sentimos muito honrados em fazer parte deste livro, tratando de relações sociais, culturais e étnicas no contexto dos quilombos urbanos. O material apresenta uma iniciativa singular que agora poderá ser acessada por um maior número de leitores, haja vista a quantidade de experiências significativas contidas. Aproveitamos para salientar que conhecer um pouco mais a respeito das comunidades quilombolas e, em especial, da Comunidade do Quilombo dos Machado, na qual temos vários alunos inseridos, fez-nos rever nossas posturas frente à realidade menos favorecida pela cultura dominante e atingida por discriminações étnico-raciais. Acreditamos que se faz necessário fomentar a discussão sobre os temas contidos nesses escritos e, principalmente, trazer ao conhecimento o que de fato ocorre nas comunidades quilombolas: seus anseios, necessidades e tudo o que é também produzido em suas culturas locais. Agradecemos à oportunidade de nossos alunos participarem com suas produções e reflexões. Para nós, é motivo de orgulho todo o conhecimento propiciado nas visitas e debruçares sobre as pesquisas já existentes sobre o tema e seus desdobramentos com a cultura local do Quilombo dos Machado. Conhecer e ver isso de perto possibilita ao aluno compreender, na prática, como se dão os processos mais peculiares das formações e organizações dos diferentes grupos humanos. Isso, com certeza, é uma das maneiras mais ricas de produzir aprendizagens.

Márcia Alcará Donini / Vice-Diretora

De Palmares a Machado: sobre a relação entre a escola e a comunidade quilombola no fazer pedagógico

Resistência. Força e trabalho. Combate ao racismo. Circularidades. Vida. Capoeira. Corpo. Nem começo, nem fim. Uma história que se constrói a cada dia. Cátias. Thamires. Jamaicas. Únicos e múltiplos. Família Machado. Quilombo dos Palmares que atravessa tempos e tempestades. Ancestralidade que renasce a cada dia na luta de um povo. Quilombo dos Machado. Sabedoria que demarca territórios. Zumbi pela força que faz viver, morrer e nascer. Negro pela nobreza política. Ética pela estética de uma existência que faz pensar a valoração dos valores. Cultura. Democracia. Respeito. Justiça. Diferença e igualdade. Seriam apenas palavras soltas se não fizessem sentido. Trata-se do animus que mobiliza a participação neste livro por meio do trabalho de pesquisa que nós, professores e alunos da EMEB Dr. Liberato Salzano Vieira da cunha, estamos percorrendo durante um intenso período de aproximações e de produções realizadas com o Quilombo dos Machado no bairro Sarandi de Porto Alegre. Assim, operamos experimentações e compartilhamentos que reverberam ações. Entre essas destacamos:

- visitas à comunidade quilombola com equipe diretiva, professores e alunos;
- formação de professores com a historiadora responsável pelo estudo histórico antropológico do Quilombo da Família Machado;
- roda de conversas entre professores e representantes da comunidade quilombola;
- encontro de formação de professores com agentes políticos do movimento social negro para compreender as lógicas de atuação da luta quilombola em cenário ampliado, nacional e internacional;
- oficinas de maculelê e roda de capoeira;

- reuniões de formação e planejamento com grupos de professores interessados nesse projeto de trabalho;
- seminário organizado pelos estudantes do Ensino Médio com o foco nos movimentos sociais e recorte específico para a questão do Quilombo da Família Machado.

A educação das relações étnico-raciais implica uma confluência de fatores que, por sua vez, possibilitam a transformação de paradigmas estruturantes da sociedade brasileira. Essa mudança começa a ser sentida nas camadas sociais colocadas às margens dos processos de “des”envolvimento. A denúncia transforma-se em anúncio, o desalento em resistência da escola junto aos estudantes, acadêmicos e militantes do movimento negro para, juntos, transformarmos o luto em luta. Nesses percursos de transformações, os encontros são necessários, e as reflexões possíveis ocorrem de modo distinto e diverso. Escola e quilombo encontram-se de maneiras transversais e confluentes em espaços e momentos de ação-reflexão-ação. Nesse sentido, realizamos diversos encontros em diferentes espaços na tentativa de entender uma lógica “ilógica”, que inverte conceitos e subverte ordens estabelecidas. Entendemos esse movimento como ação pedagógica que contorna a perspectiva de uma Educação Escolar Quilombola. A invasão, a ocupação, o quilombo ressignificam espaços de resistência e são termos que têm muito a dizer sobre a vida em sociedade.

Entre idas e vindas do quilombo até a escola e da escola até o quilombo produziram-se imagens e pensamentos que, por sua vez, dispõem outros sentidos e direções ao trabalho que segue. Uma tipologia de pesquisa que visa, sobretudo, ao empoderamento intelectual-afetivo de seus participantes, justamente pelo fato de fazer pensar. Nesse sentido, para além do resultado final, o valor do trabalho está no processo. É a oportunidade da integração e da conscientização política o que mais nos interessa. Como resultados parciais deste trabalho, seguem as escritas de nossos estudantes. São textos que expressam, mui-

tas vezes, singularidades tecidas no encontro entre o que já se conhece (na forma do clichê) e aquilo que, talvez, não seja inteiramente sabido, mas ainda em processo de elaboração por crianças e adolescentes ao percorrer novas aprendizagens e visões de mundo junto ao Quilombo da Família Machado.

Patrícia Cardinale Dalarosa e Paulo Sérgio da Silva

O Quilombo dos Machado: imagens de força, resistência, luta e esperança

A turma C21 envolveu-se com a temática dos quilombos urbanos através da aproximação com as lideranças da comunidade do Quilombo dos Machado, conhecendo a sua história e seu contexto de luta durante a visita ao território localizado próximo à escola em saída de campo e também por meio de leituras dirigidas (em grupos) em sala de aula, posteriores diálogos sobre as leituras realizadas, interpretações de textos e análise das inferências textuais e imagéticas. Esse trabalho culminou em uma potente troca de saberes pautada na oralidade, assim como no registro de produções textuais e artísticas.

Foram disponibilizadas em aula para os estudantes fotografias do Quilombo dos Machado, capturadas em visita do grupo de professores em sua primeira ida ao local, para que os alunos analisassem e pudessem produzir possibilidades narrativas sobre as imagens registradas. Foi proposta a ideia de que a turma pudesse nomear cada uma das imagens a partir das ideias que construímos com a leitura¹ do artigo disponibilizado aos alunos no início da aula, somando ao que foi apre-

¹ “Quilombo da Família Machado luta por seu território”. Disponível em: <<http://averdade.org.br/2015/10/quilombo-da-familia-machado-luta-por-seu-territorio/>>.

endido através da escuta e do contato com os moradores em visita ao quilombo realizada anteriormente.

Sete fotografias foram expostas no quadro para um primeiro contato visual dos alunos com as imagens. Após a provocação visual inicial, que incitaria o surgimento de sensações, a turma foi convidada a trabalhar em conjunto. Nessa atividade coletiva foi realizado um *brainstorming* com palavras que representassem cada uma das emoções e ideias que as fotografias acionavam em cada um e cada uma de nós. Com essa organização inicial foram revisitadas as fotografias, uma a uma, com seu conjunto de palavras, para a formação dos títulos finais que nomeariam as fotos no final da atividade, representando nosso respeito e reconhecimento à luta realizada pela comunidade quilombola pela garantia de direitos que envolve a relação com o território por eles ocupado e constituído.

Uma proveitosa troca de ideias sobre o que a imagem representava para os alunos e a intenção de cada fotografia quando inicialmente pensada por quem a capturou foi realizada. Esse diálogo foi enriquecedor para todos os envolvidos na atividade, já que mobilizou tanto um deslocamento por parte dos alunos e das alunas, enquanto espectadores do produto final da imagem, como uma experiência de construção coletiva de sentido para quem capturou aquele instante.

As alunas Samara e Maria Eduarda foram convidadas a reproduzir fotografias de sua escolha através de desenho para compor o fechamento dessa atividade, que certamente não se esgota neste momento. Os saberes adquiridos e a construção e aproximação das pautas quilombolas com o currículo escolar mantêm abertas infinitas possibilidades de trabalhos futuros. Importante ressaltar que essas alunas contribuíram para o trabalho com suas habilidades artísticas tanto quanto com seus pensamentos críticos ao longo do processo de debate que antecedeu a criação individual.

Cássia Marques Serpa







O início do Quilombo dos Machado

EM 2012, DÉZENAS DE FAMÍLIAS OCUPARAM UM GRANDE TERRENO QUE ESTAVA SEM USO NO NORTE DE PORTO ALEGRE...



NASCEU ALÍ A COMUNIDADE 7 DE SETEMBRO, UM ANO DEPOIS, A COMUNIDADE ACRESCENTOU AO SEU NOME "QUILOMBO DOS MACHADO", REFERÊNCIA A HISTÓRIA DO TERRENO OCUPADO E DE PARTE DA FAMÍLIA DOS OCUPANTES, DESCENDENTES DOS MACHADO ORIGINAIS.



UM PERSONAGEM:

LUIZ ROGÉRIO MACHADO, "O JAMAICA", É UMA DAS PRINCIPAIS LIDERANÇAS DA COMUNIDADE, QUE RESISTE HÁ 7 ANOS NO LOCAL.



...MEU TIO TRABALHAVA COM AGRICULTURA, CUIDAVA DE BOIS; TINHA UM RIACHO ONDE PESCAVA, CUIDAVA DA CASINHA QUE ELE TINHA AQUI!!!







TAMBÉM VÁRIAS CAMPANHAS SÃO DESENVOLVIDAS:
ARRECADAÇÃO DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO PARA
A REFORMA DA SEDE DA COMUNIDADE



CAMPANHA DE ARRECADAÇÃO DE
MATERIAIS ESCOLARES PARA A VOLTA
AS AULAS!



PROJETO DA KOMBÍ: CADÊ A INFÂNCIA,
BRINCO, LOGO EXISTO!



QUILOMBO DOS FLORES

**ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL
GABRIEL OBINO**

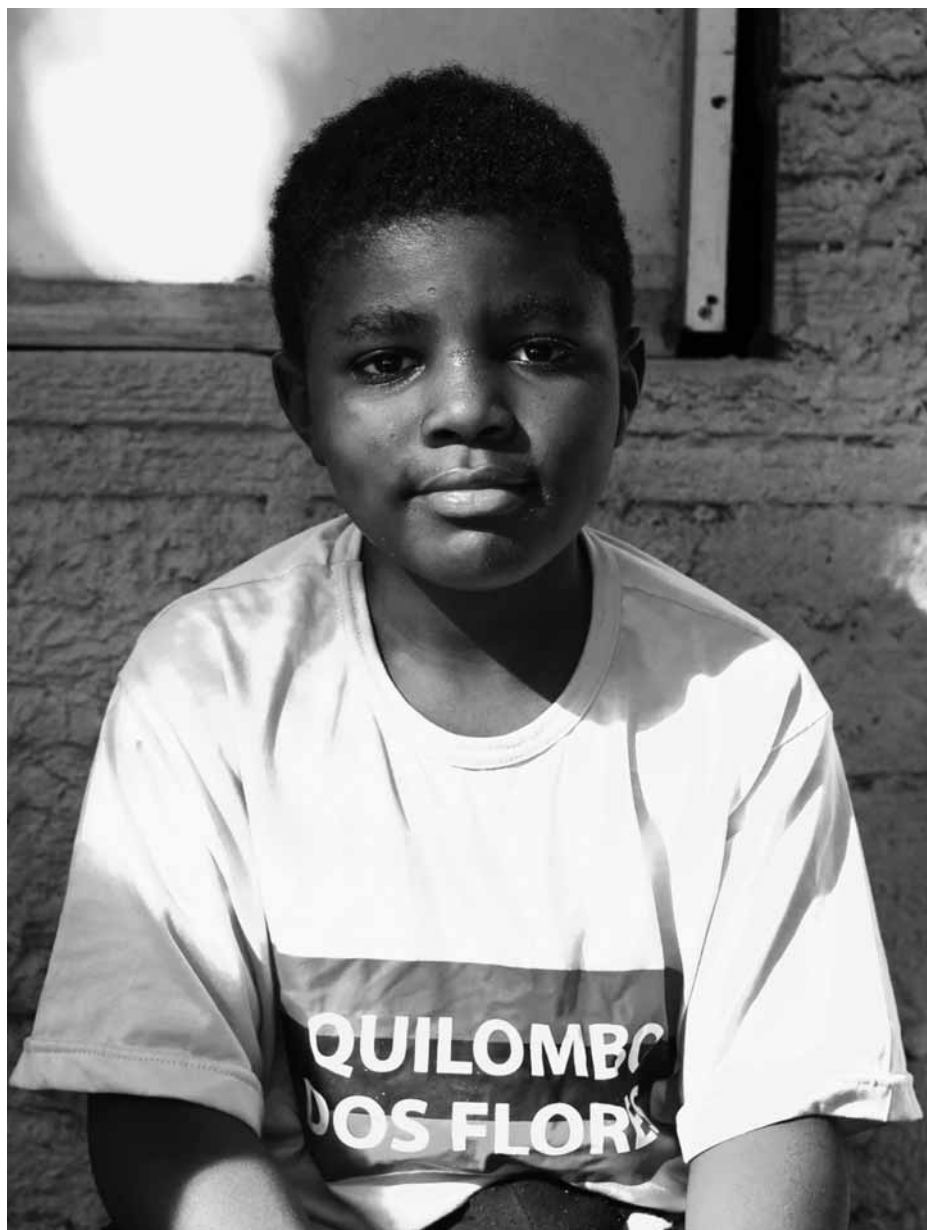


Foto: Luiza Marzano Assumpção.

DIREÇÃO:

Airton de Oliveira Garcia

VICE-DIREÇÃO:

Tiago Colling

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:

Miriam Queiroz Müller

PROFESSORES ORIENTADORES:

Cláudia Bicca Marzano, Secretária

Miriam Queiroz Müller, Coordenação Pedagógica

Jovani de Souza Scherer, Professor de História

Gisele Santos Laitano, Professora de Geografia

Fernanda Rodrigues Garcia, Professora de Português

ALUNOS AUTORES:

Ágata Mirelli Rabelo Mezquita, 9º ano

Beatriz Eduarda Costa Ramiro, 9º ano

David Elias Pereira, 9º ano

Daniel Custódio Pacheco, 9º ano

Érika Beatriz Appel da Rosa, 9º ano

Gabriela de Moura Saliba, 9º ano

Jady Soares Medeiros, 9º ano

João Vitor Rosa da Silva, 9º ano

Larissa Silveira dos Santos, 9º ano

Leandra Vivian Franco, 9º ano

Marcos Manoel Tavares Neumann, 9º ano

Maria Eduarda Lopes Ferreira, 9º ano

Mayck Gustavo Torales Alves, 9º ano

Sara Fontoura Santos, 9º ano

Wellington Silveira de Mello, 9º ano

Yasmin Flores Brum, 9º ano

Introdução

Os alunos da EMEF Gabriel Obino, em parceria com outras seis escolas, foram convidados pelo Memorial da Justiça do Trabalho para participar do projeto “Memórias de Trabalho e Não Trabalho Quilombola”. O principal objetivo desse projeto é escrever um livro com a memória dos sete quilombos urbanos de Porto Alegre.¹

Mayck Gustavo Torales Alves

O Quilombo dos Flores localiza-se no bairro Glória, na rua Manduca Rodrigues nº 283. O seu território contém 2.435,75 m² e já foi certificado², ou seja, está em processo de titulação na justiça federal.

No Quilombo dos Flores vivem cinco famílias, que totalizam 15 pessoas, sendo cinco crianças de 0 a 11 anos, dois jovens de 12 a 19 anos, sete adultos de 20 a 59 anos e um idoso, com mais de 60 anos.³

¹ A partir da proposta realizada pelo Memorial da Justiça do Trabalho, a EMEF Gabriel Obino desenvolveu com alunos do nono ano o material que ora se apresenta. Tal conteúdo foi produzido a partir de vivências que se compuseram tanto em visitas, mesas-redondas, leituras e reflexões durante os períodos de aula. O conjunto foi organizado de modo a incluir diferentes momentos de produção do coletivo de alunos, compondo-se de relatos e reflexões, escritos em diferentes tipologias textuais. Esses fragmentos de escritas que registram as memórias compartilhadas formam um mosaico que retrata a apreensão dos estudantes sobre a pertinência de narrativas para ressignificar esses territórios quilombolas.

² A certificação territorial quilombola é necessária para que nenhuma instituição se aproprie de suas terras indevidamente, para que casos como o que houve com a família Flores não aconteçam. Além disso, o reconhecimento garante preservar uma herança patrimonial cultural negra. Um dever além de nacional (governo), também comunitário. Para a obtenção do certificado, não é necessário muito, é só escrever uma carta para FCP (Fundação Cultural Palmares) falando sobre a herança histórica do local, o resgate cultural da área, a constituição familiar, enfim, uma carta contando como tudo começou e toda a história do lugar; daí a FCP vai analisar e, se aceitar, encaminhar pro INCRA dar a titulação. Daí, então, tudo fica mais difícil, porque tem que ter dinheiro (do governo) para indenizar o dono que não faz parte dessa história. (João Vitor Rosa da Silva)

³ Dados coletados a partir de entrevistas feitas quando da visita da escola ao quilombo no dia 06 de junho de 2019.

Em relação à escolaridade das pessoas que moram no Quilombo, nove estão matriculados em escolas: um na educação infantil, quatro no ensino fundamental e quatro no ensino médio.

As profissões das pessoas que vivem lá são de segurança, servente, caseira, diarista e balconista. Eles têm uma boa relação com seus vizinhos, procuram participar de vários movimentos culturais e sociais. Sua relação com o Movimento Negro e a Frente Quilombola tem sido muito construtiva, sempre procurando apoiar o movimento e suas causas.

Suas maiores necessidades são o resgate da história com a comunidade. Suas religiões são Umbanda e Católica. A principal data comemorativa festejada no quilombo é o seu aniversário no dia 17 de agosto, quando fazem uma grande festa.

O Quilombo dos Flores vem sendo representado por Geneci de Lourdes Flores da Silva.⁴ [...]O terreno, localizado no bairro Glória, foi herdado de Adão Fausto Flores da Silva, pai de Geneci, conhecido pelos seus conhecimentos de cura através das plantas, obtido pela sua religião de matriz africana. Sr Adão Flores começou a lutar pelo terreno há muitos anos, quando entrou na justiça com uma ação de usucapião em 1983.⁵

No dia 24/03/2015, o terreno da família Flores foi invadido por algumas máquinas de demolição por representantes daqueles que se apresentavam como os novos donos do terreno (alegavam ter pago aproximadamente R\$ 1,5 milhões a quem se dizia sua proprietária). Foi então que se deu o início à batalha judicial que dura até hoje pela posse desse terreno.

⁴ Além de Geneci, são também herdeiros do imóvel os irmãos Gerson Luis Flores da Silva e Rosângela Bitencourt da Silva.

⁵ Em 2014, os filhos do Sr. Adão, desconhecendo o processo já iniciado pelo pai, ingressaram com nova ação de usucapião.

No decorrer dessa batalha judicial, o muro que foi colocado por aqueles que compraram o terreno foi mantido. A família Flores ficou com o menor lado da propriedade e, algum tempo depois, passou a lutar pelo seu reconhecimento como quilombola.

João Vitor Rosa da Silva

A história de Geneci

Geneci⁶, uma mulher forte, fui conhecer melhor ontem quando contou um pouco sobre sua vida atual e um pouco de seu passado; disse que gostava de viver em morros, na comunidade, na casa de suas tias e primas, disse que se sentia muito sozinha em sua casa porque não tinha nenhum contato com vizinhos; eles ficavam no seu cantinho sem se envolver em nada, mas mesmo assim sempre eram o alvo de qualquer coisa que acontecesse por ali: assaltos, discussões, tudo...

Mas ela nunca baixou a cabeça para ninguém; quando mexiam com o seu irmão, era ela quem o defendia; não deixava ninguém mexer com um dos seus. Alguns anos se passaram, e todos os outros se autorreconheceram quilombolas, mas isso só ocorreu porque eles tomaram um grande susto: correram o risco de perder o que era seu por quem dizia ter comprado o terreno; chegaram invadindo a propriedade sem autorização alguma e daí tiveram que ir para a justiça para resolver isso. Ainda que Geneci e sua família morassem lá há muitos anos, não conseguiram provar isso para a justiça e viram parte de sua terra ir para outras mãos.

⁶ Geneci é filha do Sr. Adão Flores com Rosalina Vasconcelos. Dona Rosalina é originária do Quilombo dos Alpes.

Atualmente, Geneci vem lutando para ter de volta o pedaço do terreno que perdeu. Essa é a história de uma mulher incrível que já passou por muitas coisas e que, no final de 2014, viu sua vida mudar completamente quando descobriu ser quilombola. Mas infelizmente perdeu parte do chão que era seu e de sua família por direito e hoje luta junto com os seus para tê-lo de volta.

Gabriela Moura Saliba

Até hoje existem quilombos no Brasil; aqui no Rio Grande do Sul existem muitos espalhados.

Em 13 de maio de 1888, foi assinado um documento que permitiu que todos os escravos a partir daquele ano fossem “considerados livres”. Com essa lei não havia mais sentido dizer “ajuntamento de escravos fugidos”. Assim os quilombolas deixaram de ser uma preocupação governamental, mesmo vivendo à margem da sociedade.

Em 1988, foram comemorados os 100 anos da abolição (Lei), que garantia aos quilombolas “[...] que estivessem ocupando suas áreas é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Hoje em dia, muitos quilombos encontram-se entre prédios, cercados por cidades. Muitas vezes, seus donos nem têm conhecimento da riqueza histórica que existe bem ali no seu lugar de habitação.

Érika Beatriz Appel da Rosa

Para compreender melhor o que são os territórios quilombolas, a primeira coisa a se fazer é definir o significado do termo quilombo. A palavra Kilombo é originária do banto, língua africana, e significa agrupamento, fortaleza, acampamento. No Brasil recebeu esse nome no período colonial e imperial por conta das constantes fugas dos negros escravizados. Ao fugirem da exploração, dominação e apreensão dos colonizadores, eles construíram moradias em locais isolados e de difícil acesso. A formação dos quilombos aconteceu primeiro como um movimento de fuga, de negação da sociedade oficial, que oprimia os negros escravizados, eliminando a sua língua, a sua religião, o seu estilo de vida. Hoje, os quilombos são resistência cultural, preservando a memória.

Ágata Mirelli Rabelo Mesquita

A vivência⁷

No dia 6 de junho de 2019, os alunos da EMEF Gabriel Obino foram ao Quilombo dos Flores para conhecer o local, saber mais sobre a luta do povo quilombola e resgatar a história das famílias que vivem ali.

Mayck Gustavo Torales Alves

⁷ Nesse recorte estão textos produzidos a partir da visita dos alunos da EMEF Gabriel Obino ao Quilombo dos Flores.

Numa quinta-feira, de manhã cedo, tinha um passeio na escola para o Quilombo dos Flores. Chegando lá, fomos bem recebidos. O lugar era bem grande e tinha bastantes coisas legais.

Cada uma das pessoas do quilombo apresentou-se e mostrou coisas legais.

Lá nos ensinaram como era prático fazer a boneca “Abayomi” só com pano. Ensinaram o passo a passo. Até hoje eu me lembro como fazer. Também contaram a história dessas bonecas. Depois ensinaram como colocar turbante na cabeça. Era bem complicado, mas consegui fazer. Contaram como eles surgiram.

Depois exploramos o lugar. FOI BEM LEGAL. Tiramos muitas fotos e comemos bastante. No final da manhã nos despedimos e fomos embora.

Jady Soares Medeiros

Nós saímos da escola às 8h e pouco; chegando lá, andamos pelo pátio conhecendo o lugar. Depois nos sentamos e ouvimos um pouco sobre a cultura deles. Após, fizemos umas bonecas (Abayomi) e também teve uma oficina de turbantes.

Cada um dos alunos colocou um turbante de cada cor; o meu foi marrom.

Tinha uma mulher⁸ lá que era da associação que ajudou os alunos a colocar os turbantes.

Beatriz Eduarda Costa Ramiro

⁸ Referência a Tamires Dias Quadros.

A ida foi bem legal (embora eu não tenha gostado de caminhar até lá, porque foi bem cansativo).

Quando a gente chegou, eu fiquei ansiosa pra ver tudo. No meu pensamento, todo quilombo era igual: num lugar alto, com várias casas e pessoas, mas nem todo quilombo é igual porque o que eu vi no Quilombo dos Flores é que lá moram poucas pessoas, diferente do Quilombo dos Alpes, em que moram muitas e muitas pessoas...

Tinha duas mulheres da associação quilombola que mostraram várias coisas, como fazer a Abayomi e como colocar turbante; teve muitas coisas legais e divertidas. Antes de ir embora, a gente fez um lanche e depois caminhamos de novo.

Maria Eduarda Lopes Ferreira

A ida ao quilombo foi bem legal; eu estava bem ansiosa porque achava que era grande e tinha muitas casas e pessoas, mas, quando cheguei, vi uma coisa totalmente diferente: tinha apenas cinco ou seis casas e só 15 pessoas morando lá.

Quando cheguei, fui bem recebida; pude ver o riacho, as árvores com cipó, tirei fotos e pude conhecer melhor o Quilombo dos Flores. Aprendi a colocar turbante e fiz uma Abayomi; antes de eu ir ao quilombo, eu nem sabia o que era.

Sara Fontoura dos Santos

Eles têm uma expansão territorial um pouco grande para o número de famílias que vivem lá; eles têm plantações de alimentos, casas bem limitadas, mas que atendem a todas as necessidades básicas.

A nossa visita ao quilombo foi interessante, teve várias atividades, e eles contaram um pouco de sua história: “Nossa origem é na África; temos orgulho de nossa origem e vamos lutar e preservar isso”.

Fizemos uma atividade em que montamos uma boneca que se chamava Abayomi. Essas bonecas eram feitas pelas mulheres para entreter seus filhos; elas cortavam as barras de suas roupas e amarravam esses pedaços de tecidos para assim montar a boneca.

Também aprendemos como fazer turbantes. Para eles, os turbantes são muito importantes, pois retomam suas origens, já que antigamente se colocavam panos para proteger a cabeça, uma parte muito sagrada do corpo.

A convivência deles com a vizinhança, segundo eles, é relativamente boa. Recentemente, eles perderam um pedaço de terreno muito grande, que ficou separado do restante das suas terras por um muro.

A situação do território onde vivem é bastante precária; é bem terroso (arenoso / argiloso) e quando chove fica bem embarrado; o terreno não é planificado, por isso eles têm que tomar muito cuidado ao caminhar por lá.

Yasmin Flores Brum

Os quilombos são territórios negros; o dos Flores fica na Glória, um bairro de Porto Alegre. O povo não gosta deles porque eles são quilombolas. Eles têm família e cuidam de suas pessoas. Não dão valor para o que falam deles aos outros.

Pelo que eu vi, o que aconteceu no Quilombo dos Flores é prova daquilo que li⁹ em aula: “ainda hoje as comunidades remanescentes de quilombos não estão isentas de coação, pressão e humilhação”.

Aquela quinta-feira do passeio estava um dia bonito. Gostei bastante; nós comemos bastante e aprendemos também. E depois nós voltamos para o colégio. Nesse dia, estava tudo bom. Eu aprendi muito.

Leandra Vivian Franco

É triste que eles tenham perdido uma boa parte de seu território. Acho que o território que perderam deve ter sido muito bom e acredito que eles não vão desistir dele tão facilmente. Mas, sinceramente, do território que sobrou não gostei. Parece que o lugar está precisando de cuidados.

Não sei como é a condição de vida deles, mas, mesmo naquele lugar, eles conseguem batalhar e se amar. Estão lutando pela sua casa, seu lar. Eu espero que eles consigam chegar a um acordo justo e consigam o que era deles, o que eles construíram.

A vida deles lá deve ser difícil, trabalhar, pagar as contas, ajudar as outras pessoas que moram lá, estudar, lutar pelo direito do quilombo; deve ser bem complicado e sofrido, mas eles conseguem, e isso deve valer a pena no final.

Marcos Manoel Tavares Neumann

⁹ Reflexão feita a partir da leitura em sala de aula de textos motivadores sobre a temática do negro e da identidade quilombola.

Hoje, quilombolas são pessoas que apresentam os locais onde eles ficam, seus costumes, histórias, sabedoria e conhecimento, como gostam de viver.

Eles se relacionam com a cidade de uma forma normal; não são mais fugitivos, como eram antigamente no surgimento dos quilombos. Hoje eles podem sair por aí, conhecer mais sobre tudo. Também recebem pessoas de vários lugares para conhecer a vida deles, divulgando sua cultura e seu passado. Adoram fazer eventos para as pessoas verem como todos eles chegaram até aqui, conquistando muitas coisas e enfrentando vários obstáculos pelo caminho durante toda a vida deles.

A vida deles foi muito difícil; viveram coisas horrorosas, como invasão de propriedades, da terra em que viveram a vida inteira e construíram suas vidas com muito esforço. Hoje são felizes com o que conquistaram e são honestos com as pessoas que vivem ao redor deles; também gostam de convidar amigos para eventos e apresentações.

Daniel Custódio Pacheco

Outras reflexões¹⁰

No território negro, a violência é passageira, o perigo é contínuo, o esquecimento é rotina.

O esquecimento daqueles que morreram por discriminação e preconceito; o tempo da sociedade negra é escasso; a qualquer momento, a qualquer passo, o negro é discriminado.

Wellington Silveira de Mello

¹⁰ O recorte “Outras reflexões” vai apresentar textos em que os alunos, sensibilizados pela temática quilombola, afrodescendente, acabaram por produzir reflexões que extrapolam a temática restrita do “Quilombo dos Flores”, tematizando mesmo suas próprias condições e identidade.

Velocidade, variedade, o dinheiro compra a sociedade, e a verdade é que ninguém vê a qualidade da História e nem da memória que vai transformar o presente em passado, e então veremos o outro lado do sistema; é aí que nasce a diferença, vemos a sociedade dividida. Isso não dá mais! Não precisamos de guerra, mas sim de paz.

Érika Beatriz Appel da Rosa e Sara Fontoura dos Santos

Verdade... quilombola, território de saudade para muitos esquecidos pela sociedade...

É fácil criminalizar e não valorizar o verdadeiro brasileiro.

Ser intelectual pra lutar contra o mal, independente de ganhar ou perder, o que importa é conhecer, porque em vários momentos bate o esquecimento: de onde somos, de onde eu venho. Preciso saber disso tudo pra lutar contra todo esse veneno.

Somos negros quilombolas; não ligo pra o que você pensa, nossa cultura é o que importa.

Maria Eduarda Lopes Ferreira

Quilombo é luta, espaço de resistência, é a beleza de todas as diferenças. Se tem disputa e incomodação, basta sonhar para destruir toda essa solidão. Encontrar o caminho da vitória, quanto prestígio nessa batalha para quem trabalha pra não ver a derrota, parar com a discriminação e acabar com o mal que tem em nossas histórias!

Larissa Silveira dos Santos

Apesar das dificuldades,
entre eles há sempre lealdade.
Seu território é sua arma,
que não pode ser comprada.

Já sofreram muita discriminação,
Mas sua cultura africana
Abriu uma enorme dimensão.

Marco Manoel Tavares Neumann

A dificuldade é sua companhia,
Mas não perdem as batalhas.
Os quilombos têm fé e esperança
Junto com suas origens africanas.

A convivência com a vizinhança é afetiva.
Entre festas, gincanas e palestras,
A felicidade é sempre ativa.

O local onde moram é precário,
Não planejado e bem terroso,
Mas, apesar de tudo isso,
Não medem o esforço.

Yasmin Flores Brum

Hoje em dia, no Brasil, os negros quase nem podem sair pelas ruas porque sofrem preconceito e racismo. Tem também negros que acabam apanhando dos policiais e outras coisas que também acontecem. Eu, hoje em dia, até que não sofro muito racismo, apesar de sentir que, quando passo por brancos na rua, eles ficam me olhando e não param mais. Passo reto, sem dar bola, porque as ruas são públicas para todos poderem andar por qualquer lugar do mundo a qualquer momento. Eu acho que o preconceito e o racismo deveriam acabar de uma vez por todas; eu queria que todos os seres humanos parassem com isso e respeitassem uns aos outros para um país mais feliz, de respeito e todo mundo unido.

Daniel Custódio Pacheco

Essa é a história de um jovem sofredor que sonhava, todo dia, em ser jogador, mas toda a luta de verdade tem muitas rotas pra desviar de políticas que tentam destruir minha resistência intelectual. Pega a visão do sistema, escuta a sirene e os *home* trajado de preto, que só sabem cumprir ordens, tornam a vida de um quilombola dentro da sociedade um perigo. Você desde cedo sabe o que é ser negro perseguido, mas eu sei toda a qualidade da minha cultura, mesmo que jamais os políticos entenderão que os quilombolas são cidadãos. Somos todos irmãos com um só plano na vida: manter a igualdade na cidade.

David Ellias Pereira

Aquilombar-se

... navegar nesse Atlântico Negro tendo na proa a ancestralidade.
... aportar em Luanda e retornar às Américas.
... embrenhar-se em serras, praias e pampa deste país das matas que é o Brasil.

... cartografar quilombos – conhecer o dos Flores – tão perto de mim, meus alunos... tão conhecidos seus rostos e tão pouco nomeado enquanto quilombo: Quilombo da Família Flores!!!

... despertar o Colorismo que nos constitui nesse sopro de querer ser Nação, não sendo.

... se olhar no espelho e se Amar nesse jogo de corpos racializados.

... marcar as folhas brancas do papel com territorialidades historicamente negadas e invisíveis, mas agora e para sempre PRESENTES!

... aquilombar-se é conjunção com o Outro, porque só com o(s) Outro(s) faz sentido.

Gisele dos Santos Laitano, Professora de Geografia

Uma voz de outro quilombo

Eu vim do Quilombo dos Alpes, e a minha história é que nasci prematuro, de sete meses; fiquei quase um mês no hospital esperando ganhar peso e força para conseguir me manter e para poder ficar em casa.

Eu sou o primeiro filho; então ninguém veio antes de mim. Quando eu já tinha três meses de vida, eu fui pro Quilombo dos Alpes, onde moro até hoje.

Eu sei que minha família é uma família guerreira, mais pela parte da minha mãe que do meu pai, porque eu sou descendente quilom-

bola, porque minha tataravó era escrava; então as histórias da minha família foram passadas de geração a geração. E por parte de pai, eu não sei muitas coisas, só da minha vó, que era guerreira também, que lutava pelos direitos iguais.

Eu acho interessante que tanto por parte de pai como por parte de mãe, as duas famílias são guerreiras, porque minha vó por parte de mãe luta pelos direitos do nosso quilombo e, por parte de pai, minha vó lutava pelos direitos iguais.

Até hoje eu luto com minha família, porque eu aprendi que os negros têm menos valor para muitos brancos, mas até hoje eu não deixo ninguém dizer que eu não sou capaz de fazer algo que eu quero só porque eu sou negro, quilombola. Eu tenho o direito de fazer o que eu quiser, e minha família sempre me diz isso. Eu aprendi também sobre a cultura afro-americana, sobre as ervas medicinais, danças tradicionais, etc.

Eu tenho muitas ideias legais sobre esse projeto, que foca na vida nos quilombos e o que é ser quilombola. Eu sei o quanto esse trabalho que estamos fazendo é importante, porque os quilombos têm muitas histórias que resgatam coisas que foram escondidas de nosso passado.

Essas memórias são importantes, porque todos os quilombos têm uma história que conta como as pessoas de lá lutaram e ainda continuam lutando pelos seus direitos, pois em todos os quilombos existem narrativas que trazem a memória da resistência e da luta pela posse do local onde se vive.

Esse resgate de histórias é muito importante, porque há muitas pessoas que moram em local quilombola ou têm descendência quilombola, que não sabem sobre sua origem. Então esse projeto, além de promover o reconhecimento de toda a luta que os quilombolas passam para ser reconhecidos e para ter seus direitos garantidos, pode ainda ajudar muitas pessoas a descobrir suas origens e construir sua identidade.

David Ellias Pereira

Sobre o nosso trabalho

Um dos itens das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana afirma que:

Reconhecimento é também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência negra desencadeados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na contemporaneidade, desde as formas individuais até as coletivas.

Nós professores da EMEF Gabriel Obino recebemos com grande satisfação o convite para participar do projeto do TRT sobre trabalho e não trabalho quilombola nas comunidades porto-alegrenses. Quase sem saber como funcionaria, aceitamos.

Aceitamos, pois sabemos da importância de trocar experiências com outros professores e o quanto isso tem sido cada vez mais raro na organização escolar pública de Porto Alegre. Aceitamos, pois sempre queremos possibilitar o máximo aos nossos educandos, e aqui temos a chance de expor suas impressões, conhecer novos lugares e ter novas experiências significativas. Nesse ponto, temos uma nova convergência dessa prática e as diretrizes para o ensino de história e cultura afro-brasileira: as vivências.

É muito diferente ensinar a história dos quilombos e de outras formas de resistência e negociação à escravização da população negra brasileira quando falamos com quilombolas contemporâneos e conhecemos a sua história, sem intermediários; quando há alunos quilombolas, negros e cientes de sua identidade, com presença e voz, tão protagonistas da História, nessas aulas, quanto Zumbi dos Palmares.

A história e seus atores agora têm nome, e mais: conhecemos seus endereços, sentimos seu cheiro... eles estão vivos: são nossos vizinhos e alunos. Lutam como o herói negro de outros tempos. Entre suas armas está o conhecimento da Constituição brasileira de 1988,

uma consciência de que a luta por cidadania e direitos iguais se constrói com estudo e ampliação das oportunidades na educação básica, e tudo alicerçado na afirmação da identidade negra, construída por Geneci, nossa vizinha, do Quilombo dos Flores, estudada, vivida e descrita por David, nosso aluno do Quilombo dos Alpes, e por João, nosso aluno que vem da Restinga, que não é quilombo, mas é um bairro histórico e conhecido território negro de Porto Alegre.

Jovani de Souza Scherer, Professor de História

[...] Há quase quatro anos sou professora de Língua Portuguesa em uma escola da rede municipal da capital. A cidadezinha é memória longínqua. No território da escola não há lojas, shoppings, praças, patinetes, restaurantes. Há chão batido, há a escola, um armazém que atende por entre grades, uma parada de ônibus, uma oficina. A maioria é de alunos negros. Como na cidadezinha.

Durante muito tempo, também aqui, na cidade grande, me perguntei: Onde estão os negros? Nenhum colega de Faculdade, nenhuma amiga da capital, nenhuma amiga da infância, nenhum coleguinha do filho... Onde estão os negros?

Encontro-os, finalmente, alunos, tantos alunos. Com os quais tecemos manhãs. E a partir dessas tessituras encontro os caminhos que me levam até eles. E juntos tivemos a oportunidade de conhecer, mapear, narrar territórios que fizeram com que, além de mim, muitos deles também encontrassem o caminho que os leve até eles, até nós, até esse momento do tempo em que o processo de compreensão que se dá a nível individual faça com que nos descubramos pulsantes e responsáveis pela instituição de nosso corpo social. E ali, no caldeirão histórico-genético, descubramo-nos todos misturados, e todos os nossos me-

dos, as nossas vergonhas, as nossas práticas excludentes, as nossas inconsciências, as nossas preguiças, as nossas maldades, as nossas violências, estruturais, estruturantes.

Ali se descobre o encantamento de um mundo perdido, de um canto calado, de uma reza inaudita, que vem de muito, muito longe, de uma grande mãe que chora. E que por seu choro cavou grandes sulcos que separam.

Descubro valas que separam vidas que se outorgam todos os direitos, inclusive o da própria vida, de vidas que pouco valem na árdua luta por qualquer direito.¹¹

Descubro que *a carne mais barata do mercado é mesmo a carne negra* e a do professor público do ensino fundamental (!!!). Nos unimos.

Foi uma alegria a notícia de que o Memorial do Trabalho buscava a escola para um projeto. Toda parceria nos fortalece. Toda parceria nos dá oportunidade de acreditar. Toda parceria nos deixa menos sós. Mesmo que o encontro dos tempos e do imaginário de cada instituição destoe sobremodo, é uma aproximação necessária e paciente.

Escrever a história do Quilombo dos Flores. Quilombo?

Antes de me tornar professora, quilombo pra mim era coisa dos livros de história, de Palmares, Zumbi. Era para onde os negros da novela Sinhá Moça fugiam.

Depois de me tornar professora, descubro que pertinho da escola há dois quilombos¹². Vivos. Que não estão nos livros de História. Descubro que muitos dos alunos ali são quilombolas. E descubro também que se dizer dessa forma muitas vezes fora motivo de vergonha e negação. Descubro mais: que um dos maiores quilombos da região sul era lá, pertinho da minha cidadezinha¹³, e que, inclusive, pode ter dado

¹¹ Vide discussões sobre “Necropolítica”.

¹² Referência aos Quilombos Alpes e Flores.

¹³ Quilombo da serra dos Tapes.

origem a seu nome. Descubro que no bairro em que moro há dois quilombos¹⁴ e que as vielas escuras em que me perdi uma vez na zona mais rica da cidade também é um quilombo.¹⁵

E na aventura de descobrir esses espaços de existência e resistência, quase que invisíveis mesmo na cidade para a grande maioria que passa imersa nas rotinas capturadas, vamos juntos resgatando histórias, memórias e saberes de territórios que guardam a memória de um país tecido de mistura, de cantos, de ervas, de tambores, de tranças, de bonecas, de sofrimentos, de desigualdades, de solidariedades que precisam derrubar o véu da hipocrisia que insiste em anunciar que aqui “todo mundo é igual”. Talvez não seja modismo. Talvez seja vergonha. Talvez seja força. Talvez seja canto que não pode mais ser calado nem temido, mas escutado, sentido, conhecido, reconhecido como nosso, legitimamente nosso. E que os territórios reconhecidos como quilombos possam guardar a dignidade do trabalho que resiste à voracidade individualista das subjetividades capturadas pelo discurso da *meritocracia*, da *igualdade* racial, da *democracia* do capital.

Depois de algum perambular por um mundo de brancos, no qual jamais imaginei faltarem negros, e isso talvez seja uma maior perversidade que a própria negação¹⁶, deparo-me, vestida de todos os meus privilégios, com toda a potência cultural desses territórios atávicos capazes de nos reconectar com as forças que se despertam no coletivo quando ele se reconhece e se transforma na dignidade e fundação da palavra que se narra e que se escreve.

Se as palavras começam aos poucos ser marcadas, se a sintaxe ainda é diletante, se o simbólico não reverbera com todo o seu poder, ainda assim celebramos a possibilidade de marcar, a possibilidade de

¹⁴ Referência aos quilombos Baronesa do Areal e Machado na Cidade Baixa.

¹⁵ Referência ao Quilombo dos Silva.

¹⁶ Vide reflexões sobre a *ideologia do branqueamento*.

sulcar caminhos, a possibilidade de lampejo transcendente no tempo da escola tão esquadrinhado e medido, tão distante de práticas e saberes conectados com territórios nos quais a história pode ser outra, o canto ter outras palavras, as ervas outros usos, os deuses outras roupas, o trabalho outra dimensão, a terra novos poderes, além de ser base para o duro do concreto e da máquina.

Fernanda Rodrigues Garcia, Professora de Língua Portuguesa



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Fotos: Luiza Marzano Assumpção.

Referências

- ARAÚJO, Cristina Kelly. **Áfricas no Brasil**. São Paulo: Scipione, 2003.
- BOULOS JUNIOR, Alfredo. **Os africanos e seus descendentes no Brasil**: a resistência quilombola. São Paulo: FTD, 2002.
- CABRINI, Conceição; MONTELLATO, Andrea; CATELLI JÚNIOR, Roberto. **História Temática** – Diversidade Cultural e Conflitos – 7º ano. São Paulo: Scipione, 2011.
- ELY, Débora. Busca pelo registro: Quilombo no meio da cidade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 38, 24 set. 2013.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34.; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- REIS, João José; GOMES, Flávio. **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- RUBERT, Rosane. Comunidades negras no RS: o redesenho do mapa estadual. I: SILVA, Gilberto; SANTOS, José Antônio. **RS Negro**: cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- SANTOS, Joel Rufino dos. **A questão do negro na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1990.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Caminhos da Alma**: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002.
- <www.agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-05>.

QUILOMBO LEMOS

COLÉGIO ESTADUAL PARANÁ



Foto: Fábio Dullius.

DIREÇÃO:

Cátia Vargas de Alencar

VICE-DIREÇÃO:

Karine de Oliveira Marques

Kátia Cristina Lopes das Neves

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA:

Indiara Souza

PROFESSORES ORIENTADORES:

Carlos Reni Pinto da Silva, Professor de História, Sociologia, Filosofia e Religião

Fabio Dullius, Professor de História, Geografia e Religião

ALUNOS AUTORES:

Aline Renata Castilhos Farias, 1º EM

Andrio Barbosa de Oliveira, 1º EM

Brayamm Rodrigues Adriano Espíndola, 1º EM

Brenda da Silveira Fernandes, 1º EM

Bruna Kettermann dos Passos, 1º EM

Daniel Rodrigues Almeida, 1º EM

Felipe Rocha dos Anjos, 1º EM

Liana da Costa Borges, 1º EM

Lucas Nascimento Miranda, 1º EM

Martha Luiza Santos da Silva, 1º EM

Melissa Pires da Rosa, 1º EM

Nadine Gabrielle Castilhos Farias, 1º EM

Natieli Pedroso Gaspar, 1º EM

Otávio Leal da Costa, 1º EM

Renato da Silva Fonseca, 1º EM

Sven Carlos Kern Uhr, 1º EM

Taíssa Camila da Cruz Santos, 1º EM

Wynicius Machado dos Santos, 1º EM

Introdução

A turma 1101, do primeiro ano do ensino médio da tarde do Colégio Estadual Paraná¹, recebeu uma grande oportunidade de conhecer e aprender sobre o que é, de fato, um quilombo, o que é trabalho e não trabalho nos quilombos, também sobre a cultura negra e como conviver numa comunidade quilombola. Então, em nome de todos os alunos dessa turma, gostaríamos de agradecer ao TRT-4 (Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região), também aos professores e à direção, por acreditar em nossa capacidade e colocar em nossas mãos uma grande responsabilidade e a oportunidade de conhecer melhor nossa cidade (Porto Alegre – RS) e os quilombos.

Quilombo é a forma fundamental de resistência à escravidão (que hoje seria o preconceito e o racismo) e um espaço da autonomia e autoria negra, um lugar de resistência. Quilombo é o nome dado no Brasil aos locais onde negros escravizados se acolhiam, fugidos dos escravizadores. Dessa maneira, romperam com o modelo de civilização europeia, recriando o mundo africano. Os quilombos do Brasil também eram chamados de mocambos. Na América espanhola, essas comunidades ficaram conhecidas como Palenques; na América francesa, era Maronge, e na América inglesa eram *Marron Communities*. A população era formada tanto por negros como por indígenas e homens livres, mestiços ou brancos pobres.

Segundo Sandro Lemos, que hoje é um dos líderes do Quilombo Lemos, ao conversar com anciões, considera questionável a participação de brancos nos quilombos no tempo da escravidão. Pois os quilombolas tinham medo de que os brancos os denunciassem para os ex-

¹ Em virtude das normas estabelecidas pela comissão responsável pelo projeto, os professores orientadores só poderão se expressar em notas. Assim sendo, nós professores orientadores do Colégio Estadual Paraná optamos por expor nossas escolhas a respeito do objeto de pesquisa, bem como da metodologia adotada, em texto de notificação apresentado após o fim do trabalho dos alunos. Da mesma forma serão expostas as considerações e conclusões sobre o projeto e o trabalho dos alunos.

proprietários de escravizados. Atualmente, alguns quilombos que foram estabelecidos em locais afastados permanecem ativos, mesmo depois da abolição da escravatura. Os quilombos lutam, até os dias atuais, pelos laços de suas culturas, sobrevivendo com suas tradições e fazendo suas práticas religiosas. Ainda nos tempos de hoje, as comunidades quilombolas enfrentam problemas de reconhecimento da posse de suas terras. A cada dia, os quilombolas lutam para ser respeitados e conhecidos pela sociedade.

Os quilombos urbanos são localizados em cidades; são pequenos aglomerados de casas, antigamente construídas com troncos de árvores ou pau a pique; hoje são de madeira ou tijolo, normalmente construções antigas. Os quilombolas urbanos têm criação de galinhas, cabras, porcos e até mesmo de animais de estimação. Mas esses quilombolas têm a mesma ideia dos quilombolas tradicionais ou rurais; eles querem que a sociedade os respeite e os reconheça como qualquer ser humano. Esses quilombolas, também põem em prática muito a cultura africana, com danças, músicas, arte, penteados, religiões, etc. Mas principalmente a ideia de autoestima e defesa da negritude.

Mas o nome desse projeto é “Memórias de Trabalho e Não Trabalho Quilombola”. Sendo assim, torna-se necessário termos o conceito de trabalho definido para não ocorrer dúvida quanto à sua utilização. Portanto é nossa concepção entender trabalho como sendo toda e qualquer atividade física ou intelectual realizada por um indivíduo ou grupos de indivíduos com o objetivo de obter seu sustento e de sua família. Consideramos trabalho o fato de um indivíduo ter uma atividade numa indústria, comércio ou escritório em troca de um salário e possuindo todos os direitos trabalhistas, mas também é trabalho o ato de ter sua horta ou criar animais (galinhas) para sua subsistência; também é trabalho desenvolver, por conta própria, qualquer atividade de prestação de serviços ou de comércio (vendendo lanches, cortando grama, sendo flanelinha, etc.).

E por que essa ênfase no trabalho? Primeiro, o fato de alguém não ter emprego não significa que não trabalhe. Sem trabalho como sobreviver? Como comprar roupas, como comprar alimentos, como ter remédios? O trabalho é necessário para o viver e para a dignidade humana. Segundo, há um estereótipo de que um quilombo é lugar de pessoas vagabundas e preguiçosas. É mais um grande engano. Num quilombo moram pessoas que possuem capacidade igual a quaisquer outras; no entanto, são pessoas que historicamente sofreram prejuízo e, por que não dizer, discriminação nos seus direitos. Seja na educação, no direito à moradia, nas condições de saúde e também no trabalho. Por todas essas desvantagens, para muitos quilombolas é necessário trabalhar mais do que outros, aceitar qualquer serviço, trabalhar em finais de semana e feriados ou em serviços perigosos e insalubres.

Por último, há mais uma questão: a memória. É o ato de lembrar e relembrar fatos e acontecimentos do passado. Memória não é história; memória é rememorar as lembranças. Mas esse revisitar não ocorre de forma aleatória ou simples. É natural do ser humano lembrar as coisas boas ou marcantes; aquilo que é ruim ou causa sentimentos negativos é esquecido ou é editado. Ao editar a memória, o indivíduo organiza-a dando um sentido lógico e menos traumático e doloroso possível. Portanto sempre que trabalhamos com a memória devemos filtrar os sentimentos e as análises feitas *a posteriori*, pois elas alteram a percepção dos indivíduos.

Com todo esse projeto do “Trabalho e Não Trabalho Quilombola” esperamos trazer aos outros habitantes de Porto Alegre o conhecimento sobre a cultura negra, o que é um quilombo e principalmente a existência do Quilombo Lemos, qual a sua história e suas ambições.

Bruna Kettermann dos Passos e Melissa Pires da Rosa

O QUILOMBO

Quilombo Urbano Lemos

Na década de 40, a dona Anna Júlia Ribeiro Gonçalves veio a Porto Alegre porque perdera seu marido José; ela trouxe sua filha Délzia e começou a trabalhar numa casa de família de brancos.

Já no início da década de 50, a senhora Délzia conheceu o senhor Jorge; casaram em 1953 na igreja de Viamão. Os dois moravam na Lomba do Pinheiro na parada 24, e seu Jorge começou a trabalhar no Asilo Padre Cacique. Ele caminhava da Lomba do Pinheiro até a Avenida Bento Gonçalves, mais ou menos uma hora e meia de caminhada; depois pegava o Bonde da Bento, descia na Igreja Menino Deus e caminhava até o asilo.

Ali onde é o Gigante do Beira-Rio hoje, naquela época era às margens do Guaíba e mais pro lado era a chamada “Lomba do Asseio”, onde os dejetos cloacais de Porto Alegre eram lançados ao lago. Todos os dias, senhor Jorge saía muito cedo de casa para chegar no horário no asilo, já que ele fazia um grande trajeto.

Ele fazia os serviços gerais do asilo; como ele era zelador, podia entrar em qualquer sala do asilo, pois tinha todas as chaves do local; trabalhava de pedreiro ajudando a construir o asilo, fazia a manutenção do asilo e consertava e limpava o asilo, ajudava no cuidado dos idosos e os limpava; tudo o que mandavam ele fazer, ele ia e fazia. Também cuidava do jardim e mantinha o mato que existia em volta sempre baixo. Sempre suspeitava que pudesse haver nas proximidades um cemitério de escravizados ou indígenas. Em volta do asilo havia muito mato, e não se sabia se tinha proprietário.

Então Jorge pegou um pedaço dessa área para construir uma casa para a família com a ajuda do zelador da então Febem, que havia feito a mesma coisa. Ele construiu uma casa de madeira e levou a família.

Eles criaram sua própria forma de subsistência; tinham criação de porcos, galinhas, plantação de milho...

O casal teve quatro filhos(as); o mais novo nasceu no Quilombo Urbano Lemos. Nessa época, os(as) filhos(as) já deveriam ir para a escola; eles não tinham condições de pagar uma escola particular e não havia nenhuma escola pública perto.

Então a Délzia e o Jorge conseguiram bolsa escolar no Colégio Maria Imaculada para os quatro. Alguns afirmam que foram os piores momentos da sua vida, porque o colégio é de freiras; então os passeios ou alguma coisa que tinham que comprar era muito caro. A família então começou a crescer; o pessoal teve alguns filhos e com isso começaram a construir casas para todo o mundo.

O Quilombo Urbano Lemos tem origem no Quilombo Maçambique. Maçambique fora um negro escravo que veio da África e estava na região de Rio Grande, Pelotas. Só que ele fugiu e foi pro cerrado de Canguçu, onde ele construiu sua família. Os negros ficavam num cerrado, porque ali os brancos não conseguiam chegar e eles tinham uma visão panorâmica.

Com isso os negros conseguiram se esconder, fazer armadilhas, mas eles só andavam de madrugada. Maçambique foi capturado e, como castigo, os brancos fizeram um buraco de 5 metros, colocaram ele vivo e depois botaram uma pedra enorme em cima do buraco. Em volta do buraco em que Maçambique foi enterrado foi se criando um cemitério, e nesse local de Canguçu tem 70 famílias quilombolas.

Daniel Rodrigues de Almeida e Nadine Gabrielle Castilhos Farias

Quilombo Lemos

O Quilombo Lemos tem origem no quilombo de Maçambique, situado próximo a Santa Cruz. São conhecidos mais como Lemos (sobrenome paterno) do que Gonçalves (sobrenome materno). Na década de 40, a dona Anna Júlia Ribeiro Gonçalves veio a Porto Alegre com sua filha Délzia porque ela perdera seu marido e dois irmãos. Anna começou a trabalhar em casas de família de ex-diretores do Asilo Padre Cacique.

Maçambique foi um negro escravo fujão, que veio da África e estava na região de Pelotas e Canguçu. Ele era escravizado; então fugiu e foi pro cerrado de Canguçu, onde ele constituiu sua família. Os negros ficavam no cerrado, porque era difícil ao acesso dos homens brancos. Além disso, os quilombos sempre eram construídos no alto, permitindo a visão de longa distância de quem se aproximasse. Com isso os negros conseguiam se esconder, fazer armadilhas, mas eles só andavam à noite. Maçambique foi capturado, foi castigado e morto. Em volta do buraco em que o falecido Maçambique está enterrado foi criado um cemitério, e nesse local de Canguçu hoje tem 70 famílias de quilombolas.

Depois de alguns anos morando em Porto Alegre, Délzia Gonçalves conheceu Jorge Alberto Rocha de Lemos; ele já morava em Porto Alegre. Em 1953, na igreja de Viamão, se casaram e foram morar na Lomba do Pinheiro na parada 24. Nesse tempo, Jorge começou a trabalhar no Asilo Padre Cacique na Av. Padre Cacique, 1178 – Bairro Menino Deus. Nesse período, as margens do lago Guaíba estavam situadas onde hoje é a Av. Padre Cacique, próximo da antiga Lomba do Asseio, onde os dejetos cloacais de Porto Alegre eram despejados no Guaíba.

Todos os dias, Jorge saía muito cedo de casa para não chegar atrasado no asilo, já que ele fazia um longo trajeto. Ele caminhava da

Lomba do Pinheiro até a Av. Bento Gonçalves, mais ou menos uma hora e meia de caminhada; depois pegava o bonde na Bento e descia na igreja Menino Deus e depois caminhava até o asilo. Jorge fazia os serviços gerais do asilo; era zelador, cuidava dos idosos, limpava os idosos, consertava o prédio do asilo, arrumava e ajudava a enterrar os mortos; tudo o que mandavam ele fazer ele fazia. Em volta do asilo havia muito mato, mas essas áreas não tinham proprietários conhecidos. Então Jorge pegou um pedaço dessa área para construir uma casa para a família até encontrar algo melhor. Com a ajuda do zelador da antiga Febem (Fundação do Bem-Estar do Menor) ele construiu uma casa de madeira e levou sua família. Eles criaram sua própria horta de subsistência, tinham criação de porcos, galinhas, plantação de milho, trigo... O casal teve quatro filhos(as) o mais novo nasceu no Quilombo Lemos e chama-se Sandro Lemos, hoje líder da resistência quilombola dos Lemos.

Nessa época, os(as) filhos(as), já iam para a escola, e eles não tinham condições de pagar uma escola particular e não havia nenhuma escola pública perto. Délzia e Jorge conseguiram uma bolsa escolar no Colégio Maria Imaculada para os quatros filhos. Alguns dos(as) filhos(as) afirmam que foi um dos piores momentos de suas vidas, porque o colégio era de freiras; então os passeios eram muito caros.

A família começou a crescer; o pessoal teve alguns filhos e com isso começaram a construir casas para toda a família. Hoje alguns familiares saíram do quilombo com medo que a polícia retorne.

Melissa Pires da Rosa e Nadine Gabrielle C. Farias

História do Quilombo Lemos

Na década de 40, a dona Anna veio a Porto Alegre porque perdera seu marido José; daí ela trouxe sua filha Délzia e começou a trabalhar numa casa de família para os brancos.

Já no início da década de 50, a senhora Délzia conheceu o senhor Jorge e casaram em 1953 na igreja de Viamão; os dois moravam na Lomba do Pinheiro na parada 24, e seu Jorge começou a trabalhar no Asilo Padre Cacique. Ele caminhava da Lomba do Pinheiro até a Avenida Bento Gonçalves, mais ou menos entre uma hora e meia a duas horas de caminhada; depois pegava o bonde da Bento, descia na Igreja Menino Deus e caminhava até o asilo.

Ali onde é o Gigante do Beira-Rio hoje, naquela época era às margens do Guaíba e mais pro lado era a chamada “Lomba do Asseio”, onde os dejetos cloacais de Porto Alegre eram lançados ao lago. Todos os dias, senhor Jorge saía muito cedo de casa para chegar no horário no asilo, já que ele fazia um grande trajeto.

Ele fazia os serviços gerais do asilo como ele era zelador, podia entrar em qualquer sala do asilo, pois tinha todas as chaves do local; trabalhava de pedreiro ajudando a construir o asilo, fazia a manutenção do asilo e consertava e limpava o asilo, cuidava dos idosos e os limpava; tudo o que mandavam ele fazer ele ia e fazia. Em volta do asilo havia muito mato, mas essa área não tinha proprietário.

Então Jorge pegou um pedaço dessa área para construir uma casa para a família com a ajuda do zelador da Febem; ele construiu uma casa de madeira e levou a família. Eles criaram sua própria forma de subsistência; tinham criação de porcos, galinha, plantação de milho...

O casal teve quatro filhos; o mais novo nasceu no Quilombo Urbano Lemos. Nessa época, os filhos já deveriam ir para a escola; eles

não tinham condições de pagar uma escola particular e não tinha nenhuma escola pública perto.

Délzia e Jorge conseguiram bolsa escolar no Colégio Maria Imaculada para os quatro. Alguns afirmam que foram os piores momentos da sua vida, porque o colégio é de freiras; então os passeios ou alguma coisa que tinham que comprar era muito caro. A família então começou a crescer; o pessoal teve alguns filhos e com isso começaram a construir casas para todo o mundo.

O Quilombo Lemos tem origem no Quilombo Maçambique que foi um negro escravo que veio da África e estava na região de Rio Grande, Pelotas. Só que ele fugiu e foi pro cerrado de Canguçu, onde ele construiu sua família. Os negros ficavam num cerrado, porque os brancos não conseguiam chegar e eles tinham a visão de cima do morro.

Com isso os negros conseguiram se esconder, fazer armadilhas, mas eles só andavam à noite. Maçambique foi capturado e, como castigo, os brancos fizeram um buraco de aproximadamente 5 metros, colocaram-no vivo e depois colocaram uma pedra enorme em cima do buraco. Em volta desse buraco em que Maçambique está enterrado foi se criando um cemitério, e neste local de Canguçu existem 70 famílias quilombolas enterradas.

Andrio Barbosa de Oliveira, Lucas Nascimento Miranda e Renato da
Silva Fonseca

TRABALHO

Trabalho quilombola

Jorge, pai de Sandro, foi trabalhar para o asilo por indicação da mãe de Jorge, que trabalhava na casa de um dos diretores. Através de sua mãe ele conseguiu um emprego de carteira assinada no asilo. Segundo relata Sandro, alguns de seus familiares tiveram uma relação de trabalho com a entidade: sua tia trabalhou vinte e cinco anos, sua prima trabalhou por volta de vinte anos. Sua falecida irmã também trabalhou, mas ele não se recorda por quanto tempo.

Na parte da frente do asilo havia um estacionamento utilizado durante os dias de jogos do Beira-rio, onde trabalharam seu Jorge e Sandro Lemos. Ele então tinha oito anos e cuidava dos carros junto com três cunhados. Trabalharam ali por muito tempo; no caso de Sandro, trabalhou ali durante doze anos, nas quartas e domingos. A família Lemos era responsável pelo estacionamento.

Seu Jorge era remunerado por esse trabalho, e depois de um tempo, começou a pagar também o Sandro pelo serviço. Pois como já afirmado, havia torcedores até altas horas lá, e Sandro e seu pai ficavam no estacionamento até a saída do último carro.

Parte da família Lemos trabalhava de maneira formal, com carteira assinada, como por exemplo a mãe do Sandro, a tia, o pai, a prima e sua falecida irmã. Mais o resto não; seus cunhados trabalhavam de maneira informal.

Seu Jorge fazia no asilo bem mais do que apenas só um serviço; ele era também zelador do terreno; até ali onde hoje é a FASE, atendia os idosos em suas necessidades. Além disso, era eletricista e também ajudava a vestir os idosos que morriam, punha-os no caixão e os levava até a funerária. Segundo Sandro, ele afirma que “seu pai era uma pessoa de confiança do asilo”.

Seu Jorge trabalhou durante quarenta e seis anos no asilo, e ele sempre vendia as suas férias para ganhar um dinheiro a mais. Quando ele completou trinta anos de carteira assinada, ele teve suas primeiras férias, mas, mesmo de férias, quase sempre era chamado para fazer alguns serviços no asilo.

Já a mãe de Sandro sempre trabalhou na lavadeira do asilo; com o tempo, por causa do barulho das máquinas, ela ficou com um problema de audição. Trabalhou durante trinta e cinco anos ali no asilo junto com sua irmã, tia de Sandro. Sua irmã trabalhou na rouparia, e sua prima entrou no asilo trabalhando como serviços gerais, mas com o tempo realizou cursos e formou-se como técnica de enfermagem. Já a avó de Sandro trabalhou como doméstica na casa de Roberto Falcão, na época presidente do asilo.

Sandro possui quatro irmãos; atualmente duas das irmãs trabalham em uma agência de viagem, e a outra irmã trabalha em uma funerária. Seu irmão é especial e trabalhou por muito tempo na Secretaria Estadual de Educação. Já Sandro sempre trabalhou em área comercial; ele ficou um ano e meio sem trabalhar devido a toda a situação judicial do Quilombo Lemos. Hoje Sandro trabalha como segurança e como liderança do Quilombo Lemos, pois, como afirma, tem mais tempo para fazer as coisas; estava no dia da reintegração e está há mais tempo residindo no Quilombo Lemos.

Sandro também faz parte da frente quilombola que reúne os sete quilombos urbanos de Porto Alegre juntamente com sociólogos, jornalistas e outros atores sociais, cujo objetivo é integrar todo o movimento quilombola. Quando há reunião ou qualquer movimento, sempre vai um líder de cada quilombo. Segundo Sandro, ele diz: “a união é importante porque, se for só um líder ou dois, não adiantará nada, pois eles não vão conseguir colocar pressão sozinhos”. O trabalho da frente quilombola atua não só com os afro-descendentes, mas também com a causa indígena.

O Quilombo Lemos propôs a ideia à sua comunidade de tentar fazer uma vez por mês uma feijoada, com samba e uma atração como hip hop e capoeira. O Quilombo Lemos também está construindo uma quilomboteca, que ainda falta pintar algumas coisas e falta uma janela. Eles querem apresentar filmes e querem oferecer reforço escolar. Mas o quilombo e os CRAS (Centros de Referência de Assistência Social) estão selecionando as crianças por idade e por série para fazer o reforço escolar. Eles também estão pensando em fazer um festival de hip hop lá no quilombo, pois Sandro diz que: “nada disso vai ser só para o público jovem, mas sim para todo mundo, mesmo que o público alvo seja o jovem”. Eles também ganharam uma coleção de livros intitulados pensamento preto para poder vender e utilizar na quilomboteca.

Essa feijoada é uma iniciativa de Sandro e de sua sobrinha. Eles têm uma caixinha para onde vai o dinheiro que eles juntam dessa feijoada; metade eles gastam para arrumar as coisas, e a outra metade eles guardam para alguma atividade ou necessidade de um dos quilombolas.

Conclui-se que tudo aquilo que acontece no quilombo ou que eles realizam é trabalho. Mas não só o que eles fazem fora do quilombo, mas sim lá dentro.

Martha Luiza Santos da Silva, Natiele Pedroso Gaspar
e Taíssa Camila da Cruz Santos

Trabalho na Família Lemos

De acordo com Sandro, o seu pai trabalhava numa olaria quando foi indicado para o asilo. Jorge Lemos começou a trabalhar no asilo porque sua avó o indicou para o então diretor do asilo na época. Uma pessoa com grande influência na sociedade porto-alegrense. Já sua tia trabalhou por 25 anos no asilo, e sua prima também trabalhou na instituição por volta de vinte anos. Seu cunhado trabalhou na segurança do asilo por volta de 2 meses.

Dessas relações de trabalho, a maior parte era informal, somente o pai, mãe, irmã, tia e prima trabalhavam de forma formal, ou seja, com carteira assinada.

Sandro relatou que sua família também trabalhou no estacionamento do asilo, onde eram estacionados os carros durante os jogos realizados no Beira-rio. Sua tarefa era cuidar dos carros. Sandro diz que trabalhou ali desde os 8 anos até os 18 junto a Jorge Lemos até por volta das três horas da madrugada, quando a última pessoa ia embora. A renda desse trabalho seu Jorge dividia com sua família.

Conforme Sandro Lemos, nós trabalhávamos no estacionamento com o conhecimento e permissão do asilo. E esse trabalho era digno e honesto, portanto deve ser respeitado como qualquer outro tipo de trabalho, complementa Sandro Lemos.

A família Lemos sempre trabalhou desde muito tempo no asilo. Sandro afirmou que seu pai Jorge Lemos chegou na instituição para cuidar de toda a área. Jorge Lemos trabalhava nas mais diferentes tarefas; foi encanador, eletricista e principalmente atendia os idosos quando necessário. Assim colaborando muito com o Asilo Padre Cacique. Jorge Lemos, por ser uma pessoa muito confiável, tinha acesso a qualquer parte da instituição.

Em relação aos demais familiares, Sandro Lemos afirma que sua mãe trabalhava na lavanderia do asilo e sua irmã trabalhava na roupa-

ria. Sua mãe ficou com problemas de audição devido às máquinas serem barulhentas. Sua tia também trabalhava no asilo, porém realizou vários cursos de enfermagem e saiu para trabalhar como auxiliar de enfermagem.

Jorge Lemos trabalhou anos sem descanso; segundo Sandro, só foi tirar férias já com 30 anos de serviço na casa. Mesmo assim, em suas férias trabalhava ajudando em pequenas emergências.

Atualmente, Sandro diz que suas duas irmãs trabalham em uma agência de viagens e a outra em uma funerária; seu irmão mais velho, especial, trabalhou na Secretaria de Educação como cargo de confiança.

O trabalho atual do Sandro é como líder do Quilombo Lemos. Sandro Lemos foi nomeado líder por suas características marcantes, por exemplo: suas boas lembranças, ele já está há muito tempo com a comunidade quilombola; ele também vivenciou muitas histórias marcantes e por isso é chamado de “guardião da memória”.

Sandro iniciou muitos projetos para o quilombo, como feijoadas, sambas, atrações culturais, capoeiras, construção da quilomboteca, reforço escolar, rap e slam. Sandro quer com esse trabalho trazer reconhecimento ao quilombo e atrair pessoas, principalmente os jovens. Sandro teve o apoio do esposo de sua prima, que ajudou muito em alguns projetos, como por exemplo o da feijoada, que trouxe uma renda ao quilombo guardada na caixinha do quilombo para pequenas emergências e necessidades.

Outra atividade do Sandro é na frente quilombola, que reúne todos os líderes dos setes quilombos urbanos de Porto Alegre para atuar em várias ações de luta e de integração entre os quilombos. Sandro diz que o objetivo da frente quilombola é abraçar causas da comunidade indígena e da comunidade quilombola. Sandro não recebe nenhum tipo de renda com esse trabalho e por isso deve ser reconhecido por sua luta.

Andrio Barbosa de Oliveira, Lucas Nascimento Miranda
e Renato da Silva Fonseca

TRABALHO E RACISMO

Entrevista sobre trabalho e racismo com Sandro Lemos

Em uma operadora de telefonia onde Sandro trabalhou, muitas vezes era menosprezado por clientes racistas, mas, como ele estava em sua área de trabalho, tinha que “aceitar” isso. Sandro alegou em uma entrevista que em um dia de trabalho duas pessoas chegaram à loja e o ofenderam porque queriam ser atendidos com prioridade, mas Sandro não permitiu. O gerente falou aos clientes que eles deveriam pegar uma ficha e esperar como os outros, mas não quiseram e por isso desrespeitaram e ofenderam Sandro. Em outra ocasião, outro cliente recusou-se a ser atendido por Sandro por ele ser negro. Então Sandro se retirou, e uma outra colega dele foi atender. Essa colega era branca e loira; então esse cliente foi muito simpático.

Outro fato que aconteceu foi com a filha da sobrinha de Sandro. Ela nos relatou que sua filha começou com comportamentos estranhos e não queria de jeito nenhum ir para a escola onde estudava. Então ela descobriu que sua filha era rejeitada pela professora por sua cor, pois na hora da saída a “professora” dava beijo em todos os alunos menos nela, e assim todos os dias. Então imediatamente a mãe da “Gabi”, que era o apelido da menina que sofria o racismo, foi falar com a diretora da escola, e essa negou tudo, dizendo que isso não poderia ter acontecido. Então sua mãe, sem saber mais o que fazer, mudou sua filha de escola e relatou também que depois soube que acontecera a mesma coisa com outra criança e que sua filha Gabi não tinha sido a primeira.

Sandro também nos contou de sua escola. Antigamente, Délzia, sua mãe, conseguiu por meio das freiras bolsas escolares para todos os seus filhos estudarem no colégio. Sandro contou que estudou nesse colégio do primeiro ao oitavo ano e sofreu muito racismo ao longo

desses anos de seus colegas. Contou que era chamado por diversos apelidos; aos poucos aprendeu a se proteger e revidar, mas Sandro contou que isso o prejudicou muito, pois era negro, pobre, quilombola e estudava de graça.

Brenda Fernandes e Liana Borges

Trabalho e preconceito

Pior situação de racismo com o Sandro foi na loja em que ele trabalhava: uma empresa de telecomunicações.

Era um dia bem movimentado no trabalho dele por estar perto da época do Natal quando chegou uma pessoa querendo prioridade e chamando alguém para atendê-la logo. Então foi uma colega de Sandro e explicou que ela tinha que esperar a sua vez. A cliente pediu para chamar o gerente. A gerente chamou Sandro e mandou-o ir lá e falar para ela pegar uma ficha e esperar sentada, como todos os outros clientes. A pessoa ficou enfurecida e perguntava se ele não a reconhecia e que ela não tinha tempo a perder. Ainda falava em tom escandaloso: “Quem és tu? Quem tu pensas que és?”

Teve outra situação bem parecida com essa. Aconteceu com Sandro, também nessa loja de telefonia em um shopping de Porto Alegre.

Nesse dia chegou um homem e começou a olhar os celulares. Sandro educadamente como qualquer vendedor foi lá oferecer serviço a ele, perguntou se queria ajuda e se podia atendê-lo; o homem enfaticamente respondeu:

– Não, não, não tem outro vendedor?

Sandro moderadamente respondeu:

– Tem muitos, mas eu posso te atender agora...

Então o homem disse:

– Não tem problema, eu espero.

Esperou até que um funcionário de pele branca o atendesse.

Em minha opinião, foi muita ignorância dessas duas pessoas; foram mal-educadas, racistas e pior seria se fossem pessoas que ocupassem uma função pública: um péssimo exemplo. Vocês acham que, se essas duas situações fossem com um branco, seria igual?

Felipe Rocha

Entrevista do Sandro sobre racismo

Antigamente, perto do quilombo não havia nenhuma escola pública perto; apenas uma escola que era particular. A Délzia então conseguiu por intermédio das freiras que trabalhavam no asilo bolsas escolares nesse colégio para todos os filhos do casal Gonçalves Lemos. Todos ficaram felizes, porque as freiras tinham conseguido as bolsas.

Nessa escola só estudavam filhos de jornalistas, políticos, jogadores, apenas pessoas de classe social alta. Sandro concluiu apenas o ensino fundamental nesse estabelecimento de ensino. Segundo ele, foram oito anos de “sofrimento”, porque a maioria dos estudantes tinha atitudes racistas com ele e seus irmãos. Ainda afirma que era chamado de diversas coisas, pois ele não tinha dinheiro, morava no quilombo, era negro e os pais trabalhavam no asilo e ainda eram bolsistas. Quando tinha passeios, era difícil deles irem, pois o casal não tinha dinheiro e era muito caro para os seis filhos.

Sandro trabalhava numa operadora de telefonia num shopping da Zona Sul. Um dia, Sandro estava na loja e chegou uma mulher, e ele foi até ela e perguntou se precisava de ajuda. Então ela falou ao Sandro que queria ser atendida com prioridade, sendo que o Sandro era o gerente; ela estava com um ar de superioridade e perguntava para ele, se ele sabia quem era ela e quem ele pensava que era para atendê-la. Nessa mesma loja foi um outro cliente. Ele não quis de jeito algum ser atendido por Sandro e agiu também com superioridade, igual à outra cliente relatada.

Outra situação de racismo que Sandro presenciou em sua vida foi na mesma loja em que ele trabalhava. Chegou um homem, e Sandro foi atendê-lo, e mesmo com ele ali, o moço perguntou se não tinha ninguém para atender, até que o Sandro falou para ele que podia atendê-lo. E o moço pediu para chamar o gerente. O Sandro então foi chamar o gerente e explicou o que estava acontecendo. O gerente disse ao

Sandro para atender outra pessoa, e o homem foi atendido por uma mulher loira de olho azul e ficou muito feliz. Começou a ser simpático com a atendente.

Outro fato que o Sandro presenciou foi com a filha de sua sobrinha. A menina estudava numa escola estadual. No final de todas as aulas, a professora dava um beijo em todas as crianças, menos na menina. A menininha nunca queria ir para a aula; ela começava a correr pelo quilombo e não queria de jeito nenhum ir para a aula. Até que um dia a mãe dela (sobrinha do Sandro) foi buscá-la e percebeu que a professora não dava beijo nela de tchau. Depois o Sandro também foi na escola e presenciou a situação. Sandro e a sobrinha foram conversar com a diretora e explicaram à diretora a situação. A diretora negou de todos os jeitos, dizendo que a professora não estava praticando racismo com a criança. Depois de algum tempo, eles tiraram a menina do colégio e, após a saída da menina, aconteceu o mesmo caso com outra criança.

Melissa Pires da Rosa

A luta pelo reconhecimento

A família conta que chegou no território da cidade de Porto Alegre em 1964, quando o casal Jorge Alberto Rocha de Lemos e Délzia Gonçalves de Lemos trabalhavam para o Asilo Padre Cacique, local onde contribuíram durante 40 anos nos serviços gerais. Na época, o lago Guaíba chegava até a porta do asilo e não havia transporte público que fosse até o asilo.

Para se deslocar de sua moradia na Lomba do Pinheiro até o local de trabalho, eles pegavam o bonde até o bairro Menino Deus e caminhavam até o Asilo Padre Cacique. Quando surgiu a possibilidade de morar nas proximidades do asilo, limparam o local, pois por lá era tudo mato, e construíram a sua casa, assim podendo trazer seus familiares. Então resolveram ele e sua mulher Délzia morar mais perto de seu serviço assim ficaria mais fácil para ele e sua família. Após um tempo, eles tiveram seus filhos; um deles foi Sandro Lemos, nascido e criado ali. Desde pequeno orgulhava-se de sua origem quilombola.

Aline Lemos, neta de seu Jorge e dona Délzia, lembra que construíram a casa azul e criaram sua própria forma de subsistência: plantação de milho, criação de porcos e galinhas. Sandro Lemos afirmou em entrevista: “Meu pai trabalhou por 46 anos no asilo e minha mãe 35 anos”. Ele deu a vida por esse trabalho. Literalmente, ele morreu trabalhando. Nunca lesamos o asilo e tínhamos uma boa relação quando era das freiras.

Jorge trabalhava em diferentes funções no asilo: cuidava dos idosos; quando morria alguma pessoa ele que vestia a pessoa falecida; era também porteiro e, mesmo em dia de folga, ele era chamado para fazer as tarefas do asilo. Fazia tudo, mas como chegava muito tarde em sua casa, também aceitou a ideia de residir próximo ao trabalho.

Aline Farias

Racismo

O racismo começa quando um negro é ofendido pela cor da pele, pelo formato do nariz, pelo volume dos lábios, quando são perseguidos no mercado ou shopping, quando falam dos cabelos das mulheres negras. Somos perseguidos pela polícia pelo simples fato de ser negros, somos agredidos sem ao menos ter feito alguma coisa, sem poder nos defender ou reagir. A cada ano que passa, mais isso aumenta, mais isso fica grave e preocupante para nós negros.

Saímos com medo de algo ruim acontecer e não poder voltar para o nosso lar com a nossa família. Temos medo de sair e dar de cara com algum policial de má índole e acabar acontecendo coisas ruins; na maioria das vezes, são extremamente ignorantes quando pedimos informações de alguma coisa na rua para alguém, olham-nos de cara feia, e isso nos oprime, nos deixa mal. Por medo de sermos agredidos, espancados ou até mortos, afastamo-nos, muitas vezes deixamos de ir nos lugares por medo de como seremos recebidos: de maneira fútil ou desagradável.

Não é só porque temos uma cor de pele mais escura que somos monstros ou que isso mataria alguém; bem pelo contrário, temos as mesmas coisas que qualquer outro ser humano tem: temos olhos, boca, orelhas, braços, pernas e todos os outros órgãos que TODO SER HUMANO TEM. POXA!, não somos diferentes de ninguém; nós negros também sentimos dor, também sangramos, também choramos, também temos coração. Muitas vezes, deixamos de ser escolhidos em vagas de emprego, deixamos de ser escolhidos para trabalhar em certas empresas por causa da nossa cor de pele, vemos poucos negros em escolas privadas e até mesmo em escola pública. Se tem, são poucos, e esses poucos são oprimidos, esculachados e sofrem *bullying* pela cor da pele.

Negros sofrem racismo por medo dos brancos. Medo do negro conseguir a vaga tão esperada do branco, medo que o negro consiga o que o branco não conseguiu, que o negro chegue no topo e o branco não! Nas Faculdades, há cotas de negros ou indígenas, mas não há cotas para brancos! Muitas vezes, somos deixados de lado para dar prioridade ao branco que “merece”, sem querer desmerecer os serviços que citarei, mas vemos mais negras(os) domésticas do que brancas(os), vemos poucos brancos na coleta de lixo das ruas (tem vezes que nem vemos), vemos poucos brancos trabalhando de gari... Depois de servirmos bem aos brancos, de ajudar bastante, dar do bom e do melhor para eles, de ensinar muita coisa que sabemos, eles desmereceram o nosso trabalho, o nosso suor.

Não é a cor de pele que define uma pessoa, mas sim o caráter; não importa se a pessoa é branca, parda, negra ou índia. Todos devemos ser respeitados e devemos ter os mesmos direitos, sem exceção nenhuma; todos têm esse direito. Vemos muitas cenas de racismo e preconceito nas ruas, televisões e até mesmo pela internet; somos atacados de maneira agressiva, ameaçados e sofremos ataques de morte que não esperávamos.

Precisamos ver o mundo de outra maneira; não existem duas raças, mas sim a raça humana. Temos que parar de nos importar com a cor de pele do próximo, com o cabelo e qualquer outra diferença do ser humano. Somos todos iguais, TODOS IGUAIS. Temos tantas coisas com que nos preocupar, tantas coisas melhores para fazer; vamos ocupar a cabeça com coisas boas e sempre pensar no melhor do próximo sem olhar a quem!

Aline Farias

Racismo

Para mim, o racismo é praticado tanto por negros como por brancos, sendo que essas pessoas são uma única raça. Muitos negros não aceitam relacionamentos com brancos ou ao contrário. O racismo, na maioria das vezes, vem dos seus antepassados, bisavós(ôs), avós(ôs), até mesmo das mães e dos pais. Hoje estamos no século XXI, e o racismo está muito presente nas escolas, nos mercados, na rua, no comércio, na política, nas propagandas, nas músicas, etc.

Muitos negros acham certo praticar racismo com os brancos. Na minha visão, isso também é errado, porque, se nós negros queremos uma igualdade, a gente não pode apoiar o racismo e nem praticar. Mas se a maioria das pessoas (brancos e negros) não o pratica, algum dia a sociedade e suas instituições não serão mais racistas. No meu modo de pensar e de ver, nós negros deveríamos ser superiores ao comportamento dos brancos. Se lutamos contra o racismo, não podemos praticá-lo. No fim, o que desejamos é uma sociedade melhor, justa, igualitária e sem preconceito.

Eu sou uma negra de cabelo afro, que usava aparelho e uso óculos e já sofri altos preconceitos; a maioria desses momentos ocorreu em lojas e na escola. Quando vou a lojas e ninguém vem atender ou quando vem um atendente branco e está de mau humor. Algumas atendentes ofereciam os produtos mais baratos e ficavam dizendo que “esse é mais barato que o outro”, achando que eu não teria dinheiro para pagar. Eu sou uma pessoa que gosta de estudar e sempre fui ótima aluna. Muitas vezes, os professores ficavam surpresos com minhas notas, porque eles achavam que eu não teria capacidade de atingir a nota máxima. Este ano, uma professora debochou de mim na frente de todos os meus colegas porque eu tinha feito um trabalho errado. O pior era alguns colegas meus me chamarem de cabelo de “bombril” e “micoca”.

Melissa Pires da Rosa

Racismo

Sandro Lemos relata que os brancos apropriam-se de tudo o que lhes convém. Se os brancos deixarem florescer a capacidade dos negros, os brancos vão acabar perdendo o seu destaque na sociedade. Sandro cita algumas personalidades negras de destaque: Toni Tornado, Pelé e Muhammed Ali, comprovando a igual capacidade do negro de ser competente naquilo que faz. Porém numa sociedade racista as condições ainda não são as mesmas.

Além disso, Sandro alegou também que os negros estão sofrendo um processo de apropriação cultural pelos brancos, que acabaram se apropriando de tudo o que vem do negro. As culturas estão sempre em constante transformação, tanto a do branco como a do negro por exemplo: a capoeira, o samba, o pagode entre outros, porém o racismo cultural ainda é incontrollável e destrói a cultura negra.

O racismo é um tipo de preconceito, uma manifestação de ódio, aversão, coação, agressão, intimidação, difamação ou exposição degradante da pessoa. A maioria das pessoas sofre racismo pela cor, raça e religião.

Temos também o racismo reverso, em que os negros são racistas com os brancos e os brancos são racistas com os negros, e isso acaba se tornando um ciclo vicioso dos dois lados. E se nenhum dos lados parar com o racismo, nunca nada mudará.

Há pessoas que lutam contra o racismo, mas, mesmo assim, essas pessoas são minoria. Muitas pessoas querem quebrar essa corrente, esse ciclo vicioso do racismo. Mas para isso acontecer, todas as pessoas tinham que ter consciência de que somos todos iguais e que um dia nós podemos ser vítimas do racismo.

Na maioria das vezes, quem educa as crianças são parentes próximos: a família. Nesse caso, a criança cresce com esse preconceito, com essa visão errada dos negros, porque só aprendeu a cultura dos brancos.

Muitas vezes, enxergam-se todos os negros que moram em periferias e favelas como uma ameaça aos brancos. Pois há muitas pessoas que não gostam de falar ou debater esse tema. A TV, o rádio e o jornal mostram como se as periferias ou favelas fossem perigosas, mostram muitas vezes que as pessoas querem prejudicar o próximo, independentemente de cor, sexo ou religião. Mostram que quem habita favelas e a periferia são pobres e bandidos. Mas há pessoas que moram nesses lugares por necessidade; é o que o dinheiro deu para comprar.

Há muitas músicas que mostram como o negro é prejudicado, agredido, seja verbal ou fisicamente, seja pela polícia ou pelo tráfico. O hip hop é uma crítica à sociedade racista atual, mas muitas vezes a grande mídia não o executa, porque o considera música de gueto e que não interessa à sociedade branca, mesmo sendo uma contestação a essa sociedade. Para os brancos não é cultura.

Na polícia, também se reproduz o racismo com os negros e pobres. Quando a polícia vê um negro correndo, os policiais acham que ele está roubando ou até mesmo que é foragido ou traficante. Quando a polícia entra na favela, os primeiros que são revistados ou vão para o “paredão” são os negros e pobres. Muitos negros são perseguidos simplesmente por ser negros.

Muitas pessoas que sofrem racismo não falam por medo e receio de ser prejudicadas. Pois muitas pessoas não têm conhecimento sobre o racismo; acham que a culpa é deles por ser ofendidos ou agredidos, mas só que na realidade os negros não têm culpa de nada.

Teve um episódio em que três meninos negros estavam correndo e quando a polícia os viu, imediatamente foram abordados. Mas quando eles chegaram à delegacia, descobriu-se que estavam correndo para pegar o ônibus e ir fazer o vestibular, pois estavam atrasados.

Natiele Pedroso Gaspar, Martha Luiza Santos da Silva
e Taíssa Camila da Cruz Santos

Porto Alegre uma cidade racista

Racismo começa quando um negro sempre é discriminado pelo tom da sua pele. Falo isso por experiência própria, porque já sofri preconceito de pessoas brancas. Muitos acham que porque não temos o mesmo tom de pele de uma pessoa branca não temos a mesma capacidade deles, sendo que todo mundo tem a mesma capacidade. Não importa a cor de pele e nem se é homem ou mulher; o que define uma pessoa, seja branca ou preta, não é o tom da pele, e sim o caráter. Precisam saber que nós negros, apesar do tom da pele, de sermos diferentes nesse aspecto, somos todos iguais, temos os mesmos sentimentos, dor, mas a sociedade vê nosso povo negro como ladrão por ter a pele negra e morar em favelas e vilas. Por isso somos mais discriminados.

Sandro já sofreu racismo em seu local de trabalho (uma empresa de telefones/televisão); quando ele foi atender um cliente, a pessoa disse que não queria ser atendido por ele, mas que outro o atendesse. Uma vez chegou a ser agredido por um cliente que jogou um grampeador nele, mas não o acertou felizmente.

Uma outra ocasião de racismo que ele contou foi com o irmão dele numa famosa loja de roupas. Foi abordado por um dos vendedores da loja, que falou: “Sai daqui que isso não é lugar para você”. Nesse meio tempo, ele ficou em choque, e quando chegou em casa, comentou com sua mãe Délzia que sofrera um ato de racismo. Na mesma hora, a dona Délzia foi na loja de roupas com seu filho. Chegando lá, ela mandou dizer quem fora o vendedor que fizera isso com ele e chamou o gerente para contar o fato ocorrido com seu filho. Depois de ter contado o que aconteceu, o gerente falou que daria uma advertência, mas a mãe do menino falou que chamaria a polícia e faria fechar a loja, pois queria que o tal vendedor fosse demitido. Nesse exato momento, o gerente demitiu o vendedor. Num importante banco nacional, o segurança não permitiu o atendimento do irmão do Sandro, abordando-o de forma preconceituosa.

Já a sobrinha do Sandro, que trabalhava numa padaria, também sofreu racismo. Quando foi atender uma moça, ela vendeu uma mortadela. Até aí tudo bem, mas depois que a mulher pegou a mortadela tentou jogar a mercadoria no rosto dela sem ter um motivo aparente. Ela conseguiu abaixar-se felizmente, e a mulher fugiu.

Outro caso foi com a filha da sobrinha de Sandro, pois sua filha sofreu racismo da professora. A educadora beijava todos os alunos e, quando chegava nela, virava as costas, e isso ocorreu por várias vezes. A menina já não queria mais ir para a escola; era uma briga para ela ir, fugia pelo quilombo todo. Sandro e sua sobrinha foram até a escola resolver esse fato, e a diretora não quis acreditar. Sandro e a sobrinha trocaram a menina do colégio, e a tal professora acabou saindo do colégio um tempo depois.

É horrível saber que o meu estado do RIO GRANDE DO SUL é o estado mais preconceituoso do Brasil. Temos que acabar com essa reputação ruim, até porque temos que mostrar aos outros que não é a cor que define o caráter da pessoa. Somos todos iguais; o que muda é só a cor da pele. Mesmo sabendo que isso não vai mudar tão cedo, infelizmente, os pais têm de começar a ensinar seus filhos desde cedo a respeitar todo mundo, não importa o que eles sejam. Aprender que cometer preconceito com alguém é errado; se não explicarem, isso nunca vai mudar, até porque a educação vem de casa.

Daniel Rodrigues Almeida e Nadine Gabrielle C. Farias

Notas dos orientadores

1. Apresentação e metodologia

Uma cidade mais viva se constrói através do resgate de sua história, memória e identidade. Cada recanto da “mui e valorosa” Porto Alegre foi forjado pelo trabalho e pela luta diária de um povo. Muitos sujeitos da cidade têm a sua trajetória histórica esquecida e relegada a um segundo plano. Um olhar historiográfico equivocado, sob o ponto de vista do civilizador, branco e vencedor, apaga a memória de culturas importantes para a formação de nosso estado.

Esse novo olhar historiográfico é o que de mais precioso tem esse Projeto Memórias de Trabalho e Não Trabalho Quilombola, ação conjunta do Memorial da Justiça do Trabalho e do Colégio Estadual Paraná, financiado pelo Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região do RS. Resgatar a história, a cultura, as memórias de trabalho, a luta e a resistência do Quilombo Lemos, um dos sete quilombos urbanos da cidade de Porto Alegre, é dar voz e protagonismo ao negro.

A partir da proposta, os professores orientadores da pesquisa selecionaram a turma que integraria esse trabalho. Coube à turma do primeiro ano do Ensino Médio do turno da tarde a tarefa de reescrever essa história. Como critério de seleção, a mesma possuía em sua maioria alunos e alunas de origem afrodescendente.

A metodologia empregada na pesquisa, que de certa forma teve maior aceitação da turma e gerou resultados positivos, foi a produção de textos livres de forma individual ou em pequenos grupos a partir do material coletado. Os professores orientadores delimitaram apenas eixos fundamentais para a redação dos textos: História e Origem do Quilombo Lemos, as memórias de trabalho no Quilombo Lemos e o Racismo.

O trabalho respeitou acima de tudo nos mais variados temas o olhar sensível e a visão específica de cada aluno que produziu material,

justamente para resgatar sobre um mesmo assunto os diferentes olhares historiográficos. Para isso a pesquisa utilizou-se de vários momentos fundamentais: uma primeira visita de Sandro Lemos à escola onde retratou a história e origens do Quilombo Lemos, visitas guiadas ao quilombo onde foram entrevistados Sandro Lemos, Sônia, sua irmã, e também sua sobrinha. E, por fim, uma nova visita de Sandro Lemos ao Colégio Estadual Paraná, onde tratou questões específicas sobre trabalho e racismo. Todas essas visitas e entrevistas foram fotografadas e filmadas e revistas pelos alunos para que de posse dos dados pudessem redigir os textos de forma mais consistente. Preocupou-se em construir uma visão de todo o processo. Ao mesmo tempo em que os textos foram construídos pelas falas, memórias e documentos que constituíram as fontes documentais da pesquisa.

Os alunos e alunas tiveram a oportunidade de junto a todo esse processo participar do Projeto Pedagogia do Sopapo, realizado no ponto de cultura Quilombo do Sopapo. Através da oficina de escrita criativa puderam aprender um pouco mais sobre a história do tambor de sopapo e como esse instrumento foi fundamental para a resistência negra e valorização da sua cultura. E como a música apresenta de forma criativa expressões, histórias da cidade e identidade de um povo.

Os textos neste capítulo produzidos expressam um incansável trabalho de todos os envolvidos nesse processo na escola: professores orientadores e alunos, quilombolas e equipe diretiva. Foi marcado por um verdadeiro “mutirão” de atendimento integral por vários dias de pesquisa, escrita, revisão e digitação dos textos. Momentos de intensa discussão, de aprofundamento metodológico de uma pesquisa histórica e acima de tudo a compreensão de quanto mal fazem o racismo, o preconceito e a discriminação para a memória de trabalho do povo negro.

2. Algumas ponderações

Na maioria dos quilombos urbanos de Porto Alegre, foi o trabalho que definiu o espaço de localização do quilombo. No caso do Quilombo Lemos não foi diferente; foi a necessidade de residir perto do trabalho. Seus fundadores eram funcionários do Asilo Padre Cacique ou trabalhavam nas casas de seus diretores. Encontraram uma área sem proprietário e se estabeleceram. Apesar de sempre reivindicar sua descendência quilombola, os anciãos dessa família nunca tiveram a preocupação em regularizar a área que ocupavam. O mesmo não ocorreu com o asilo, que num processo de usucapião anexou a área que ocupava, mais a área onde reside a família Lemos. Foi com o processo de reintegração de posse que os descendentes buscaram o reconhecimento de sua origem quilombola com o objetivo de manter a propriedade da terra. Entre o final de 2018 e o início de 2019 ocorreu o reconhecimento do quilombo pela Fundação Palmares, restando agora a parte mais difícil: a demarcação do espaço pelo Governo Federal.

O Quilombo Lemos, sob o ponto de vista cultural, tenta hoje re-encontrar suas origens. Por não possuir anciãos, muito de sua memória e da cultura quilombola se perdeu. No entanto é um quilombo que se estabelece no cenário porto-alegrense através da luta política e da resistência à especulação imobiliária. Seus líderes tentam transformar o espaço num local de aglutinação dos quilombos, da cultura afro-brasileira e de resistência aos ataques recebidos. Nós professores e alunos do Colégio Paraná queremos agradecer por nos permitir registrar suas memórias e pela receptividade da família Gonçalves Lemos.

Mas, como professores, nosso foco sempre são os alunos. No início, foi difícil lidar com a inexperiência dos estudantes em participar de um projeto de pesquisa. Careciam de criticidade, de argumentação, de organização, e sua capacidade de escrita era limitada. Os primeiros textos tiveram que ser refeitos várias vezes. No entanto, ao longo do tempo, percebemos as mudanças ocorridas: começaram a propor de-

bates, a expressar sua opinião, a ser questionadores. Mas foi na questão sobre o racismo que a turma deu a grande virada. Não bastava mais escrever sobre as memórias do quilombo; para eles, era necessário expressar suas vivências e suas opiniões, o que nós orientadores permitimos.

Foi uma grande alegria participar desse processo, que não seria possível sem o total apoio da equipe diretiva, que atendeu todas as solicitações feitas pelos orientadores. Inclusive de exclusividade dos alunos para o projeto por quase três semanas para elaborar as redações. Também agradecemos aos demais professores do colégio que cederam seus períodos e cobriram os professores orientadores em suas outras turmas. E, por último, ao Memorial do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região que nos deu a honra de participar desse maravilhoso projeto.

Carlos Reni Pinto da Silva (Professor Orientador)
e Fabio Dullius (Professor Orientador)

Referências

APÓS impasses, reintegração de posse de quilombo na área do Asilo Padre Cacique é suspensa. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07/11/2018. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/ap%C3%B3s-impasses-reintegra%C3%A7%C3%A3o-de-posse-de-quilombo-na-%C3%A1rea-do-asilo-padre-cacique-%C3%A9-suspensa-1.280967>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

DORNELES, Luiza. Quilombo Lemos: Resistência é marca na luta pela preservação da cultura negra. **Humanista**, UFRGS, Porto Alegre, 17/01/19. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2019/01/17/quilombo-lemos-resistencia-e-marca-na-luta-pela-preservacao-da-cultura-negra/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FLAVIANE, Favero. Disputa por terra: asilo de Porto Alegre e família quilombola protagonizam impasse. **Alegrete Tudo, Alegrete**, 16/11/2018. **General, Notícias, Região**. Disponível em: <<https://alegretetudo.com.br/disputa-por-terra-asilo-de-porto-alegre-e-familia-quilombola-protagonizam-impasse/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

FLECK, Giovana. Sem cumprir protocolo, reintegração de posse do Quilombo Lemos é suspensa. **Sul21**, 7/11/2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/cidades/2018/11/sem-cumprir-protocolo-reintegracao-de-posse-do-quilombo-lemos-e-suspensa/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

GRÜNE, Caroline. Quilombolas e asilo disputam área na Capital. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 19/03/2019. Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/cadernos/jornal_da_lei/2019/03/674656-quilombolas-e-asilo-disputam-area-na-capital.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.

HEURICH, Joyce et al. Disputa por terra: asilo de Porto Alegre e família quilombola protagonizam impasse. **G1 RS**, Porto Alegre, 16/11/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2018/11/16/disputa-por-terra-asilo-de-porto-alegre-e-familia-quilombola-protagonizam-impasse.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

IMPASSE entre quilombolas e Justiça marca reintegração de posse em área do Asilo Padre Cacique. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07/11/2018. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/impasse-entre-quilombolas-e-justi%C3%A7a-marca-reintegra%C3%A7%C3%A3o-de-posse-em-%C3%A1rea-do-asilo-padre-cacique-1.280944>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

JUSTIÇA determina que situação do Quilombo Lemos seja decidida em âmbito federal. **Sul21**, 20/11/2018. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/11/justica-determina-que-situacao-do-quilombo-lemos-seja-decidida-em-ambito-federal/>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

QUILOMBOS em Porto Alegre. Rogério Mendelski. Jornalista, Porto Alegre, 12/11/2018. Entrevista do diretor do Asilo Padre Cacique concedida ao jornalista Rogério Mendelski. Disponível em: <<https://www.rogeriomendelski.com.br/sitio/2018/11/12/quilombos-em-porto-alegre/>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

QUILOMBO Lemos, em Porto Alegre, está ameaçado de despejo. **Esquerda online**, 12/11/2018. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br/2018/11/12/quilombo-lemos-em-porto-alegre-esta-ameacado-de-despejo/>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

<<https://mundoeducacao.bol.uol.cj.com.br/sociologia/racismo.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

<<https://www.geledes.org.br/voce-sabe-o-que-e-discriminacao-racial/#>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

Entrevistas, palestras e rodas de conversa

LE MOS, Sandro. História do Quilombo Lemos. Colégio Estadual Paraná, 26/04/19. Palestra ministrada aos alunos da turma 1101T do Colégio Estadual Paraná.

LE MOS, Sandro. História do Quilombo Lemos e o Processo de Desapropriação. Quilombo Lemos, 06/06/19. Roda de conversa aos alunos da turma 1101T do Colégio Estadual Paraná.

LEMOS, Sônia. História, Desapropiação, Racismo e Mulheres no Quilombo Lemos. Quilombo Lemos, 13/06/19. Entrevista concedida aos alunos da turma 1101T do Colégio Estadual Paraná.

LEMOS, Sandro. Quilombo Lemos: Racismo e Trabalho. Colégio Estadual Paraná, 17/07/19. Entrevista Concedida aos alunos da turma 1101T do Colégio Estadual Paraná.

Imagens

ABERTURA DO EVENTO



Foto: Inácio do Canto Rocha Filho.

Abertura do Evento



Foto: Inácio do Canto Rocha Filho.



Foto: Inácio do Canto Rocha Filho.



Foto: Katia Teixeira Kneipp.



Foto: Inácio do Canto Rocha Filho.

QUILOMBO DOS SILVA

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL BAHIA



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.



Foto: Caroline Felipe.

QUILOMBO DO AREAL
COLÉGIO ESTADUAL CORONEL AFONSO
EMÍLIO MASSOT



Foto: Sthefani Azevedo Porteiro.



Foto: Neiva Inês Lazzarotto.



Foto: Luís Pedro da Rosa Fraga.



Foto: Luís Pedro da Rosa Fraga.



Foto: Luís Pedro da Rosa Fraga.



Foto: Luís Pedro da Rosa Fraga.



Foto: Luís Pedro da Rosa Fraga.



Foto: Luís Pedro da Rosa Fraga.

QUILOMBO DOS ALPES
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO
PROFESSOR OSCAR PEREIRA



Foto: Jaqueline Fraga Ricacheski.



Foto: Jaqueline Fraga Ricacheski.



Foto: Jaqueline Fraga Ricacheski.



Foto: Jaqueline Fraga Ricacheski.



Foto: Jaqueline Fraga Ricacheski.



Foto: Luís Pedro da Rosa Fraga.



Foto: Jaqueline Fraga Ricacheski.



Foto: Richard Gomes Honorato.

QUILOMBO FIDELIX

COLÉGIO ESTADUAL PROTÁSIO ALVES



Foto: Edson Gabriel Borba Ribeiro.

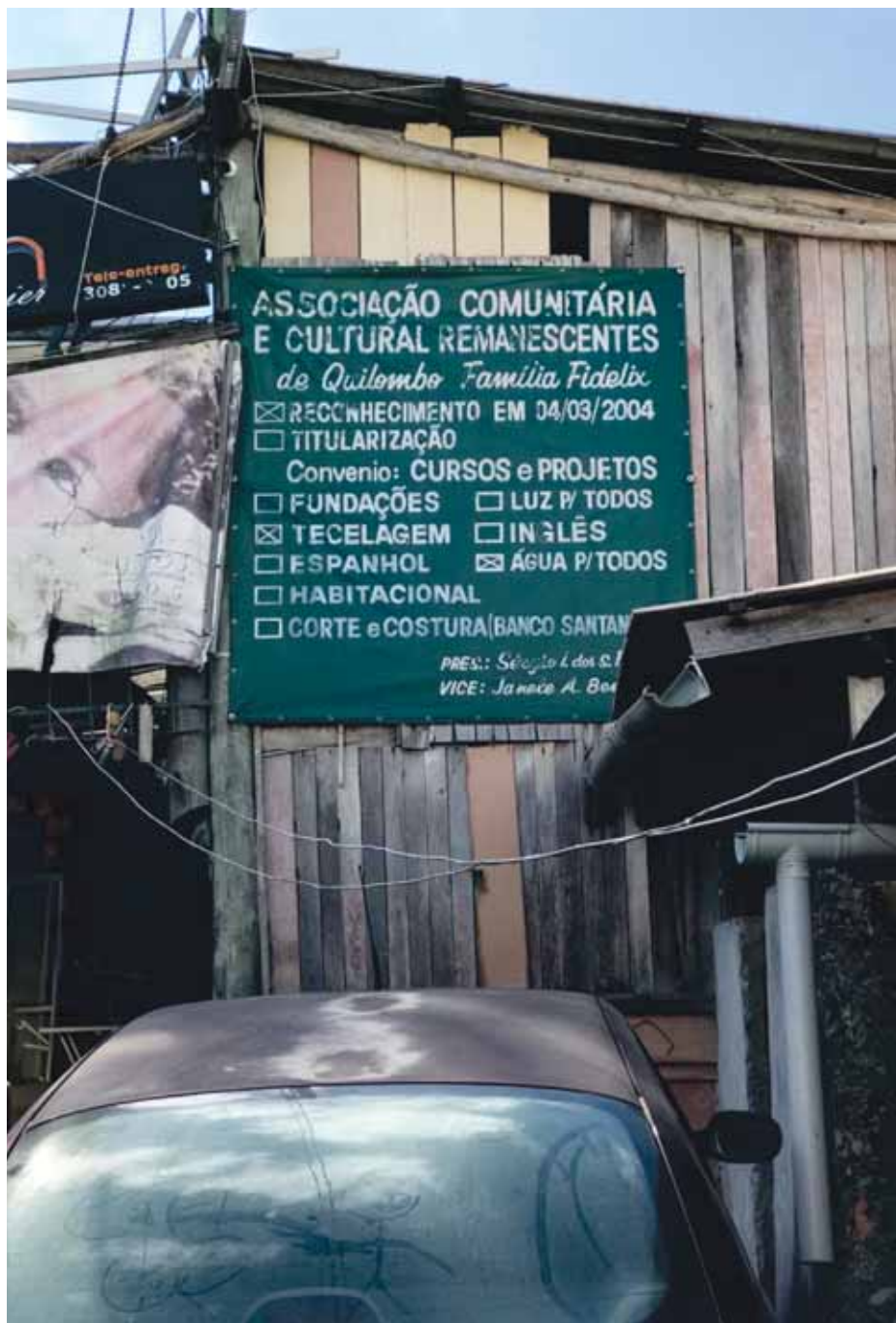


Foto: Katia Martini Labarthe.



Foto: Lucas Mateus Borges Cadiñeira.



Foto: Gilian Vinicius D. Cidade.



Foto: Maysa Pereira Fraga.



Foto: Gabriella de Fátima Batista Becker.



Foto: Denúsia Souza.



Foto: Inácio do Canto Rocha Filho.

QUILOMBO DOS MACHADO

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO BÁSICO DR. LIBERATO SALZANO VIEIRA DA CUNHA



Foto: Cássia Marques Serpa.



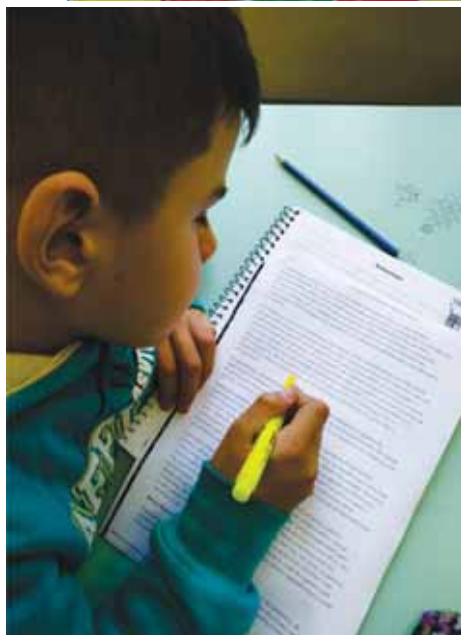
Foto: Cássia Marques Serpa.



Foto: Cássia Marques Serpa.



Fotos: Cássia Marques Serpa.



Fotos: Cássia Marques Serpa.



Fotos: Cássia Marques Serpa.



Foto: Cássia Marques Serpa.



Foto: Cássia Marques Serpa.



Foto: Cássia Marques Serpa.



Foto: Cássia Marques Serpa.



Foto: Cássia Marques Serpa.



Foto: Cássia Marques Serpa.

QUILOMBO DOS FLORES

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL GABRIEL OBINO



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.



Foto: Luiza Marzano Assumpção.

QUILOMBO LEMOS

COLÉGIO ESTADUAL PARANÁ



Foto: Fábio Dullius.

Árvore Genealógica da Família Gonçalves Lemos.

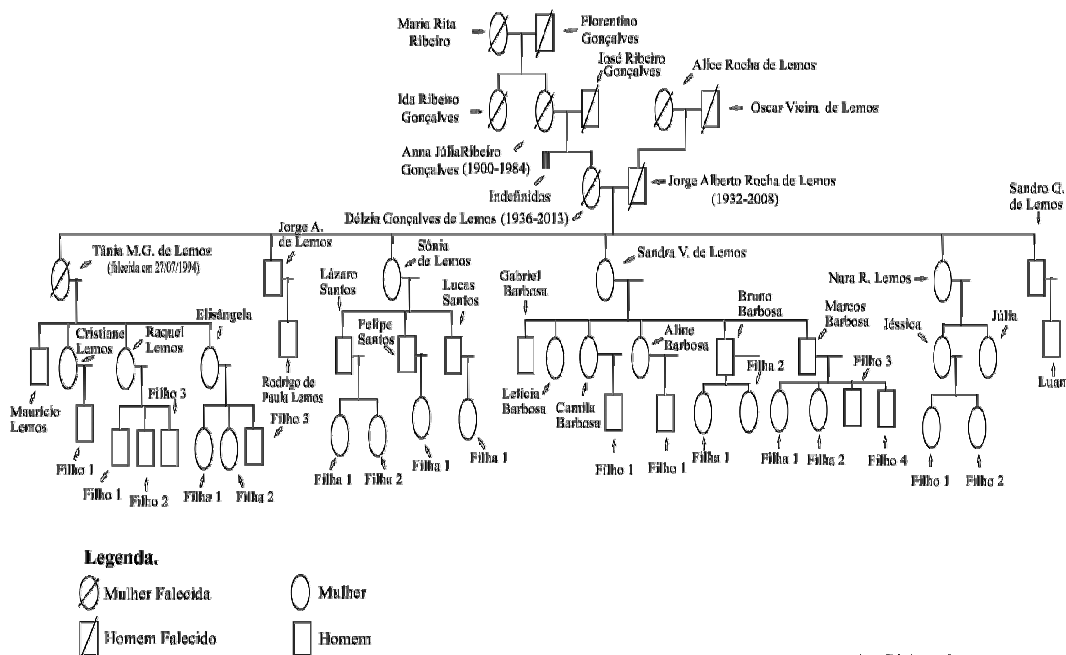




Foto: Carlos Reni Pinto da Silva.



Foto: Liana Costa Borges e Aline Farias.



Foto: Liana Costa Borges e Aline Farias.



Foto: Liana Costa Borges e Aline Farias.



Foto: Liana Costa Borges e Aline Farias.



Foto: Liana Costa Borges e Aline Farias.



Foto: Liana Costa Borges e Aline Farias.



Foto: Liana Costa Borges e Aline Farias.



Foto: Liana Costa Borges e Aline Farias.



Foto: Fábio Dullius.



Foto: Fábio Dullius.

“Então é isso, é persistir, resistir, batalhar para que a nossa cultura e a nossa história primeiramente continue no mesmo lugar, no seu lugar de nascimento, tradição e pertencimento, porque este lugar nos pertence, a gente sempre viveu aqui, a comunidade sempre esteve aqui, muito antes da Cidade Baixa e Menino Deus se desenvolverem como um dos bairros mais importantes de Porto Alegre, mas a comunidade sempre esteve aqui, então eu acho que a nossa luta é válida.”

Fabiane Figueiredo Xavier
Quilombo do Areal

